

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

TABEA EPP KUSTER ALVES

ENTRE ESPADAS, FLORETES E SABRES: UMA HISTÓRIA DA
CIVILIZAÇÃO DOS COSTUMES NA ESGRIMA

CURITIBA

2018

TABEA EPP KUSTER ALVES

ENTRE ESPADAS, FLORETES E SABRES: UMA HISTÓRIA DA
CIVILIZAÇÃO DOS COSTUMES NA ESGRIMA

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Educação Física do Programa de Pós-Graduação em Educação Física, do Setor de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Dr. Prof. Marcelo Moraes e Silva

CURITIBA

2018

Universidade Federal do Paraná. Sistema de Bibliotecas.
Biblioteca de Ciências Biológicas.
(Telma Terezinha Stresser de Assis –CRB/9-944)

Alves, Tabea Epp Kuster

Entre espadas, floretes e sabres: uma história da civilização dos costumes na esgrima. / Tabea Epp Kuster Alves. – Curitiba, 2018.
94 p.: il. ; 30cm.

Orientador: Marcelo Moraes e Silva

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Biológicas. Programa de Pós-Graduação em Educação Física.

1. Esgrima. 2. História. I. Título. II. Silva, Marcelo Moraes e. III. Universidade Federal do Paraná. Setor de Ciências Biológicas. Programa de Pós-Graduação em Educação Física.

CDD (20. ed.) 796.86



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR SETOR DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EDUCAÇÃO FÍSICA

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em EDUCAÇÃO FÍSICA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **TABEA EPP KÜSTER ALVES**, intitulada: **ENTRE ESPADAS, FLORETES E SABRES: UMA HISTÓRIA DA CIVILIZAÇÃO DOS COSTUMES NA ESGRIMA**, após terem inquirido a aluna e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de Mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

Curitiba, 23 de Fevereiro de 2018.

MARCELO MORAES E SILVA(UFPR)
(Presidente da Banca Examinadora)

FERNANDO RENATO CAVICHIOLLI(UFPR)

JANICE ZARPELLON MAZO(UFRGS)

Dedico esta dissertação ao meu esposo Rodrigo Leandro Kuster Alves que em todo tempo apoia os meus sonhos e comemora minhas conquistas.

Também dedico ao meu orientador Marcelo Moraes e Silva, por sua competência e paciência no processo desta caminhada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por sua graça e misericórdia renovadas todo dia.

Ao meu marido por todo o suporte e carinho dados nesses dois anos.

À minha família por todo amor e compreensão mesmo em meus momentos de ausência.

Ao Dr. Prof. Marcelo Moraes e Silva por ter aceitado me guiar por esse tempo de mestrado mesmo em momentos de dificuldade.

Aos colegas do grupo de pesquisa pelo auxílio na minha volta à vida acadêmica e na elaboração desse trabalho.

Ao mestre Kato por todo conselho e por acreditar no meu sucesso.

A família ADFP e AMK por me apresentar o mundo da esgrima e por investirem na minha vida profissional.

Ao Programa de Pós Graduação em Educação Física da UFPR por todo suporte durante o processo de mestrado.

A CAPES pelo auxílio financeiro.

RESUMO

O presente trabalho apresenta uma história da esgrima do século XVI ao XX na Europa e sua relação com o processo de civilização dos costumes. O estudo objetivou ressaltar os detalhes do desenvolvimento das técnicas de manejo das espadas e das diferentes armas utilizadas, o gradativo aumento da sensibilidade e as conexões com as transformações sociais mais amplas. Para alcançar tal intento, foi realizada uma pesquisa documental constituída por livros e tratados relacionados ao ensino dos combates com espadas, fontes das quais foram extraídas mudanças técnicas de manejo de espadas e substituição das armas utilizadas ao decorrer do tempo. A base teórica para a análise sociológica foi fundamentada sobre os textos do sociólogo alemão Norbert Elias e do historiador francês Georges Vigarello. Constatou-se que a esgrima foi uma atividade bélica que no decorrer da formação da sociedade de corte se tornou, além de exercício militar, uma forma de defender a honra em desentendimentos pessoais através de duelos. Os duelos, muito em voga no século XVII, receberam restrições cada vez mais rígidas principalmente no século XVIII e XIX. Com isso a brutalidade foi rejeitada com mais veemência e a esgrima acabou sendo praticada de forma mais lúdica, até que por fim se tornou um esporte moderno no final do século XIX. Nessas transformações de funcionalidades para o manejo das armas, foram visíveis as mudanças que demonstraram a intolerância à violência e aumento da sensibilidade. Como exemplo cita-se a guarda, que antes era predominantemente ofensiva. Por sua vez durante o século XIX a guarda se tornou uma posição tanto ofensiva quanto defensiva, com um corpo em equilíbrio para os movimentos que se tornaram mais complexos do que aqueles utilizados no século XVI. As espadas também passaram a ser mais leves no decorrer do tempo, e com isso possibilitaram novas técnicas e formas de tocar o adversário com menos brutalidade do que o golpe violento das espadas grossas e pesadas. A esgrima, como afirma Georges Vigarello, é um bom exemplo da relação entre a história de um esporte e o processo de civilização dos costumes.

Palavras-Chave: Esgrima. Processo civilizador. História da esgrima. Civilização dos costumes. Esporte e sociedade. Duelo. História do Esporte.

ABSTRACT

The present work presents a history of fencing from the 16th to the 20th century in Europe and its relation with the civilizing process of customs. The study aimed to highlight the details of the development of swordsmanship techniques and the different weapons used, the gradual increase in sensitivity and the connections with the broader social transformations. In order to achieve this, a documentary research was carried out, consisting of books and treatises related to the teaching of sword fighting, from which technical changes were made to the handling of swords and the replacement of weapons used over time. The theoretical basis for sociological analysis was based on the texts of the German sociologist Norbert Elias and the French historian Georges Vigarello. It was found that fencing was a warlike activity that in the course of the formation of the court society became, besides military exercise, a way of defending honor in personal disagreements through duels. The duels, much in vogue in the seventeenth century, received increasingly rigid restrictions mainly in the eighteenth and nineteenth centuries. With this, brutality was rejected more vehemently, and fencing was practiced in a more playful way, until finally it became a modern sport in the late nineteenth century. In these transformations of functionalities for the management of the weapons, the changes that showed the intolerance to the violence and increase of the sensitivity were visible. As an example, the guard, who was previously predominantly offensive. In turn during the nineteenth century the guard became a position both offensive and defensive, with a body in balance for movements that became more complex than those used in the sixteenth century. Swords also became lighter in the course of time, and thus enabled new techniques and ways of hitting the adversary with less brutality than the violent blow of thick and, heavy swords. Fencing, as Georges Vigarello states, is a good example of the relationship between the history of a sport and the civilizing process of customs.

Key-Words: Fencing. Civilizing Process. Fencing History. Civilizing Process of customs.

Sport and Society. Duel. Sport History.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – ESPADA E <i>BUCKLER</i>	33
FIGURA 2 – ESPADA E PUNHAL	34
FIGURA 3 – GUARDAS DE MAROZZO.....	35
FIGURA 4 – MOVIMENTO DE A FUNDO	48
FIGURA 5 – MODO DE FERIR POR FORA.....	49
FIGURA 6 – GUARDAS DE CAPO FERRO	51
FIGURA 7 – PARADA DE QUARTA.....	60
FIGURA 8 – A GUARDA DE ESPADA	73
FIGURA 9 – A GUARDA EM GROVE.....	73
FIGURA 10 – ATAQUE AO FLANCO EM SEGUNDA	74
FIGURA 11 – ESGRIMA NOS JOGOS OLÍMPICO DE 1896	80
FIGURA 12 – COMBATE DE ESGRIMA NOS JOGOS OLÍMPICOS DE 1896	80

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
1.1	Descrição das fontes	16.
2	A CONSTITUIÇÃO DA ESGRIMA MODERNA: ELEMENTOS DE UM PROCESSO DE CIVILIZAÇÃO DOS COSTUMES.....	20
2.1	O declínio da idade média: a emergência de novas formas de comportamento .	20
2.2	O controle das emoções e novas formas de se comportar: influências na consolidação da esgrima moderna	25
2.3	Por um aprimoramento da técnica: a criação de um sentimento de si	30
3	A <i>RAPIERA</i> E A <i>SMALL SWORD</i>: SUBSTITUIÇÃO DO CORTE PELA PONTA, DA BRUTALIDADE PELA DELICADEZA	38
3.1	Pelo uso da extremidade: colocar a honra na ponta de uma espada	38
3.2	A criação de um universo erudito: a intensificação dos tratados e manuais de esgrima	43
3.3	A contenção dos jogos e dos divertimentos: o refinamento da arte do maneo da espada	52
4	O SÉCULO XIX E A ESPORTIVIZAÇÃO: A CIVILIZAÇÃO DOS COSTUMES NA ESGRIMA.....	64
4.1	Um divertimento surge de uma proibição.....	64
4.2	Um refinamento das técnicas: cunhando uma maior especialização.....	69
4.3	Uma atividade bélica se torna um esporte	76
4.4	A consolidação da esgrima como um esporte moderno: um reflexo da civilização dos costumes.....	81
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	87
	REFERÊNCIAS	91

1 INTRODUÇÃO

A arte da esgrima é, sem dúvida, uma arte que demanda muito tempo para ser dominada; no entanto, seria difícil descobrir qualquer espadachim assumido que se arrependa do tempo dedicado a ela (...) (CASTLE, 1885, p.223 - tradução livre)¹.

Uma arte que, como explana a epígrafe acima, leva muito tempo para ser dominada na pista de esgrima², pela complexidade de suas técnicas, e, como se percebeu no decorrer desta pesquisa, também levou tempo para ser dominada completamente em seu aspecto sócio-histórico, por conta de sua trajetória e seu desenvolvimento junto à sociedade. A esgrima trata-se de uma prática com história rica, milenar e singular.

Resultados inéditos como a sexta colocação dos Jogos Olímpicos Rio 2016 de Guilherme Toldo e Nathalie Moellhausen no florete e na espada respectivamente, a medalha de ouro nos Jogos Paralímpicos de Londres 2012 conquistada por Jovane Guissone na espada masculina categoria B, e o aumento no número de filiados na Confederação Brasileira de Esgrima (CBE) e no Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB), são indícios de que o Brasil, principalmente nos estados do Rio Grande do Sul (Grêmio Náutico União e SOGIPA), Paraná (Academia Mestre Kato, Círculo Militar do Paraná, Sociedade Thalia, Clube Curitibano e Graciosa Country Club), São Paulo (Esporte Clube Pinheiros, Clube Athletico Paulistano, Círculo Militar de São Paulo Escola de Esgrima Abel Melian, Life Quality Assessoria Esportiva, Projeto Esgrima para Todos, Academia Paulista de Esgrima, Sala São Jorge de Esgrima e Mosqueteiros de Paraisópolis), Rio de Janeiro (Clube Militar da Lagoa e Sport Club Magnólia), Minas Gerais (Barrocas Tênis Clube) e de diversas instituições militares pelo país (como a AFA – Academia da Força Aérea, AMAN – Academia Militar das Agulhas Negras, Escola de Cadetes, CEFAN – Centro de Educação Física Almirante Adalberto Nunes, entre outros), vêm buscando desenvolver a modalidade (CBE, 2018). Aprimorou-se não apenas nas técnicas esportivas, mas também no conhecimento teórico e científico, com o fim de ter algum domínio sobre essa arte, conforme colocou Castle (1885) na epígrafe utilizada acima.

¹ “*The art of fence is undoubtedly a long one to master; nevertheless, it would be difficult to discover any swordsman of standing who regrets the time he has devoted to it; (...)*” (CASTLE, 1885, p.223).

² Os combates de esgrima são jogados sobre uma pista metálica de 14m de comprimento por 1,5 a 2m de largura, essa é a área máxima no qual o jogador pode se movimentar. (Disponível em fie.org, *Book 1: Technical Rules*, acesso em 25 de maio de 2017).

Na língua portuguesa, mais especificamente no Brasil, são diversos os trabalhos publicados que falam sobre a esgrima, sendo que alguns procuram registrar de alguma maneira a história dessa modalidade no país (ANJOS, 2004; CANTARINO FILHO, 2005; ALMEIDA, 2010; CARMONA, 2012; BARSOTTINI *et al.*, 2013; CARMONA *et al.*, 2014). Cabe destacar que também existem trabalhos sobre o ensino de técnicas do manejo das armas, principalmente oriundos do meio militar, escritos para o ensino da esgrima nas escolas do exército e para a escola de mestres d'armas, também situada na Escola de Educação Física do Exército (BALAGNY, 1911; ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO EXÉRCITO, s/d). Contudo, as publicações científicas apresentadas em forma de artigo, dissertações, teses e livros buscam em sua maioria, trazer registros de uma história da esgrima que se constrói há mais de duzentos anos no Brasil (ANJOS, 2004; CANTARINO FILHO, 2005; ALMEIDA, 2010; CARMONA, 2012; BARSOTTINI *et al.*, 2013; CARMONA *et al.*, 2014).

A presente dissertação pretende somar aos trabalhos descritos acima, no sentido de tentar reconstruir a memória da esgrima para mostrar como se processou a esportivização da prática. Ao escrever essa história, buscou-se ter como referencial para a construção histórica os trabalhos dos historiadores franceses Marc Bloch (2001) e Jacques Le Goff (2005), sem que se trouxesse apenas um discorrer dos fatos e uma história positivista, mas com olhar crítico e metodologia baseada na perspectiva histórica desenvolvida e discutida por esses autores da denominada Escola de *Annales*³.

Nesse sentido, a presente dissertação buscou responder as seguintes indagações: Como o processo de civilização dos costumes contribuiu na constituição da Esgrima Moderna e qual o papel do aumento da sensibilidade na metamorfose da esgrima de uma atividade bélica para um esporte moderno do século XVI ao XIX?

Norbert Elias (2011), em seu livro “O processo civilizador”, ao descrever aspectos da civilização dos costumes, com ênfase, sobretudo, na história da França, destaca que o processo não se deu de forma homogênea nas comunidades de um mesmo país e nem em todos os países ao mesmo tempo e da mesma forma. Porém, reforça que de uma maneira ou outra, em épocas distintas, o processo se reproduz de forma parecida em diversos lugares. Portanto, para compreender o processo ocorrido na implantação da esgrima nos diversos

³ Fundada por Lucien Febvre e Marc Bloch em 1929, a Escola de *Annales* procurou ir além da visão positivista da história, renovando e ampliando o quadro das pesquisas históricas ao abrir o campo da História para outras áreas como a Antropologia, Sociologia, Psicologia, Economia, Geografia, etc (LE GOFF, 2005).

países, como no Brasil, intende-se aproximar o processo civilizador à história da esgrima nos países europeus, considerados o “berço” da Esgrima Moderna (CASTLE, 1885, HERGSELL, 1896). Sendo assim, serão trazidos elementos presentes desde a Idade Média até a Modernidade, enfocando o início dessa prática, uma vez bélica e atualmente um esporte moderno.

A esgrima diverge de diversos outros esportes por não ter seu início em um divertimento e originando-se de uma atividade bélica. Vigarello (2008) lembra que era uma atividade necessária no dia a dia de muitos indivíduos, para posteriormente, após o declínio dos duelos, se tornar um divertimento e no século XIX se transformar em um esporte. Uma modalidade que foi transformada pelo desenvolvimento de tecnologias de armamento, pelo aumento da sensibilidade da sociedade, por técnicas de manejo cada vez mais específicas e por um sistema judicial complexo. Torna-se necessário salientar que não se tem como objetivo emitir juízos de valores sobre essa história, assim como Norbert Elias (1993; 2001; 2011) também deixou transparecer em seus diversos textos. Afinal não se pode afirmar que as transformações ocorridas foram um melhoramento e/ou um aprimoramento ao longo tempo. Simplesmente as metamorfoses surgiram para atender às necessidades de cada tempo e espaço.

Egerton Castle⁴ (1885) também seguiu essa linha argumentativa, quando colocou que é um paradoxo querer colocar o manejo de armas do século XIX como superior ao realizado nos séculos anteriores. O autor salienta que em outras épocas até mesmo o indivíduo mais pacífico precisava estar pronto para lutar pela sua vida em qualquer momento. A esgrima com o passar dos séculos se tornou cada vez mais complexa, com técnicas apuradas. Pode-se citar como exemplo, a guarda que no século XVI era a posição de início do esgrimista, da qual ele iria desferir um ataque sem qualquer objetivo de se defender. Já no século XIX torna-se a posição na qual o indivíduo teria igual possibilidade de ação, tanto para a defesa quanto para o ataque. A quantidade de movimentos realizados também aumentou, até mesmo porque as armas se tornaram mais leves no decorrer do tempo, possibilitando ataques e defesas compostas.

⁴ Egerton Castle (1858-1920) nasceu em Londres, militar que também foi esgrimista, capitão da equipe de sabre e de espada nos jogos Olímpicos de 1908 e também escritor. Entendia que sua escrita era mais poderosa que sua espada.

Nesse sentido, é possível aproximar essas mudanças com o processo de civilização dos costumes levantado por Norbert Elias (1993; 2001; 2011). O que não quer dizer que as técnicas utilizadas no século XVIII seriam adequadas no século XIV. Essas técnicas que atualmente podem parecer óbvias aos praticantes de esgrima, foram desenvolvidas de acordo com as necessidades de cada momento e a partir de tentativas das mais variadas para que se encontrassem aquelas que realmente pudessem ser mais eficientes, conforme lembra o próprio Castle (1885, p.11 – tradução livre), na seguinte passagem: “Todos esses variados princípios e ações formam a base da Arte da Esgrima. Simples e óbvios como são, foram necessários trezentos anos de experimentos práticos para a sua redução a um sistema completo⁵”.

Castle (1885) dividiu a história da Esgrima Moderna⁶, na França e na Inglaterra, em quatro partes. A primeira seria até a metade do século XVI, a esgrima em sua forma mais bruta, com espadas pesadas e em que cada localidade combatia com suas espadas de características regionais. Já a da segunda metade do século XVI até o primeiro quarto do século XVII, o autor denominou como período de Era da *Rapiera*, pois diversos países adotaram a espada espanhola mais leve e que permitia a estocada⁷. Após essa fase, começou um período de transição, a terceira parte que está situada entre o segundo e o terceiro quarto do século XVII, que o autor definiu como período de transição entre a espada *Rapiera* e a *Small Sword* (Espada Curta). Por fim, há a era da *Small Sword*, situada entre o final do século XVII e a Revolução Francesa.

Em um primeiro momento quando escutamos sobre a esgrima de espada como uma arte, o jogo, que consistia em muitos cortes imprudentes e uma boa quantidade de “luta natural”, poderia ser chamado de simples. Isso era sobre os primeiros anos do século dezesseis, e sabemos que a espada era então igual e comparativamente simples. A guarda mais comumente utilizada consistia de um *quillon* (guarda-mão) simples com ou sem *pas d'âne*. Durante o curso do século dezesseis a ciência da esgrima foi assiduamente cultivada em cada país, e ao final do mesmo século tinha se tornado muito intrincada e de fato, cada movimento com a espada e corpo foi analisado, e *pari passu*, durante aquele período a guarda da espada se transformou no punho completo da *Rapiera*. (...) O século dezessete viu uma mudança não menos completa de caráter, tanto na arte como no implemento. O jogo de corte e estocada foi separado, e o esgrimista, descartando todas as ações de corte do seu jogo por serem mais brutais e menos efetivos do que a estocada, gradualmente

⁵ *All these various principles and actions form the basis of the Art of Fencing. Simple and obvious as they are, three hundred years of practical experiments were required for their reduction to a complete system*” (CASTLE, 1885, p.11).

⁶ Como esgrima moderna o autor entende a esgrima com características aproximadas aos combates realizados em sua época (no século XIX), em que a arma é utilizada tanto para o ataque como para a defesa e em que habilidades como velocidade e agilidade são necessárias (CASTLE, 1885).

⁷ Estocada é o toque efetivado com a ponta da arma.

reduziu a comprida e pesada *Rapiera* às dimensões da *Small Sword* (CASTLE, 1885, p. 226 - tradução livre)⁸.

O autor escreveu seu livro no ano de 1885, portanto, dividiu a história somente até o início do século XIX. Na presente dissertação serão acrescentados ainda os séculos XIX e início do século XX, período no qual a esgrima passou por um processo de esportivização⁹, e de intensa institucionalização que culminou com a criação da Federação Internacional de Esgrima, em 29 de novembro de 1913 (FIE, 2017) e das confederações nacionais em diversos países, como por exemplo, a Confederação Brasileira de Esgrima, criada em 1927 sob o nome de União Brasileira de Esgrima (CBE, 2017). Além disso, foram elaborados regulamentos para organizar e padronizar as competições. Pode-se destacar também o período após a década de 1930, quando o árbitro de espada recebe o apoio dos aparelhos elétricos para julgar os toques executados, e a partir de então recebe mais inovações até que as três armas têm como prova da materialidade de seus toques as luzes dos aparelhos nas décadas de 1980 e 1990 (FIE, 2017). Porém, este trabalho, por delimitação temporal não englobará esse período (após criação da FIE).

Ao longo dos quatro séculos englobados para discorrer sobre a história da Esgrima Moderna, objetivos, técnicas, habilidades e armas foram modificadas, porém o que se intenta evidenciar é que essas mudanças não aconteceram com data marcada e de forma homogênea. As metamorfoses fizeram parte de um processo longo e cego (não planejado) e de forma não isolada, todavia, acompanharam as mudanças de hábitos, sensibilidades, desenvolvimento tecnológico, enfim, o processo de civilização dos costumes tão bem descrito por Norbert Elias em suas diversas obras.

⁸ *At the very earliest time when we hear of sword fencing as an art, the play, which consisted of a very reckless cutting and a good deal of "natural fighting", may be called simple. This was about the first years of the sixteenth century, and we know that the sword was then likewise comparatively simple. The guard in most common use consisted of plain quillons with or without rings or pas d'âne. (...) During the course of the sixteenth century the science of fence was assiduously cultivated in every country, and about the end of the same century it had become a very intricate and indeed, in which every movement of sword and body was analyzed, and, pari passu, during that period the sword guard developed into the complete rapier hilt. (...) The seventeenth century saw a no less complete change of character, both in the art and in the implement. The cut-and-thrust play became separated, and the fencer, discarding all cutting action from his play as more brutal and less effective than the thrust, gradually reduced the lengthy and heavy rapier to the dimension of the small sword (CASTLE, 1885, p.226).*

⁹ Segundo Elias e Dunning (1992) a esportivização seria o processo pelo qual jogos, passatempos e divertimentos populares vão se transformando em práticas institucionalizadas, passando a ser mais regradas e controladas.

Sendo assim, dividiu-se a história da esgrima e suas relações com a sociedade e o processo de civilização em três capítulos. No primeiro, analisa-se a transformação da luta com espadas como atividades bélicas em um combate mais complexo, com armas mais leves e sem armaduras pesadas.

Por sua vez, o segundo capítulo da presente dissertação de mestrado evidencia o uso da *Rapiera* e depois da *Small Sword*, a apuração das técnicas em cada uma delas e também a utilização dessas armas em duelos presentes no dia-a-dia dos homens, principalmente da nobreza europeia.

Por fim, o terceiro capítulo descreve como a esgrima após Revolução Francesa se tornou um divertimento, como precisou se adequar aos novos padrões sociais em um contexto no qual a população estava cansada de violência, para então em meados do século XIX ser esportivizada e cada vez mais institucionalizada, encerrando o capítulo com as características que exemplificam o processo de esportivização pelo qual a esgrima passou.

Conforme indica Bloch (2001) não se deve escrever a história de algum acontecimento, apenas falando em como surgiu e quais foram suas causas, sem estudar o momento em que surgiu e as características dessa época. O mesmo se pode dizer sobre a configuração atual de algum objeto de estudo, nesse caso da Esgrima Moderna. O que se está afirmando nessa dissertação de mestrado é que não se trata de um mero “entender o presente através do passado”, e sim operacionalizar, como Bloch (2001, p.63) indica na seguinte passagem: “(...), a ignorância do passado não se limita a prejudicar a compreensão do presente; compromete, no presente, a própria ação”. Sendo assim, entende-se que a exposição desse processo histórico poderá acrescer à compreensão e ao desenvolvimento da configuração atual da esgrima enquanto um esporte moderno.

Além dessa compreensão o trabalho tem como objetivo apresentar aos leitores: a) A estreita relação entre o desenvolvimento dos esportes e as mudanças sociais, no tempo e no espaço em que estão inseridos; b) Trazer à reflexão o porquê de algumas mudanças que já ocorreram e que ainda estão em curso em diversos esportes, e como é possível adaptar as práticas a novos contextos sociais; c) E por fim, demonstrar a partir de um esporte que perpassou tantos séculos e se apresentou em diversas funções e faces, a resiliência de uma prática corporal perante o processo de civilização dos costumes. As fontes consultadas para atingir esses objetivos serão descritas a seguir.

1.1 Descrição das Fontes

(...) todo conhecimento da humanidade, qualquer que seja, no tempo, seu ponto de aplicação, irá beber sempre nos testemunhos dos outros uma grande parte de sua substância (BLOCH, 2001, p.70).

As fontes priorizadas para esta dissertação foram as documentais, sobretudo, as impressas, complementadas com algumas fontes iconográficas. As definições e delimitação dessas fontes foram encontradas em ensinamentos realizados por Bacellar (2008), Luca (2008) e Lima e Carvalho (2013).

Foi realizado um levantamento e uma revisão bibliográfica utilizando como fontes primárias livros e artigos. O primeiro levantamento foi realizado em fontes que fossem em português, buscando artigos, dissertações e teses que abordassem a temática. Os textos encontrados foram aqueles descritos no início dessa introdução, tratando-se em sua maioria de trabalhos em torno da história da e também alguns manuais. Apesar de contribuírem com esse trabalho, não poderiam sustentar as respostas aos objetivos desta dissertação de mestrado.

Portanto, em seguida foi realizada uma busca por artigos, trabalhos acadêmicos e livros escritos em outras línguas, priorizando-se os idiomas inglês e alemão. As palavras utilizadas para essa investigação foram: *fencing*, *fencing history*, *fencing in middle ages*, *fechten*, *fechten Geschichte*, entre outras, contudo, não se limitou a essas palavras iniciais e um texto poderia levar a outro através de referências e citações. A pesquisa foi realizada de forma mais aberta durante todo o processo, deixando que a cada momento novos materiais fossem incluídos. Selecionaram-se aqueles que melhor se enquadraram na delimitação temporal e temática, não apenas se apresentando como manuais de esgrima, mas que de alguma forma poderiam contribuir para a aproximação histórica intentada. Como fontes primárias então, se utilizou livros e tratados de esgrima que serão apresentados a seguir.

Para a história da esgrima na Europa utilizou-se principalmente duas obras escritas no século XIX. O livro de Egerton Castle, “*Schools and Masters of Fence: from middle ages to the eighteenth century*”, escrito em 1885, descreve a trajetória da pedagogização da esgrima através da criação das diferentes escolas (francesa, italiana, espanhola e inglesa), através dos tratados de esgrima dos mestres mais famosos de cada país e época, delimitando sua obra do século XV ao ano de 1800. O autor acredita que a necessidade sentida em descrever as mudanças no manejo das armas brancas deve ter algum valor histórico, e aqui, não se irá

somente valorizar a historicidade do livro, mas também suas expressões (não se sabe se intencionais ou não) que remetem às mudanças sociais no decorrer dessa história.

Outra obra utilizada foi o livro, publicado em 1896, de Hergsell, “*Die Fechtkunst im XV. und XVI. Jahrhunderte*” (A Arte da Esgrima nos séculos XV e XVI). O autor assim como Castle também faz uma análise sobre os tratados de esgrima, contudo, sua temporalidade se restringe às obras publicadas nos séculos XV e XVI. Em seu livro são encontradas as descrições de diversos tratados publicados nessa delimitação temporal, dos quais ele retira em detalhes técnicas consideradas pelo autor como importantes para as bases da esgrima daquela época.

Os tratados encontrados em seus formatos originais e comentados pelos dois autores acima, foram utilizados para exemplificar o processo presente no decorrer da transformação da esgrima. Tais textos demonstraram “palpavelmente” a construção analítica que se objetivou traçar nesta dissertação. Como são numerosos os tratados de esgrima, escolheu-se apenas entre aqueles comentados por Castle (1885) e Hergsell (1896), alguns que são considerados pelos próprios autores como importantes para a sua época e revelam características da esgrima não somente em questões técnicas, mas também de comportamentos que os esgrimistas deveriam apresentar, possibilitando assim a aproximação da história da esgrima com o processo de civilização dos costumes levantado por Norbert Elias. Como nenhum dos dois autores englobou tratados do século XIX em suas obras, procurou-se entre artigos e indicações de mestres d’armas tratados que se enquadrassem em requisitos aproximados aos utilizados nos outros. Dentre os tratados encontrados para o século XIX, portanto, escolheu-se um disponível em sua forma íntegra na versão eletrônica, citado em artigos (os quais serão apresentados ao longo desse trabalho) e considerado por esses como referencial em sua época.

Como são vários séculos que se pretende englobar e numerosos são os tratados e manuais publicados nesse período, outra seleção realizada foi a escolha de apenas um tratado por século, priorizando aqueles de que se encontrou o texto completo e que se destacam nos comentários de outros autores utilizados como referência. Sendo assim, os tratados analisados no decorrer deste trabalho são o de Achille Marozzo, intitulado “*Opera Nova*”, escrito em 1536; o tratado “*Gran simulacro dell'arte e dell'uso della scherma*”, de Ridolpho Capoferro publicado em 1629; de “*L’Art des Armes*” de Guillaume Danet publicado em 1766; e *Trattato teorico–pratico della scherma di spada e sciabola* de Masaniello Parise datado de 1884.

O mestre italiano Marozzo, é considerado por Hergsell (1896) como o primeiro a publicar um trabalho tão magnífico e pedagógico de esgrima, e Castle (1885) escreve que seria sábio ter ele como o maior professor da velha escola do manejo de armas, e afirma que os movimentos descritos por Marozzo são típicos daquela época. Por esses motivos seu tratado foi incluído nesta dissertação, apresentando a esgrima do século XVI. Do século seguinte foi escolhido o manual de Capo Ferro, tratado que foi traduzido para diversas línguas servindo como base para outros mestres d'armas. Para Castle (1885) nenhuma obra escrita por um italiano compartilhou de forma tão eficiente os princípios da ciência da espada como a de Capo Ferro, que lecionava a esgrima em terras germânicas.

Para o século XVIII, período em que a escola francesa predominou na esgrima em diversas nações, nada mais justo do que a escolha de um mestre francês para tipificar a esgrima dessa época. Castle (1885), Hergsell (1896) e Serna (2002) classificam o tratado de Danet como inovador para o seu século e sua publicação teve grande alcance junto às escolas de esgrima. Mesmo Czajkowski (2010) que escreve sobre outro mestre italiano contemporâneo de Danet, cita o mestre francês como referência para a sua época, com técnicas para a espada, então utilizadas apenas com a ponta, eficientes e consistentes.

No último capítulo do presente trabalho, é apresentado então um pouco do tratado de Masaniello Parise. A sua obra não é citada por Hergsell nem Castle, porém chama atenção por ainda ser considerada referência para a escola italiana e porque, segundo Hughes (2007), no século XIX os italianos escolheram o manual de Parise como o padrão de esgrima oficial de seu país, seguido principalmente no meio militar. Dado o caráter histórico desse tratado, inclui-se o mestre italiano nesta dissertação.

Em sua maior parte, por existir uma dificuldade linguística (os tratados estarem em italiano e francês), utilizou-se para a análise principalmente os livros que trouxeram técnicas e comentários sobre cada um dos tratados, além de artigos relacionados. Porém, para não se fundamentar apenas sobre terceiros, as informações foram verificadas nos textos originais, e no caso do tratado de Masaniello Parise foi utilizada predominantemente a versão original, sem que se encontrasse alguma referência que trouxesse em mais detalhes informações sobre a sua obra.

Além disso, autores como o sociólogo alemão Norbert Elias¹⁰ e o historiador francês Georges Vigarello embasaram teoricamente esta dissertação de mestrado. Outros autores foram utilizados complementando a aproximação da história da esgrima com o processo de civilização dos costumes. Dos dois autores citados acima serão utilizadas principalmente as obras: *O Processo Civilizador* vol. I e II (1993; 2011), e *A Sociedade da Corte* de Norbert Elias (2001); *A Busca da Excitação* de Norbert Elias e Eric Dunning (1992). Já de Vigarello, autor que inspirou a divisão dos capítulos e subtítulos, serão utilizadas diversas obras, predominantemente os seus três capítulos publicados nos três volumes da *História do Corpo*, livros dos quais o autor também participa como organizador. Os títulos dos seus capítulos são: “Exercitar-se, jogar” (VIGARELLO, 2008); “O corpo trabalhado – Ginastas e esportistas no século XIX” (VIGARELLO; HOLT, 2008); e “Treinar” (VIGARELLO, 2011).

Tanto Elias quanto Vigarello tendem em suas análises a discorrer sobre temas que perpassam espaços temporais amplos. Seus objetos de pesquisa normalmente apresentam evidências quando analisados no decorrer de um longo período. Além disso, não seguem uma linha de tempo estritamente cronológica, vagueando por várias vezes ora em um tempo, ora em outro, retomando constantemente o passado de acordo com a necessidade sentida no decorrer de sua escrita. Trata-se de uma ousadia desejar em tão curto período trazer um trabalho que seja fiel a esses autores, abrangendo tantos anos e não se limitar a uma sequência positivista de fatos, porém, eis uma tentativa que abre as portas para um aprofundamento futuro ainda maior.

¹⁰ Norbert Elias foi um sociólogo alemão, nascido em Breslau em 1897 e faleceu em Amsterdã em 1990. Apesar de já ter desenvolvido cedo a sua teoria do processo civilizador e ter diversos trabalhos publicados, o reconhecimento de suas ideias veio apenas a partir de meados da década de 1970, porém a partir desse momento se tornou um dos sociólogos mais influentes da contemporaneidade (HUNGER *et al.*, 2011; MORAES E SILVA, *et al.* 2014).

2 A CONSTITUIÇÃO DA ESGRIMA MODERNA: ELEMENTOS DE UM PROCESSO DE CIVILIZAÇÃO DOS COSTUMES

2.1 O declínio da Idade Média: a emergência de novas formas de comportamento

Muitas vezes foi dito que uma história da espada seria uma história da humanidade, uma vez que esta última sempre foi uma cadeia de lutas entre nações e homens decididas pela violência. Da mesma forma, verifica-se que as mudanças nos modos da esgrima nos diferentes períodos correspondem, de maneira geral, às mudanças nos costumes (CASTLE, 1885, p.4 - tradução livre)¹¹.

O trecho do livro “*Schools and Masters of Fence: from middle ages to the eighteen century*” de Egerton Castle (1885), utilizado como epígrafe desse tópico, acaba por conectar a história da esgrima com o processo de civilização dos costumes apresentado por Norbert Elias (1993; 2001; 2011). A relação com esse processo já pode ser realizada no momento em que Castle fala sobre a violência utilizada em combates entre nações e indivíduos e se evidencia ainda mais quando o autor aborda as metamorfoses na forma de lutar espadas e que essas acompanharam as mudanças dos costumes.

Norbert Elias (1993; 2011) em seus dois volumes sobre o processo civilizador não cita especificamente o desenvolvimento da luta com espadas e a esgrima. Contudo, no transcorrer deste capítulo da dissertação são apresentadas algumas possíveis relações entre a constituição da esgrima com o processo de civilização dos costumes, utilizando não somente os livros do intelectual alemão sobre o processo civilizador, mas complementando com outros autores que trataram deste assunto, sobretudo, com as contribuições do historiador francês Georges Vigarello (2005; 2008; 2011; 2016).

A “civilização”, como Elias (2011, p.70) define, a qual muitas vezes já se toma erroneamente como pronta na forma atual, “(...) é um processo ou parte de um processo em que nós mesmos estamos envolvidos”. Quando se fala em civilização, como o autor muito bem exemplificou em suas explanações, cada detalhe da humanidade, como hábitos, costumes e divertimentos fazem parte desse processo e se modificam juntamente com ele, ou melhor, a modificação desses faz este transcurso visível. Elias (2011) coloca como ponto de partida para

¹¹ *It has often been said that a history of the sword would be a history of humanity, since the latter has ever been a chain of struggles between nations and men ultimately decided by violence. Similarly, it will be found that the changes in the modes of fencing at different periods correspond in a general way to the changes in manners* (CASTLE, 1885, p.4).

escrever sobre uma civilização dos costumes o período da Idade Média. O intelectual alemão evidencia que não se pode encontrar um marco inicial, contudo enfatiza que é a partir desse período que se tem maiores evidências e fontes para poder demonstrá-lo e comparar a temporalidades ligadas à modernidade.

Ao analisar a história da esgrima, são encontradas diversas transformações que fizeram uma atividade bélica se tornar um Esporte Moderno, que podem ser entendidas como consequência do processo de civilização dos costumes. Diversos autores ao se remeterem à história da esgrima voltam seus olhares à Antiguidade (CRAMER, 1973; ANJOS, 2004; CRAMER; CAMPOS, 2007; CZAJKOWSKI, 2010) e afirmam que o início da esgrima se deu quando o ser humano pela primeira vez utilizou uma espada de metal para atacar outro indivíduo.

As espadas eram utilizadas principalmente em atividades bélicas e foram desenvolvidas cada vez mais para poder suprir as necessidades militares nas guerras. Figuras antigas já demonstram lutas entre indivíduos com espadas, inclusive exercícios para essas lutas. Valarinhos (1993), por exemplo, afirma existir figuras egípcias que revelam uma competição de espadas, nas quais as armas tinham um invólucro em suas pontas e os lutadores também utilizam proteções, consideradas uma ilustração de um tipo de treinamento e/ou jogo entre os combatentes.

Anjos (2004), por sua vez, classifica a esgrima da época primitiva até o final da Idade Média, como “Esgrima Antiga”. Em contrapartida, Castle (1885), ao escrever sobre a história da esgrima, entende que não se precisa ir tão longe para buscar o início, porém, em seu livro avisa que estará falando sobre a sua fase moderna, que para o autor inicia-se na Renascença. Para Castle (1885) e Hergsell (1896) o combate de espadas começou a ter características da modernidade no período do surgimento das armas de fogo. Portanto, para os autores, a história da esgrima moderna inicia-se no final da Idade Média.

Ao utilizar os trabalhos de Norbert Elias e corroborar com Castle na sua colocação de que para escrever sobre a esgrima não se precisa ir muito além do século XV, se encontrou um ponto de partida histórico em comum: a Idade Média. Outra similaridade é que os dois autores também se limitam à Europa, principalmente à França e Alemanha (Norbert Elias) e, além desses dois, à Inglaterra, Itália e Espanha (Castle). O primeiro por colocar que o termo “civilidade” surgiu na França e que o processo de civilização dos costumes é nítido nesse país, também comparando a história e as relações sociológicas do mesmo com as da

Alemanha (ELIAS, 2011). Já o segundo por evidenciar que as causas para o desenvolvimento da “Esgrima Moderna” se deram principalmente nos cinco países europeus citados acima. Portanto, este capítulo, ao discorrer sobre a história da esgrima de forma mais ampla, estará centrado principalmente nessas nações.

Segundo aponta Elias (2011), durante a Idade Média as terras eram governadas pela nobreza de cavaleiros feudais. Conflitos eram constantes, tanto entre senhores de terras, como entre eles e os vassalos. A espada era uma das principais armas utilizadas nesses conflitos. Os cavaleiros com suas armaduras completas combatiam com suas armas pesadas e grandes, golpeavam com força bruta por suas vidas, ganhavam aqueles que tinham mais força e resistência. Nesse momento Castle (1885), indica que a espada era predominantemente uma arma de ataque e a defesa ficava por conta da armadura. Por sua vez, o autor salienta que os burgueses, que não possuíam armadura, precisavam de outra forma de escapar dos golpes. Para esses indivíduos a espada era também uma arma de defesa, e, além dela, contavam normalmente com um *buckler* (pequeno escudo) e com a sua agilidade para desviar dos ataques adversários.

A questão de um combate pessoal entre dois cavaleiros era determinada, em grande medida, pela resistência de sua armadura e, em última instância, pelo seu poder de *endurance*. Mas a luta entre dois camponeses, armados apenas com “*clubs*”¹², ou espada e escudo, admitia necessariamente uma grande variedade de habilidade (CASTLE, 1885, p.13-14, tradução livre)¹³.

Conforme sugere Castle (1885), existiam essas duas formas de combate com as espadas, e para o autor, essa última, que era praticada pela burguesia da Idade Média, em que a espada era utilizada como arma de ataque e defesa, já apresentava a necessidade de ter movimentos mais ágeis, e seria esse elemento uma possível aproximação com o início da esgrima moderna. Contudo, Castle (1885, p.5 – tradução livre), aponta que a “(...) luta rude e sem regras da Idade Média representa fielmente o reinado da força bruta na vida social bem como política (...)”¹⁴, e os burgueses sem as armaduras não tinham chance contra seus

¹² Arma similar a um porrete ou cassetete.

¹³ *The issue of a personal combat between the knights was determined, in a great measure, by the resistance of their armour and, ultimately, by their power of endurance. But a fight between two villains, armed only with clubs, or with sword and buckler, necessarily admitted of a far greater display of skill* (CASTLE, 1885, p.13-15)

¹⁴ *The rough untutored fighting of the Middle Ages represented faithfully the reign of brute force in social life as well as in politics* (CASTLE, 1885, p.5).

governadores cavaleiros, ou seja, a valência física força geralmente se sobrepunha à habilidade e à destreza.

Porém, novos modos de viver e de se comportar estavam por emergir na sociedade europeia. A busca por mais poder e riquezas fez com que os senhores feudais entrassem em guerra uns com os outros na disputa por expansões territoriais. Segundo indicam Pirenne (1968), Norbert Elias (1993) e Le Goff (2014), ao longo do tempo as terras se dividiram sob o poder de poucos senhores e as disputas continuam até que um conseguisse manter seu governo sobre uma grande área e fosse nomeado rei, constituindo uma espécie de poder central. Esse poder central incluía não somente o poder militar, mas também o poder tributário, dominando, portanto, através da força e do controle dos bens materiais. Outro elemento significativo desse período foi o fato de que os indivíduos que perdiam as suas terras começaram a procurar por outras ocupações, aumentando e fazendo florescer as primeiras cidades.

Numa longa série de provas eliminatórias, na gradual centralização dos meios de violência física e tributação, em combinação com a divisão de trabalho em aumento crescente e a ascensão das classes burguesas profissionais, a sociedade francesa foi organizada, passo a passo, sob a formação de Estado (ELIAS, 1993, p.171).

Com o passar do tempo as funções e os trabalhos realizados foram divididos entre diferentes indivíduos, aumentando assim a rede de interdependência entre todos. Consequentemente, um indivíduo necessitava considerar o outro, percebê-lo e medir as suas atitudes em relação a ele (ELIAS, 1993). Sendo assim, ao fim da Idade Média, como apontam Vigarello (2005; 2008a; 2016), Revel (2009), Le Goff e Truong (2015) e Courtine e Haroche (2016), novos costumes e hábitos tomam forma, diferentes sentimentos e sensibilidades emergem de forma mais intensa, enquanto outras emoções são cada vez mais controladas e a sociedade caminha rumo a ser mais civilizada, conforme sinaliza Elias (2011, p.80), na seguinte passagem:

A sociedade estava em transição. O mesmo acontecia com as maneiras. Até mesmo no tom, na maneira de ver, sentimos que, a despeito de todo seu apego à Idade Média alguma coisa nova estava a caminho. A “simplicidade” como a experimentamos, a oposição entre o “bom” e “mau” e entre “compassivo” e “cruel” haviam se perdido. As pessoas encaravam as coisas com mais diferenciação, isto é, com um controle mais forte de suas emoções.

Esse momento histórico para Norbert Elias (2011, p.82) “(...) pertence a uma fase em que a velha nobreza de cavaleiros feudais estava em declínio, enquanto se encontrava em formação a nova aristocracia das cortes absolutistas”. Os guerreiros estavam se transformando em cortesãos nas palavras do intelectual alemão. Essa nova corte que se formou procurou adotar costumes mais refinados e começou a aprender a controlar as suas emoções. Hábitos que atualmente são considerados grosseiros foram amenizados e uma vida de aparência graciosa se tornou, conforme lembram Revel (2009), Courtine e Haroche (2016) e Vigarello (2016), cada vez mais valorizada a partir do Renascimento.

Foram primeiramente os pequenos círculos da corte francesa que adotaram esses novos costumes (REVEL, 2009; COURTINE; HAROCHE, 2016). Somente mais tarde foi que tal processo se tornou mais abrangente, conforme sinalizou o próprio Elias (2011, p.118), pois “(...) a sociedade como um todo permite que as emoções assim modificadas se difundam lentamente pela sociedade”. A estrutura hierárquica foi unificada, permitindo que modas pudessem ser ditadas por um pequeno grupo aristocrático e disseminadas para os outros grupos sociais.

Diversos autores como Elias (2011), Revel (2009), Le Goff (2014), Le Goff e Truong (2015), Courtine e Haroche (2016) e Vigarello (2016), caracterizam essa transição como lenta, afinal novos tipos de comportamento não foram adotados de forma imediata. Nesse momento, pouco a pouco, os indivíduos começaram a perceber mais uns aos outros, e como a corte era formada por uma hierarquia social mais rígida, começaram a imitar os comportamentos daqueles que estavam no topo dessa hierarquia.

No início do século XVI, surge o importante tratado de civilidade formulado por Erasmo de Roterdã¹⁵, intitulado “*De Pueris*”. Em uma época em que a unidade católica estava se rompendo, as hierarquias estabelecidas na Idade Média sofrendo questionamentos por parte da sociedade de corte e cavaleiresca e o absolutismo ainda não se concretizara, uma linguagem comum se fazia necessária, um ponto de apoio que trouxesse algum tipo de estabilidade era almejada, mesmo que não conscientemente (REVEL, 2009). O texto de Erasmo vai ao encontro dessas expectativas se tornando um importante marco desse período.

¹⁵ A civilidade pueril foi publicada em 1530 e escrita por Erasmo de Roterdã, a obra contém orientações sobre comportamentos e regulações da vida social. Essa compilação de regras a princípio foi dedicada a um menino nobre e tinha o objetivo de ensinar sobre a educação de crianças, porém falava sobre assuntos de interesse geral a todas as pessoas (NÓBREGA, 2005).

Assim como o historiador francês Jacques Revel, Norbert Elias também se apropriou dessa obra como fonte de sua pesquisa sobre os comportamentos, que acabou por exemplificar toda sua teoria da civilização dos costumes, mostrando que esse guia de civilidade, apesar de não ser repleto de ideias novas e originais, marcou a transformação dos comportamentos e das representações. Segundo Revel (2009), apesar de concordar que essas foram lentas e difusas, “A Civilidade Pueril”, de Erasmo, ancorou por três séculos uma evolução e inovação na história da civilidade.

Torna-se necessário ainda salientar que outros livros e tratados de civilidade, como “O Cortesão” de Baltasar Castiglione e “Galateo” de Giovanni della Casa, também foram escritos para ditarem como a sociedade, principalmente a nobreza, deveria se comportar naquele período, controlando como deve se portar à mesa, falar, aliviar suas necessidades fisiológicas, entre outras formas de hábitos e comportamentos (PILLA, 2003). A sensibilidade passa cada vez mais a ser levada em consideração quando comparada à brutalidade e rudez com a qual os indivíduos viviam em outros momentos históricos.

O senso do que fazer e não fazer para não ofender ou chocar os outros torna-se mais sutil e, em conjunto com as novas relações de poder, o imperativo social de não ofender os semelhantes torna-se mais estrito, em comparação com a fase precedente (ELIAS, 2011, p.87).

A sensibilidade não aparece somente nas maneiras à mesa, como bem disse Elias (2011), mas pode ser notada nas mais diversas áreas da vida da sociedade renascentista. Essa época presenciou o desenvolvimento das armas de fogo. Segundo Castle (1885) e Hergsell (1896) foi nesse momento que se pode iniciar a história de uma “esgrima moderna”. Contudo, a seguinte questão ganha uma centralidade na presente dissertação: O que a sensibilidade e contenção de emoções influenciam nessa história?

2.2 O controle das emoções e novas formas de se comportar: influências na consolidação da esgrima moderna

Georges Vigarello (2008, p.322), entre as diversas atividades das quais faz uso para exemplificar as mudanças na visão que se tinha sobre o corpo e suas manifestações, afirma que a arte da espada é aquela que revela “(...) da melhor maneira a evolução das qualidades físicas esperadas como também dos movimentos corporais na Europa moderna”. Ainda sobre a sistematização dessa arte no decorrer dos séculos pós-renascimento o historiador francês

escreve que “(...) jamais como aqui a vontade de geometrizar se impôs a tal ponto. Jamais como aqui as aprendizagens se renovaram a tal ponto” (VIGARELLO, 2008, p.322). Para melhor compreender essa geometrização da esgrima, a reversão dos modelos corporais utilizados para a prática deve retomar a história da arte das armas.

Vigarello (2008), assim como também sinalizou anteriormente Castle (1885), indica que a origem da esgrima como esporte teve sua influencia nos combates com a espada, “(...) mas também de um paradoxo particular: a descoberta de outros instrumentos de assalto, em particular das armas de fogo” (VIGARELLO, 2008, p.323). Com o uso das armas de fogos nas guerras e combates, a armadura, que antes defendia os golpes pesados da espada, passou a não ter mais serventia, pois não conseguia conter os projéteis atirados pelas armas de fogo. No começo esses armamentos não substituíram completamente as espadas, elas continuam sendo usadas com frequência, entretanto, agora precisam ser adaptadas a uma nova realidade.

As espadas passam a ser utilizadas em combates individuais aproximados, e como a armadura é deixada de lado, as valências física velocidade e agilidade ganham certa primazia em relação à força, segundo indica a seguinte passagem: “O ideal corporal do cortesão aliaria à força uma nova destreza, seus movimentos ajuntariam à eficácia uma destreza (VIGARELLO, 2008, p.332)”. O intelectual francês complementa que naquele período ainda não se tinha a noção de velocidade e agilidade, sendo portando, no século XVII, essa destreza descrita como um corpo “solto” ou desatado. Para atender tal demanda as espadas se tornam mais leves e finas, visto que objetivavam ser de mais fácil manejo, conforme indica Castle (1885, p.5 – tradução livre), na seguinte passagem:

Mais tarde, depois do Renascimento, quando a vida foi levada de forma mais leve, quando a armadura foi descartada na vida privada. A descoberta de uma maior variedade de interesses e prazeres induziu os homens a levarem uma existência mais ativa, e eles começaram a caminhar onde antes tinham cavalgado, reduziram dimensões das suas espadas, bem como os arreios agora eram só usados nos campos, passaram a depender de sua agilidade e astúcia para compensar a escassa proteção do manto e do *buckler*¹⁶.

¹⁶ *Later on, after the Renaissance, when life was taken more easily, the depressing armour was discarded in the private walks of life. The discovery of a greater variety of interests and pleasures induced men to lead a more active existence, and they began to walk where before they had ridden in state, reduced the dimensions of their ancestor's sword, and, as the harness of war was now only worn in the camps, came to rely on their agility and cunning to make up for the scantier protection of cloak or hand buckler* (CASTLE, 1885, p.5).

Enquanto Castle (1885) e Vigarello (2008) têm esse olhar mais técnico ao relacionar a utilização de armas de fogo com o início da esgrima moderna, entende-se que Elias (2001, p.168) traz uma perspectiva que complementa essa relação. Para o intelectual alemão o desenvolvimento das armas de fogo e o “abandono” das armaduras, deslocou o equilíbrio social que antes favorecia a nobreza guerreira, visto que o “(...) deslocamento do centro de gravidade na prática da guerra, como os exércitos, que eram recrutados nas camadas superiores, passando a ser recrutados em sua maior parte nas camadas inferiores, foi ainda mais favorecido pelo desenvolvimento das armas de fogo”.

Eram as classes mais baixas que usavam armas de fogo. Segundo Elias (2001) as armas de tiro como as bestas eram normalmente instrumentos de camponeses e de tropas que não pertenciam à nobreza. Contudo, uma nova aristocracia se formava na corte, pois como os príncipes não dependiam mais dos fidalgos para as guerras, esses últimos não podiam mais usar essa dependência para serem favorecidos, o que os levou a se aproximarem da realeza, vivendo cada vez mais nos entornos e/ou até mesmo nos mesmos castelos que os reis. Como se aumentava a proximidade entre os indivíduos, os conflitos pessoais também se acentuaram e querelas passaram a ser resolvidas através de duelos.

O apontamento acima realizado baseia-se nas informações trazidas por Elias (2001, p.220) “(...) na fase de transição, nobres que haviam crescido nas propriedades de seus pais precisavam se acostumar à vida de corte, mais refinada, diversificada, rica em relações, todavia exigindo com isso um autocontrole maior”. Ao aproximar tal questão das análises realizadas por Castle (1885), que indica que onde existe um autocontrole maior é porque também existe uma probabilidade maior de conflitos. Por isso o autor salienta que muitos duelos passam a acontecer nessa temporalidade. Outro ponto levantado por Elias (2001) é que em todo tempo essa nobreza de corte buscava uma forma de se distinguir e o uso da espada e a prática de duelos pode ter sido uma dessas formas. Eram principalmente os nobres que portavam espadas e tinham acesso às aulas de esgrima. Nesse sentido, autores como Castle (1885), Vigarello (2008) e Drévillon (2013), ao se referirem aos duelos, os restringem a membros da aristocracia.

Para aprimorar sua técnica no manejo da espada a nobreza de corte passou a contratar plebeus como mestres, pois esses já tinham experiência no ensino de manuseio das armas e haviam criado as suas escolas, pois em virtude de não possuírem armaduras tinham outra relação com o manejo da espada: “Quando os hábitos dos nobres cavaleiros desaparecem e

foram substituídos por modos cavalheirescos, os cavaleiros tomaram lições de armas de alguns mestre de lutas plebeus” (CASTLE, 1885, p.15, tradução livre)¹⁷.

Colocar essa citação a princípio parece redundante após a afirmação anterior, contudo, além de confirmar essa transição, o autor chama a atenção para a mudança nos comportamentos quando escrevem sobre o período anterior à Renascença ou à formação da sociedade de corte e após essa. Na citação Castle utiliza para se referir aos nobres cavaleiros o termo “*knightly*”, remetendo aos nobres que viviam livres em suas terras e tinham seus dias marcados pelas lutas e guerras sobre cavalos, vestidos de armaduras e segurando suas armas. Esse termo, apesar de continuar se referindo à nobreza, é substituído pelo termo “*cavalier*” ou “*gentleman*” que após essa transição são palavras que marcam um tempo em que a nobreza se caracteriza por gestualidades mais refinadas e civilizadas.

Vigarello (2008), ao falar sobre o balé equestre, apresenta a mesma substituição dos termos levantados por Castle, citando-os em francês, mostrando a transformação do “*chevalier*” para o “*cavalier*”. Para o historiador francês o cavalo juntamente com o seu *chevalier* representavam o poder bélico e eram de certa forma a encarnação do vigor e da força. Então esses indivíduos deveriam ser submetidos a uma rigorosa disciplina corporal, apresentando movimentos elegantes e regrados, e tendo performances de certa forma artísticas. O autor cita Pasquier, escritor de “*Recherches sur la France*” publicado em 1643, que ao se referir ao século XVI, afirma que essa mudança de termos se deu pela incorporação de palavras bastardas: “Nós abandonamos muitas palavras francesas que nos eram naturais para implantar bastardas. Porque de *chevalerie* fizemos *cavalerie*, de *chevalier*, *cavalier*” (PASQUIER, *apud* VIGARELLO, 2008, p.320).

Na obra de Norbert Elias (2001, p.162) também existe essa mudança no discurso, e nos parágrafos retirados da obra *Sociedade da Corte* é nítido o porquê dessa mudança se falando do contexto francês:

A nobreza espalhada por todo o país deu origem à nobreza de corte reunida em torno do rei como centro e poder determinante. E assim como a maior parte dos nobres passou de cavaleiros a *seigneurs* e *grands seigneurs* da corte, os reis também sofreram uma transformação no mesmo sentido. Francisco I ainda era um rei cavaleiro, *le roi chevalier*. Ele amava os torneios, amava as caçadas; a guerra era para ele um brilhante jogo cavaleiresco em que valia a pena arriscar a vida como o mais corajoso *chevalier*. Pois tratava-se de uma convenção de cavaleiros nobres; era

¹⁷ When “*Knightly*” habits disappeared and were replaced by “*cavalier*” manners, the “*gentelman*” took his lesson in arms from some plebeian fighting-master (CASTLE, 1885, p.15).

uma questão de honra: mesmo sendo rei, ele estava ligado a essa lei do comportamento cavaleiresco, assim como qualquer outro cavaleiro. (...) O caso de Henrique IV foi similar: ao receber a notícia, quando ainda era um líder dos huguenotes e grande vassalo dos reis da França, de que seu adversário, o duque de Guise, se preparava para a guerra, ofereceu-se para resolver o assunto por meio de um combate homem a homem: “A desigualdade de posição não me deve impedir.” Um contra um, dois contra dois, dez contra dez ou vinte contra vinte, desejavam duelar com as armas usualmente utilizadas em uma questão de honra entre cavaleiros. Foi o que Henrique IV manifestou. Após sua subida ao trono, de certo modo ele incorporou a transição do rei cavaleiresco para aquele tipo aristocrático de corte, que teve seu primeiro representante pleno como Luís XIV. Trata-se daquele tipo que não se dirigia mais para a batalha à frente de seus nobres, como um cavaleiro, como Henrique IV, mas mandava generais travarem suas guerras com tropas que recebiam soldo. Se ocasionalmente se expunha aos disparos, percebia-se que não estava acostumado aos esforços físicos e às atividades da batalha.

Na visão de Vigarello (2008), até mesmo na forma de representação dos soberanos em quadros essa transformação é perceptível, que segundo o autor acontece entre os séculos XVI e XVII. Antes eram pintados em posições de combates, demonstrando seu poder através de vigor corporal, com armaduras e armas ao seu redor. Após essa transição aristocrática, passam a ser representados pelo luxo e elegância. Vigarello (2008, p.305) afirma que se trata de uma renovação das representações do poder e do corpo, pois:

(...) mais profundamente ainda trata-se de uma renovação dos valores atribuídos à excelência física, na dita nobreza do século XVII. Um conjunto de referências práticas e imaginárias ao mesmo tempo, mais centradas no refinamento da pose e dos trajes do que na expressão física da força.

A partir das últimas citações percebe-se que não somente a espada foi perdendo o caráter bélico, na transição do século XVI e XVII, mas também os nobres homens, que antes dariam tudo para entrar em uma guerra. Contudo, a arma branca continuou sendo altamente usada em combates privados, na guarda pessoal dos reis, em jogos e torneios e também nos duelos que se tornaram cada vez mais comuns na sociedade europeia do período. Afinal, como coloca Drévilhon (2013), os cavaleiros do século XVII não se transformaram automaticamente em guerreiros estoicos, eles ainda eram homens com paixões, feitos de carne e osso, mas que deveriam submeter-se aos novos ideais. Os jogos de espadas atraíam com grande fascínio os nobres, pois segundo indica Vigarello (2008, p.306), essa atração vinha da “(...) imagem da força: um aviso mais ou menos velado do assalto e das batalhas, um vigor frontal, até agressivo”.

De certa forma os indivíduos “canalizavam” suas emoções, controlavam a vontade de violência e de mostrar a sua força para esses jogos, porém nesses eventos precisam seguir

algumas regras e a violência precisa ser controlada e regrada. Nessa linha argumentativa, Vigarello (2008) salienta que no século XVI os jogos começam a não ser somente uma disputa de força e violência, mas também um encontro onde a habilidade, destreza e elegância no manejo da espada deveriam ser demonstradas e evidenciadas. Nesse período não era somente nos jogos de esgrima que se encontrava esse modo velado de batalhas. Vigarello (2008) fala sobre diversos jogos que apresentavam essa característica, que representavam lutas, porém a forma como se dava essa luta passava a ser constituída de elementos mais elegantes e civilizados.

Não que a aprendizagem técnica predomine neste caso, em compensação, o investimento nos sinais físicos, como o traje, as atitudes e os atos, o porte, objetos de exercícios e de solenidades, são determinantes nesta modalidade. Uma maneira de impor alguma referência marcial ou pomposa entre aqueles cuja missão, porém, não é o combate (VIGARELLO, 2008, p.337).

Para o ensino da arte da esgrima aos nobres, atendendo à necessidade desses para lutarem nos jogos e duelos, diversos mestres se especializaram no ensino do manejo das armas. Sendo assim, abriram escolas de esgrima e escreveram alguns tratados e livros descrevendo guardas, movimentos e estratégias de combates, além das regras que regiam um duelo (CASTLE, 1885; HERGSELL, 1896). Segundo Drévillon (2013, p.346) “a esgrima se transformou numa arte governada por princípios racionais”. Durante este capítulo serão mencionados diversos desses tratados, para exemplificar as mudanças nos comportamentos na configuração histórica da esgrima, predominantemente de tratados escritos durante e após o século XVI.

2.3 Por um aprimoramento da técnica: a criação de um sentimento de si

Antes do século XVI já tinham sido escritos alguns tratados, porém, segundo indicam Castle e Hergsell, não se têm muitos detalhes sobre eles. Até mesmo na história da esgrima existe uma contradição de teorias sobre quem e onde se escreveu o primeiro tratado, e se esses foram realmente publicados. Enquanto os espanhóis, por serem os grandes fabricantes de espadas, aqueles que iniciaram a luta de *Rapiera*, tomam o início da Esgrima Moderna para si, os italianos acreditam que a escrita do primeiro tratado do qual se tem conhecimento, foi realmente elaborada por espanhóis (La Torre e Majorca), porém em terras italianas e escrito

em língua italiana, comprovando assim a hegemonia da Itália no combate de espadas (HERGSELL, 1896).

Para os italianos, outro fato que lhes confere essa primazia é que a maioria dos tratados escritos no século XVI são oriundos da península itálica e revelam uma tradição de mestres que, segundo Hergsell (1896, p.18 - tradução livre) já deveria existir desde antes do ano 1500: “Certamente não levaria-nos à admiração se é relatado que antes do ano 1500 já existiam escolas de esgrima na Itália (...)”¹⁸. Como não se tem acesso a esses tratados, os quais nem se sabe se foram publicados, não será discutida aqui se a origem da esgrima moderna foi espanhola ou italiana. No entanto, será extraído dos textos encontrados as características e comportamentos que exemplificam a sensibilização e a transformação dos costumes presentes no decorrer da história da esgrima.

Hergsell (1896) indica que durante o século XVI ainda se lutava com uma espada em uma das mãos e na outra com um punhal e/ou algum tipo de escudo, que poderia ser grande, cobrindo boa parte do corpo, ou um escudo pequeno, esses pequenos sendo utilizados tanto para a defesa quanto para o ataque. O autor ainda lembra que o ato técnico de se defender não era muito desenvolvido, sendo naquele momento histórico considerado covardia. O mais valorizado era replicar um ataque com outra investida. O autor indica que uma forma de se obter a vitória era desarmar o adversário e então cair violentamente sobre ele para matá-lo.

Contudo, os novos costumes, comportamentos e gestualidades, conforme salientam Elias (2011) e Vigarello (2016), levaram os indivíduos a ficarem mais sensíveis à violência e tais mudanças sociais também começaram a se repercutir na esgrima, conforme aponta a seguinte citação de Hergsell (1896, p.45 - tradução livre): “Estas lutas, nas quais o desarmamento era constante, o uso da força bruta, bem como as conspirações parecem justificadas, foram parados pela delicadeza dos costumes no final do século XVI”¹⁹.

Nessa citação pode-se visualizar que a brutalidade de um combate do início do século XVI já era retratada como algo indesejável. Nesse sentido, já se pode vislumbrar uma mudança na violência quando o autor menciona que ela será amenizada pela delicadeza dos costumes que emergem na sociedade europeia do final do século XVI. Porém, como os

¹⁸ *Es sollte uns durchaus nicht Wunder nehmen, wenn berichtet wird, dass bereits vor dem Jahre 1500 es in Italien Fechtschulen gab (...) (HERGSELL, 1896, p.18).*

¹⁹ *Diesen Kämpfen, bei welchen der stete Gebrauch der Entwaffnung, der Anwendung von roher Gewalt, sowie der der List berechtigt erscheint, wurde durch die Höflichkeit der Sitten gegen Ende des XVI. Jahrhunderts Einhalt gethan (HERGSELL, 1896, p.45).*

mestres estavam à mercê das mentalidades da época, em seus tratados também são encontradas técnicas de desarmamento, diversos golpes fatais, ensinamentos em como espetar com a ponta de sua espada o olho adversário e como se defender em caso de ser desarmado.

Do século XVI, tanto Castle (1885) e Hergsell (1896) citam como fundamental o tratado de Achille Marozzo publicado em 1536, no qual serão apresentadas algumas características julgadas fundamentais. Achille Marozzo, mestre considerado o pai da esgrima moderna italiana, publicou um tratado em 1536 (CASTLE, 1885; HERGSELL, 1896). Antes dele, segundo Castle (1885, p.33, tradução livre), por ser a Itália subdividida em diversos estados independentes, existiam várias associações de prática de manejo de armas, cada uma seguindo um mestre diferente, e entre elas, constantes conflitos desencadeados pela inveja entre seus professores: “Nada poderia ser menos condutor à melhoria, e conseqüentemente, até os dias de Marozzo, quando a Itália assumiu a liderança nas questões de esgrima, a escola italiana não podia se gabar de qualquer grande superioridade²⁰”.

Marozzo era de Bologna e mantinha uma escola de esgrima em Veneza. Segundo Castle (1885) e Hergsell (1896), foi o primeiro autor de tratado de esgrima que sistematizou em detalhes o seu ensino. Descrições das diversas guardas e os ataques que as seguem foram detalhadas. Como ainda não existiam técnicas específicas de defesa Marozzo sistematizou as guardas que eram utilizadas como movimentos de contenção de ataques. Além disso, elaborou orientações sobre como duelar de forma nobre. Esses são os principais conteúdos do seu tratado que teve várias edições publicadas e inspirou diversos outros manuais europeus de esgrima (CASTLE, 1885; HERGSELL, 1896).

A sistematização do seu conhecimento sobre a esgrima e as ilustrações presentes no tratado indicam a transição da esgrima antiga para a moderna, ou seja, o manejo das armas utilizado pelos guerreiros e cavaleiros livres para o manejo em duelos, por homens que por sua vida cada vez mais interdependente e “urbana” se tornam mais civilizados. “Talvez fosse mais sábio considerá-lo como o maior professor da velha escola, a esgrima rude e indisciplinada dependia tanto do golpe, da violência e da inspiração súbita quanto da habilidade cuidadosamente cultivada²¹” (CASTLE, 1885, p.35 - tradução livre).

²⁰ “Nothing could be less conducive to improvement, and accordingly, until Marozzo’s days, when Italy took the lead on matters of fencing, the Italian schools could not boast of any great superiority (CASTLE, 1885, p.33)”.

²¹ “It would be perhaps wiser to consider him as the greatest teacher of the old school, the rough and undisciplined swordsmanship of which depended as much on dash and violence and sudden inspiration as on carefully cultivated skill (CASTLE, 1885, p.35)”.

No trabalho de Marozzo ainda se tinha a predominância da arma de corte, sendo poucos os movimentos ensinados com a estocada. Os únicos golpes ensinados com a ponta eram aqueles dados no rosto, de preferência no olho. “Esse ataque poderia vir dos tempos das lutas cavaleirescas, nas quais se objetivava acertar a viseira do inimigo (...)”²² (HERGSELL, 1896, p.84 – tradução livre). A espada utilizada era longa e de dois gumes normalmente acompanhada por um escudo como o *buckler* e o *target*²³, ou uma adaga, punhal ou capa²⁴.

As Figuras 1 e 2 são imagens retiradas do tratado de Marozzo e mostram esgrimistas com dois desses objetos utilizados para complementar a luta com as espadas. Na primeira pode-se ver um *buckler*, que é como um pequeno escudo, e na segunda um punhal. Os dois instrumentos eram utilizados para a defesa ao mesmo tempo em que se deveria desferir um ataque. Nas fontes iconográficas também se pode perceber a robustez da espada utilizada no tempo de Marozzo, com uma lâmina larga e longa, com uma empunhadura pouco adaptada para movimentos complexos, mas utilizada para dar golpes cortados.

FIGURA 1 - ESPADA E *BUCKLER*



FONTE: Marozzo (1536, p.25)

²² „Dieser Angriff dürfte aus der Zeit der ritterlichen Kämpfe stammen, bei welchen getrachtet wurde, das Visier des Gegners zu treffen, (...)“ (HERGSELL, 1896, p.84).

²³ Dois tipos de escudos pequenos utilizados para defesa e ataque, conforme mostra a Figura 2. (MAROZZO, 1936).

²⁴ Uma capa que fazia parte da vestimenta, durante a luta era enrolada no braço não-armado para ser útil no desviar da espada adversária sem ser cortado, e também para distração do adversário.

FIGURA 2 – ESPADA E PUNHAL



FONTE: Marozzo (1536, p.15)

Segundo Castle (1885) e Hergsell (1896), nesse momento a defesa ainda era muito desvalorizada, portanto as guardas ainda não tinham o conceito atual, que é ser a posição na qual o corpo do esgrimista está pronto tanto para o ataque quanto para a defesa, e na qual a espada está protegendo parte de seu braço. As guardas de Marozzo eram todas posições nas quais se teria facilidade em desferir um ataque, “(...) elas são meramente uma coleção de atitudes, onde cada uma é somente a preliminar de um ou dois ataques²⁵” (CASTLE, 1885, p.37 – tradução livre). Em seu livro ele descreve 12 guardas e elas eram utilizadas em sequências diferentes, dependendo de cada situação de combate, dessa forma confundindo o adversário e criando a posição perfeita para um ataque. De certa forma essas guardas funcionavam como fintas, conceito técnico criado posteriormente (HERGSELL, 1896).

A seguir, na Figura 3 demonstrando as características descritas, estão três guardas ilustradas do manual. As mesmas auxiliam a visualização do pouco valor que se dava à defesa, com posições que mostram claramente que o objetivo era o ataque, e em alguns momentos expondo ousadamente o seu corpo ao ataque adversário, mas com a espada pronta para o próprio golpe. Também é possível observar a leve inclinação do corpo à frente com o peso todo colocado sobre a perna direita, com um claro posicionamento ofensivo.

²⁵ (...) *they are merely a collection of attitudes, each of which is merely the preliminary to one or two attacks* (CASTLE, 1885, p.37).

FIGURA 3 – GUARDAS DE MAROZZO



FONTE: Marozzo (1536)

Para Hergsell (1896) é nítido que a esgrima ainda não tinha se desenvolvido muito (sendo essa atribuição de valor dada pelo autor), e a parte que ainda menos explorada era a defesa. Apesar da palavra “parada” aparecer por diversas vezes com a concepção que se tinha na época sobre o significado dela, não era a mesma dada hodiernamente. A defesa ocorria basicamente de duas formas: uma era através da movimentação das pernas para trás ou para os lados e a outra era atacando a lâmina do adversário (que nas palavras utilizadas pelos escritores dessa época seria cruzar a lâmina adversária) para então desferir um golpe.

Essas características mostram o quanto a brutalidade ainda dominava o combate, porém no mesmo tratado estão descritas diversas regras que deveriam ser seguidas durante um duelo, já demonstrando que o corpo deveria ser dominado e que a elegância e nobreza dos combatentes deveriam ser priorizadas. “A arte da esgrima, que pode ser considerada uma ciência séria, exige a maior calma, que deve ser incentivada em todos os alunos²⁶” (HERGSELL, 1896, p.89 - tradução livre). O autor, citando um trecho de Marozzo, demonstra que mesmo em combate a calma precisa ser mantida, exigindo sempre um domínio sobre as emoções dos combatentes, ou seja, os corpos dos indivíduos deveriam ter autocontrole, conforme evidenciam Elias (2001; 2011), Drévilion (2013) e Vigarello (2016) em seus livros sobre a mudança dos comportamentos na sociedade europeia.

²⁶ *Die Fechtkunst, die, was wohl zu überlegen ist, eine ernste Wissenschaft ist, erfordert die grösste Ruhe, man muss dieselbe bei allen Schülern fordern* (HERGSEL, 1896, p.89).

Esse maior controle levantado por Norbert Elias e Georges Vigarello se materializa no tratado de Marozzo, principalmente quando escreve sobre a forma de ensinar outros mestres a dar aula, orientando que deveriam tomar cuidado ao iniciar um aluno na esgrima. Esses não devem combater antes que conheçam todas as bases da esgrima, e para sua proteção, sempre que forem exercitá-la, o façam com esgrimistas experientes. Afinal, se “(...) um deles é inferior, não deve aferir aos golpes recebidos muita importância, mas considerar o andamento da lição como um aprendizado (HERGSELL, 1896, p.88 - tradução livre)²⁷”.

Os mestres do século XVI já haviam descoberto a verdade sobre um princípio que não é suficientemente considerado em nossos dias, a saber, que para se tornar um espadachim proficiente, um esgrimista não deve atribuir muita importância aos toques recebidos na prática e nunca mostrar temperamento, mas sim, tomar o sua falha como uma lição e aprender a evitar a sua recorrência, em bom estilo²⁸ (CASTLE, 1885, p.43 – tradução livre).

Se comparados à esgrima antiga e às lutas dos gladiadores (que Hergsell cita ao relacionar as causas do florescimento da esgrima moderna na Itália), os combates com regras e movimentos ensaiados poderiam ser considerados um tanto que civilizados, apesar da grande geometrização, no termos de Vigarello (2008), e o controle da violência ainda estarem para ser melhor sistematizados. Porém, sobre a esgrima no século XVI, Hergsell (1896, p.49 - tradução livre) comenta que: “(...) um exame minucioso desses tratados nos informa que, apesar das frases científicas, o esgrimista se apoiava mais na força física e na agilidade, mais na inspiração do momento do que em princípios estabelecidos²⁹”.

Na França, os tratados e o ensino da esgrima encontram um “terreno fértil” durante o século XVI, principalmente durante o reinado de Carlos IX, pelas circunstâncias políticas nas quais o país se encontrava e também por causa do Rei que se interessava imensamente por tudo o que estava ligado a essa prática. Antes desse século não se teve notícia de escolas regulares de esgrima, e os primeiros escritos sobre o assunto são publicados a partir de então (CASTLE, 1885).

²⁷ *Ist man unterlegen, so sole man den erhaltenen Hiebe keineswegs eine grosse Wichtigkeit beilegen, vielmehr den gang der Lection, als Schulung betrachten* (HERGSELL, 1896, p.88).

²⁸ *The masters of the sixteenth century had already found out the truth of a principle which is not sufficiently regarded in our days, namely, that to become a proficient swordsman, a fencer should no attach too much importance to hits received in practice, and never show temper, but rather take his mishap as a lesson, and learn to prevent its recurrence in good style* (CASTLE, 1885, p.43).

²⁹ *Eine genaue Prüfung dieser Abhandlungen belehrt uns jedoch, dass trotz der wissenschaftlichen Sentenzen man sich mehr auf die körperliche Kraft und Gewandheit, sowie die Eingebung des Augenblickes, als auf festgestellte Grundsätze verliess* (HERGSELL, 1896, p.49).

A França tinha a reputação de ser a “(...) mais briguenta e frívola das nações” (CASTLE, 1885, p.55-56 - tradução livre). O autor continua suas análises indicando que a “(...) antiga noção francesa cavaleiresca de que era indigno de um cavalheiro aprender a destreza da esgrima, tinha desaparecido naqueles dias de conflitos civis, em consequência da óbvia desvantagem decorrente disso nos encontros diários (CASTLE, 1885, p.55 - tradução livre)³⁰”.

No final desse mesmo século várias mudanças acontecem na forma dos combates, e na citação de Hergsell (1896, p.45 - tradução livre) já utilizada anteriormente: “Estas lutas, nas quais o desarmamento era constante, o uso da força bruta, bem como as conspirações parecem justificadas, foram paradas pela delicadeza dos costumes no final do século XVI³¹”, é possível visualizar que nesse período a delicadeza e a sensibilidade irão substituir diversos costumes considerados brutais e violentos, que nas palavras do autor “A arte da esgrima assumia o caráter da corte (HERGSELL, 1896, p.49 - tradução livre)³²”. Uma das características de uma luta mais cortês e refinada foi a mudança para uma arma mais leve e delicada com a qual se deveria desferir golpes apenas com a ponta e que possibilitava a defesa através de paradas. É sobre essa substituição que se trata o próximo capítulo.

³⁰ “The old chivalrous French notion that it was unworthy of a gentleman to learn the cunning of fence, had died away in those days of civil strife, in consequences of the too obvious disadvantage accruing therefrom in dayli encounters (CASTLE 1885, p.55)”.

³¹ *Diesen Kämpfen, bei welchen der stete Gebrauch der Entwaffnung, der Anwendung von roher Gewalt, sowie der der List berechtigt erscheint, wurde durch die Höflichkeit der Sitten gegen Ende des XVI. Jahrhunderts Einhalt gethan* (HERGSELL, 1896, p.45).

³² *Die Fechtkunst nahm den Charakter des Höfischen an* (HERGSELL, 1896, p.49).

3 A *RAPIERA* E A *SMALL SWORD*: SUBSTITUIÇÃO DO CORTE PELA PONTA, DA BRUTALIDADE PELA DELICADEZA

3.1 Pelo uso da extremidade: colocar a honra na ponta de uma espada

Da mesma forma, os italianos após a unificação, poderiam se referir com orgulho patriótico a um tempo em que seu país ensinaram ao mundo como colocar a honra na ponta de uma espada (HUGHES, 2007, p.19 – tradução livre)³³.

Assim como os combates mudaram, ao serem adaptados aos modos cortesãos, as espadas também sofreram profundas modificações. Comparativamente ao que eram, os combates necessitavam se tornar menos violentos e brutais. Nesse sentido, as espadas se tornaram armas de estoque, o que significa dizer que os golpes começaram a ser desferidos com a ponta da espada, o que passava a requerer um maior domínio técnico da espada.

Nos diversos países em que se praticava a luta com espadas, como Inglaterra, Itália e Alemanha, houve o desenvolvimento de armas nacionais próprias. Entretanto, no século XVI a espada que passou a ser usada predominantemente em todas as nações era, nas palavras de Castle (1885), a “mais aristocrática” delas: *Rapiera* espanhola, arma que poderia ser usada tanto como espada de corte como de ponta: “Com o desuso da armadura completa, a superioridade da ponta foi firmada, e do cultivo do uso da ponta surgiu a esgrima propriamente dita (CASTLE, 1885, p. 15, - tradução livre)³⁴”. Para Hergsell (1896, p.49-50 - tradução livre - grifo próprio) esse é o momento em que a esgrima nasce, pois a ponta enfatizava ainda mais o florescimento dos gestos técnicos:

Ambos os ataques, com a ponta e com o corte da espada, foram submetidos a uma profunda reforma. (...) Os movimentos corporais foram limitados ao novo padrão, assim como a defesa, antes negligenciada, recebeu a forma de firmes paradas. (...) Vemos incorrer uma arma de estocada e de corte independente. (...) O impulso para a mudança do sistema da esgrima foi aqui dado, a partir desse momento uma rota foi partida em duas formas de combate independentes: a esgrima de estocada e a de corte. (...) Este é o início da esgrima atual³⁵.

³³ By the same token, Italians after unity would be able to refer with patriotic pride to a time when their country had taught the world how to put honor on the point of a sword (HUGHES, 2007, p.19).

³⁴ With the disuse of total armour, the superiority of the “point” asserted itself, and from the cultivation of the point arose fencing proper.

³⁵ Sowohl die Angriffe mit der Spitze, wie jene mit der Schneide, wurden einer gründlichen Reform unterzogen. (...) Die Körperbewegungen wurden auf das ihnen zukommende Mass beschränkt, sowie für die bis dahin vernachlässigte Vertheidigung neue Normen in Form von festen Paraden aufgestellt. (...) Wir sehen eine selbständige Stoss – und Hiebwaaffe entstehen (...). Der Impuls zur Aenderung des Systems der Fechtkunst ward

O uso da ponta das espadas para os golpes se deu pela paulatina inutilização das armaduras. Contudo, outra ressalva deve ser realizada, visto que conforme descrito por Elias (1993; 2011), Vigarello (2005; 2016), Revel (2009) e Courtine e Haroche (2016) ocorria na sociedade europeia desse período um aumento da civilidade. Afinal, apesar de o ferimento poder ser fatal, passava a ser menos violento e brutal e demonstrava maior controle das emoções do que os diversos cortes que eram produzidos anteriormente com os outros tipos de espadas. Tanto Castle (1885) e Hergsell (1896), quanto Vigarello (2008) destacam as diferenças existentes entre as espadas utilizadas antes e depois da invenção das denominadas armas de estocada, conforme se pode visualizar nas citações abaixo:

É o abandono da armadura varada pelas balas que permite o ataque da espada pela ponta: traspasar com um golpe de espada e não mais acutilar, o golpe de ‘estoque’ (a estocada) e não mais o golpe de ‘talho’ (o trincar dos antigos cavaleiros). (...) Os comentários sobre assaltos não se detêm mais em algum poder cego dos golpes, nas intensidades dos choques, nas faíscas provocadas sobre a armadura, mas na combinação e na clarividência dos gestos que permitem a estocada (VIGARELLO, 2008, p.323).

A *Rapiera* era tão elegante e viciosa quanto sua antepassada era robusta e brutal, sua prática tão fantástica quanto o prevalecente gosto no discurso e na literatura e as noções do mundo exterior (CASTLE, 1885, p.5 - tradução livre)³⁶.

A *Rapiera* era uma arma no mesmo grau elegante e sorrateira, características que os antigos mestres d’armas souberam explorar muito bem, que sua antecessora, a espada grande, era sólida e brutal (HERGSELL, 1896, p.44 - tradução livre)³⁷.

Ainda sobre essa transição do uso predominante da ponta ao invés do corte Castle (1885, p.45 - tradução livre) escreve o seguinte: “O corte é o mais natural, isto é, a ação mais fácil, a estocada é o resultado de uma combinação complicada e cuidadosamente regulada de movimentos. Esse fato por si só mostra porque a estocada pertence a um estágio mais avançado dessa arte³⁸”.

hiermit gegeben, die sich von nun an neue Bahn brechend in zwei, selbständige Kampfarten: das ‘Stoss’ und das ‘Hiebfechten’ trennte. (...) Es ist dies der Beginn der heutigen Fechtkunst (HERGSELL, 1896, p.49 e 50).

³⁶ *The rapiere was as elegante and vicious as its ancestor was sturdy and brutal, its practice as fantastic as the prevailing taste in speech and literature and notions of the outer world* (CASTLE, 1885, p.5).

³⁷ *Der Degen war in demselben Grade eine ebendo elegante und hinterlistige Waffe, welche Eigenschaft die damaligen Meister gut auszubeuten verstanden hatten, als sein Vorgänger, das grosse Schwert, solid und brutal war* (HERGSELL, 1896, p.44).

³⁸ *The cut is the more natural, that is, the easiest action, the thrust is the result of a complicated and carefully regulated combination of movements. This fact alone shows why the thrust belongs to a more advanced stage of the art.* (CASTLE, p.45)

Por sua vez Vigarello (2008, p.324), aponta que apesar do combate de ponta favorecer “(...) combinações calculadas de movimentos” e gestos medidos, os esgrimistas mais antigos não aprovavam essa nova forma de jogar, bem como a nova sensibilidade exigida. Para eles o novo estilo demonstrava falta de coragem, abandono da força e evidenciava certa fragilidade. Tal questão é exposta por Castle (1885, p.20 – tradução livre), que se refere a um texto escrito por Abraham Darcie, denominado “*Annales d’Elizabeth*”: “(...) então um homem forte, um verdadeiro bravo, excelente na espada e *buckler*, se verá espetado como um gato, ou como um coelho³⁹”.

Na Inglaterra, onde se lutava normalmente com uma espada pesada e um “*buckler*”, o uso da ponta foi rejeitado por diversos combatentes e mestres mais conservadores. Castle (1885, p.20 - tradução livre) traz em seu livro citações de Fuller, que ao mencionar a transição para o uso da ponta, conta como *West Smithfield* tinha sua fama como local dos rufiões briguentos que utilizavam a espada e *buckler*, porém desde que “(...) o desesperado traidor Rowland Yorke usou pela primeira vez a estocada com Rapiers, as espadas e *bucklers* são mal utilizadas⁴⁰”. As palavras “desesperado traidor” são suficientes para exemplificar a rejeição ao uso da ponta, apesar de revelar crescente eficiência em relação às “(...) desajeitadas e antiquadas espadas (CASTLE, 1885, p.20 - tradução livre)⁴¹”.

Como já mencionado anteriormente, a partir dessa transformação do combate no qual a ponta predominava, a arma que se tornou mais utilizada foi a *Rapiera*. Consequentemente, para Castle (1885), a Espanha foi considerada o berço da esgrima moderna, porque a *Rapiera* era uma invenção espanhola e as primeiras técnicas de manejo sistemático da mesma foram desenvolvidas nesse mesmo país, tanto que, segundo o autor, foram os espanhóis que levaram o ensino da *Rapiera* para a Inglaterra. “*Rapiera* era o nome dado naquele tempo à arma espanhola. O francês chamava a sua arma de ‘*espée*’, o inglês de ‘*sword*’. Ambos, ao falarem sobre a espada espanhola a chamavam de *Rapiera* (CASTLE, 1885, p.21 - tradução livre)⁴²”.

Por sua vez, Hergsell (1896) argumenta que apesar da arma ser espanhola foram os italianos que desenvolveram as técnicas de manejo dessa arma e que tiveram a maioria das

³⁹ (...) then a tall man, that is a courageous man, and a good sword and buckler man, will be spitted like a cat or a rabbit (CASTLE, 1885, p.20).

⁴⁰ (...) But since that desperate traitor Rowland Yorke first used thrusting with rapiers, swords and bucklers are misused” (CASTLE, 1885, p.20).

⁴¹ “(...)clumsy old-fashioned sword” (CASTLE, 1885, p.20)

⁴² “‘Rapier’ was the name given at that time to the Spanish weapon. A Frenchman called his arm, ‘*espée*’; an Englishman, ‘*sword*’. Both, when they talked of the Spaniard’s sword, called it a rapier (CASTLE, 1885, p.21)”.

publicações teóricas das técnicas do século XVI, portanto, para o autor, o início da esgrima moderna se dá na Itália. A concordância entre Castle (1885) e Hergsell (1896) se deve ao fato de que a arma e sua forma de lutar foram assimiladas pelos italianos, que também começaram a desenvolver novas técnicas. Nesse sentido, ambos os autores, salientam que não demorou muito para que os mestres italianos fossem contratados por nobres da França para passarem seu conhecimento e os prepararem para os duelos.

Os franceses logo se apropriaram da esgrima se tornando rapidamente referência no manejo da *Rapiera*, entre os anos 1560 e 1570, eles “(...) começaram a desenvolver uma escola própria, distinta daquela dos mestres italianos⁴³ (CASTLE, 1885, p.131 - tradução livre)”. Segundo o autor, apesar dos mestres franceses até a metade do século XVI não serem muito conhecidos, os mesmos dedicavam bastante tempo à prática de esgrima e uma das evidências a esse respeito foi a criação da *Academie Royal d’Arms* em 1567. Vigarello (2008), indica que essa Academia foi criada para que os filhos da nobreza francesa não precisassem mais ir à Itália para aprender os três principais exercícios nobres: equitação, dança e espada. Tal instituição, conforme lembra o historiador francês, formou esses jovens por um longo período para “os exercícios da nobreza”, sendo importante elemento na educação do corpo dessa juventude.

De acordo com Castle (1885) a França também se tornou a terra dos duelos nesse período. As espadas ainda eram usadas em guerras, como arma de defesa e ataque, e por isso, militares franceses tinham aulas de esgrima. Além disso, existiam torneios e se tem evidências da existência de inúmeras escolas de esgrima, entretanto, segundo indica Castle (1885), o real motivo de os nobres contratarem mestres de armas e irem às escolas de esgrima eram os duelos, muito presentes na sociedade francesa daquele período.

Os duelos demonstram muito bem essa maneira mais civilizada que vai tomando forma, principalmente na França e na Inglaterra, visto que na última metade do século XVI e durante todo o século XVII esses confrontos passaram a ser muito comuns. Castle (1885) escreve que, somente nesse período (que o autor coloca como 180 anos), aproximadamente 40.000 (quarenta mil) cavalheiros são mortos em duelos na França, e, segundo o próprio Castle, boa parte das mortes se dava por motivos banais e triviais. Desafiar alguém por um motivo fútil, à primeira vista, poderia ser creditado a um comportamento descontrolado e

⁴³ (...) began to develop a school of their own, distinct from that of the Italian masters. (CASTLE, 1885, p.131)

espírito violento, porém percebe-se que esses motivos são causados pelo aumento da sensibilidade da sociedade. O sentimento de ter sido ofendido e o de que alguém feriu a honra de outrem é elevado, portanto, os duelos são travados para defender a honra, independente do tamanho da ofensa.

Aos olhos da sociedade atual, os duelos até a morte seriam considerados algo extremamente violento. Contudo, as suas características demonstram um maior controle das emoções em relação às disputas travadas anteriormente na Idade Média. Ao desafiar um adversário em um duelo, não se poderia simplesmente partir para o ataque, regras deveriam ser estabelecidas e principalmente obedecidas pelos participantes. O desafio acontecia no momento em que os dois combatentes estivessem preparados, testemunhas passaram a ser necessárias, e nem em todas as ocasiões os duelos precisavam ir até a morte (CASTLE, 1885; SHOEMAKER, 2002).

Nesses duelos não eram só notadas a habilidade e a agilidade dos esgrimistas, percebia-se também a elegância com a qual se esgrimia, ou seja, toda uma educação do corpo passava a ser valorizada. O cavalheiro não poderia lutar da forma que quisesse, precisava se portar como nobre mesmo em sua guarda e durante os seus movimentos com a *Rapiera*. Vigarello (2008) também escreve sobre essa mudança, indicando que os movimentos corporais durante os combates de esgrima mudaram entre o início do século XVI e meados do século XVII. Segundo o autor os gestos foram arrastados “(...) da força para a imponência, do poder para a destreza.” (VIGARELLO, 2008, p.324) Uma nova expressão entrava em voga: a “boa graça” do corpo.

Revel (2009, p.194), citando Baldassare Castiglione, autor do livro “O Cortesão” de 1528, argumenta que essa “graça” “(...) consiste em usar em todas as coisas certo desdém [*sprezzatura*] que oculta o artificial e mostra o que se faz como se viesse sem esforço e quase sem pensar”, ou seja, como se fosse um dom não ensinável, mas vindo de berço. Essa deveria ser “natural” a toda nobreza e ser visível em cada um de seus exercícios, inclusive na esgrima, conforme indica Vigarello (2008, p.330) na seguinte passagem: “Três qualidades dominam nesse modo de comportar-se que se tornou mais abstrato: a “boa graça”, a força, a destreza; figura mais controlada do cortesão, definitivamente distante dos velhos modelos medievais”.

Dré villon (2013) fala que essas qualidades, apesar da ideia de que elas eram instintivas aos nobres, eram ensinadas em instituições, como nas academias na França. Segundo o historiador francês a esgrima era uma das disciplinas ensinadas, por proporcionar, além da

aprendizagem militar, as qualidades desejadas, o que fazia dos esgrimistas uma “(...) versão armada do perfeito cortesão” (DRÉVILLON, 2013, p.349). Nessas academias, os mestres também desenvolviam suas técnicas e escreviam sobre a arte da esgrima em manuais.

3.2 A criação de um universo erudito: a intensificação dos tratados e manuais de esgrima

“(...) a esgrima abandonou a esfera das práticas empíricas para entrar no universo erudito da redução em arte (...)” (DRÉVILLON, 2013, p.346).

Anteriores ao século XV são encontrados apenas alguns trabalhos publicados relacionados à esgrima e esses escritos são datados do final do século XIV. Segundo Castle (1885), na Idade Média, na época em que algumas cidades se tornaram independentes, foram fundadas escolas de lutas com todo tipo de armas. Na Inglaterra já existiam algumas escolas de esgrima criadas por malabaristas e *swordmen* (homens de espada). Esses estabelecimentos, apesar de por um tempo terem sido proibidos, por incentivarem a vingança e a luta em favor próprio, eram requisitados pelos nobres e aristocratas para ensinarem a arte da esgrima. O ensino era ainda com armadura e com *buckler*, além da espada, e a forma dependia do mestre, sem que houvessem técnicas estabelecidas. Já durante o século XV esses trabalhos e/ou livros se tornaram mais numerosos em diversos países da Europa, e mestres na arte do manejo das armas escrevem os seus métodos de ensino e técnicas de combate. Mesmo assim, ainda não existia um sistema definido.

Por sua vez, no século XVI e XVII um número maior de livros e tratados de esgrima foram publicados. É nesse momento que começa a se notar uma semelhança cada vez maior entre as técnicas de esgrima dos diferentes autores dessas obras, ocorrendo o início de uma padronização técnica no manejo da espada.

Será visto que durante todo o século dezesseis cada mestre defendia um sistema diferente, consistindo em seus próprios truques favoritos. Foi somente quando um número suficiente de escolas tinha sido formado, e seus princípios estabelecidos por um número suficiente de tratados, que qualquer base definitiva para a arte de esgrimir tornou-se universalmente reconhecida (CASTLE, 1885, p.11 - tradução livre)⁴⁴.

⁴⁴ *It will be seen that during the whole of the sixteenth century every other master advocated a different system, consisting of his own favourite tricks. It was only when a sufficient number of schools had been formed, and*

Castle (1885) comenta que foi através desses tratados e livros que se pode perceber, que durante os séculos XVI e XVII, no auge dos duelos, mais confiança passou a ser depositada na agilidade, motivação e inspiração do que nos princípios e/ou nas técnicas e trabalhos, sendo portanto, elementos mais motivacionais que inspiravam os atiradores para um bom combate do que estritamente técnicos. Nesses trabalhos é possível encontrar maneiras de segurar a *Rapiera*, posições de guarda, movimentos que devem ser realizados nos ataques e nas defesas, técnicas que Vigarello (2008), denomina de geometrização da esgrima, ou seja, tratava-se de adequar a luta rude aos novos padrões da sociedade.

Os tratados e livros foram se tornando cada vez mais complexos, incluindo progressivamente maior variedade de golpes de ataques, defesas e passos, ou seja, as técnicas vão se aprimorando devido às novas sensibilidades produzidas. As obras se tornam também importantes difusores de uma gestualidade, de uma educação do corpo, mais controlada e civilizada. Por exemplo, no final do séc. XVI e séc. XVII já se encontrava obras descrevendo diversas fintas, desengajamentos, contra ataques, entre outras técnicas. As paradas e ações defensivas que antes nem eram consideradas passaram a ser algo corriqueiro nesses manuais. O que era considerado covardia, agora também começava a fazer parte de um bom combate, mas para que isso ocorresse o esgrimista teria que ter controle maior das suas emoções e demonstrar possuir técnicas mais apuradas e refinadas (CASTLE, 1885).

Ainda sobre as diferenças notáveis entre os tratados no decorrer desse período, Vigarello (2008) menciona a aumento na amplitude dos movimentos, no maior impulso para a estocada e na maior limitação no deslocamento dos braços. Porém, para o historiador francês “(...) o mais marcante, nesses textos é que eles abraçam perfeitamente o novo imaginário matemático: as espadas se tornam instrumentos geométricos, os deslocamentos palmilham figuras regulares (VIGARELLO, 2008, p.325)”. Como visto na passagem passa a se destacar um aumento da “sistematização matemática” no ensino e aprendizagem da esgrima. Drévillon (2013), salienta que a doutrina cartesiana trouxe novos elementos à esgrima, tanto que o filósofo René Descartes, também foi um espadachim e inclusive autor de um tratado de esgrima agora desaparecido. E o próprio Descartes afirmou que “Liberta do império das paixões, a alma do combatente podia deixar a mecânica corporal manifestar-se sem coerções” (DRÉVILLON, 2013, p.348).

their tenets set forth by a sufficient number of treatises, that any definite basis to the art of swordmanship became universally recognized. (CASTLE, 1885, p.11).

Nesse período observa-se uma noção cada vez maior do que contemporaneamente passou a ser considerado como “treinamento” (MATVEEV, 1986; WEINECK, 1991; ZAKHAROV, 1992). Coloca-se o termo treinamento entre aspas porque ele ainda não era utilizado nos moldes atuais, contudo ao ler os tratados de esgrima percebe-se que os mestres orientam seus alunos a práticas que se aproximam um pouco mais de valores referentes hodiernamente ao treinamento esportivo. Ao se deter mais detalhadamente sobre essa maior especialização Castle (1885, p.111 – tradução livre) e Hergsell (1896) citam um trecho do tratado de Capo Ferro, renomado mestre italiano do século XVII, cujo livro foi traduzido para várias línguas e se tornou conhecido pela sua forma de expor os princípios da esgrima:

Qualquer um que deseja se tornar um espadachim realizado deve, além de receber aulas de um mestre, esforçar-se para jogar todo dia, e com adversários diferentes, e quando possível, ele deve selecionar esgrimistas melhores do que ele mesmo, para que jogando com tantos homens práticos, ele possa ver onde habita perfeito mérito

⁴⁵

Vigarello (2008) usa nesse caso o termo exercitar-se, visto que a esgrima além de ser útil para os combates era uma forma de exercício do ponto de vista da saúde. Vigarello (1999; 2005) indica que entre o século XVI e XVII entendia-se o exercício físico como algo que poderia trazer mais firmeza à carne e deixaria os indivíduos mais tolerantes à dor. Nesse sentido, a prática de esgrima poderia ser considerada um exercício útil para a saúde, desde que a prática não fosse vigorosa demais. Vigarello (1999; 2005) salienta também que o exercício brusco e forte não era considerado bom para a saúde, e provavelmente também não era considerado muito elegante, portanto a esgrima se molda a esses padrões, a ser mais contida e geometrizada e não muito vigorosa, como será visto mais à frente.

Durante as lições com os mestres era comum que houvesse alguns ferimentos. Inclusive combates entre os alunos poderiam incitar momentos de fúria e de total descontrole. Sendo assim, pode-se indicar a preocupação dos mestres com o controle das emoções e de uma educação do corpo mais refinada durante as sessões de “treinamentos”, conforme pode ser visualizado na seguinte colocação de Castle (1885, p.43 – tradução livre):

⁴⁵ *Anyone who wishes to become an accomplished swordsman must, beyond taking lessons from a master, strive to play every day, and with different antagonists, and when possible he must select better fencers than himself, so that by playing with so many practical men, he may see wherein dwells perfect merit.*

Os mestres do século dezesseis já haviam encontrado a verdade sobre um princípio que não é suficientemente considerado em nossos dias, ou seja, que para se tornar um espadachim proficiente, um esgrimista não deve atribuir demasiada importância aos golpes recebidos na prática, e nunca deve perder controle de seu temperamento, mas sim tomar esse incidente como uma lição, e aprender a impedir a sua recorrência em bom estilo⁴⁶.

O mestre Capo Ferro, introduzido acima por Castle, teve seu trabalho publicado em 1610, e ao compará-lo com as colocações de Marozzo, apresentado anteriormente, percebe-se nas técnicas ensinadas as transformações percorridas até aqui. Reforça-se que todas as transformações não aconteceram momentaneamente, mas no decorrer de um processo histórico. Entre Marozzo e Capo Ferro, vários mestres d'armas teorizaram suas técnicas de esgrima, entre eles estavam, para citar apenas alguns, Grassi, Viggiani, Saviolo e Fabris (CASTLE, 1885).

Apesar de poderem ser observadas mudanças sutis, elas não podem ser ignoradas e acompanham um movimento mais amplo da sensibilização dos costumes, o que reforça o que Vigarello (2008a) citou sobre as mesmas. Ao considerar os tratados no início do século XVI e os publicados ao final dele, percebe-se uma forma cada vez mais calculada da prática esgrimística: “A consequência é exatamente promover modos de comportar-se mais controlados, ou mais elegantes, geometrizar os gestos converge, aqui, com outras transformações que se referem tanto a sua circunscrição como a sua sensibilidade (VIGARELLO, 2008, p.326)”. Porém, não é possível explorar todos esses detalhados tratados nessa dissertação, e se deve escolher apenas alguns deles, o que resultou na escolha de Capo Ferro, cujo tratado segundo Hergsell (1896, p.377 – tradução livre) “(...) dá um eloquente testemunho de um alto desenvolvimento da esgrima daquela época⁴⁷”.

Capo Ferro, assim como Marozzo, era italiano, e em sua época, a escola itálica ainda predominava na maioria das cortes de todos os países europeus. Porém, em seu tratado, seguindo a tendência do final do século XVI e início do século XVII, algumas técnicas mais complexas como as fintas⁴⁸ e o a fundo⁴⁹, foram introduzidas de forma parcial. Sobre esse

⁴⁶ *The masters of the sixteenth century had already found out the truth of a principle which is not sufficiently regarded in our days, namely, that to become a proficient swordsman, a fencer should not attach too much importance to hits received in practice, and never show temper, but rather take his mishap as a lesson, and learn to prevent its recurrence in good style.*

⁴⁷ (...)gibt ein beredtes Zeugnis einer hohem Entwicklung der Fechtkunst in jener Epocche (HERGSELL, 1896, p.377).

⁴⁸ Finta é uma ação ofensiva realizada com a intenção de “enganar” o adversário, tem o objetivo de obter uma reação ou ausência de reação adversária.

período Castle (1885, p.106 – tradução livre) diz: “Este é, de fato, o início de uma esgrima racional: o número de botes aumentará, sua definição e limitação tornar-se-ão mais precisas e, na presença da multiplicidade de ataques, serão planejadas paradas adequadas⁵⁰”.

O “Grande Simulacro do Uso da Espada” de Ridolpho Capo Ferro, obra ricamente ilustrada, traz aos leitores a fixação de diversos princípios da esgrima utilizados em seu tempo. O posicionamento do corpo e sua gestualidade deveria expor o mínimo possível o tronco ao adversário: “(...) o próprio tronco, que deve ser encurvado o máximo possível, de modo a diminuir a sua superfície aparente e aumentar o alcance do a fundo (CASTLE, 1885, p.108 – tradução livre)⁵¹”.

A movimentação que para muitos mestres antecedentes deveria ser dando voltas e/ou cheia de deslocamentos laterais, para Capo Ferro necessitaria ser em uma linha reta, com passos que são aproximados ao marchar e ao romper utilizados atualmente. Outra característica evidente era a importância dada à manutenção da distância entre os lutadores em todos os momentos da peleja. O esgrimista deveria observar a todo tempo a qual distância estava de seu adversário e somente se aproximar durante um ataque. Essa cautela na dinâmica da luta, os movimentos calculados para atacar, expressam bem o momento, o processo de contenção dos comportamentos no qual o autor estava inserido.

Hergsell (1896, p.382 – tradução livre) citando Capo Ferro escreve: “Essa procura constante não exige apenas muita paciência – diz Capo Ferro – mas deve acontecer também com muito cuidado, porque o corpo não deve durante essa ação ser retirado da posição na qual se detém⁵²”. Esse mesmo autor cita que para o mestre italiano o esgrimista que não considera o tempo e a medida de esgrima, ataca de forma impetuosa, é um oponente brutal.

A Figura 4 representa a ação a ação de a fundo partindo de uma posição de guarda, a letras indicam as posições e os movimentos que o indivíduo deveria fazer. Como indicado, segundo Capo Ferro, o esgrimista deveria expor o mínimo possível de seu corpo, portanto na figura se vê a adoção de uma posição lateralizada em relação ao adversário, que será também

⁴⁹ Um passo largo com o pé da frente, enquanto a perna de trás se estende totalmente, iniciado com o alongamento do braço em direção ao alvo. Movimento normalmente utilizado em ataque.

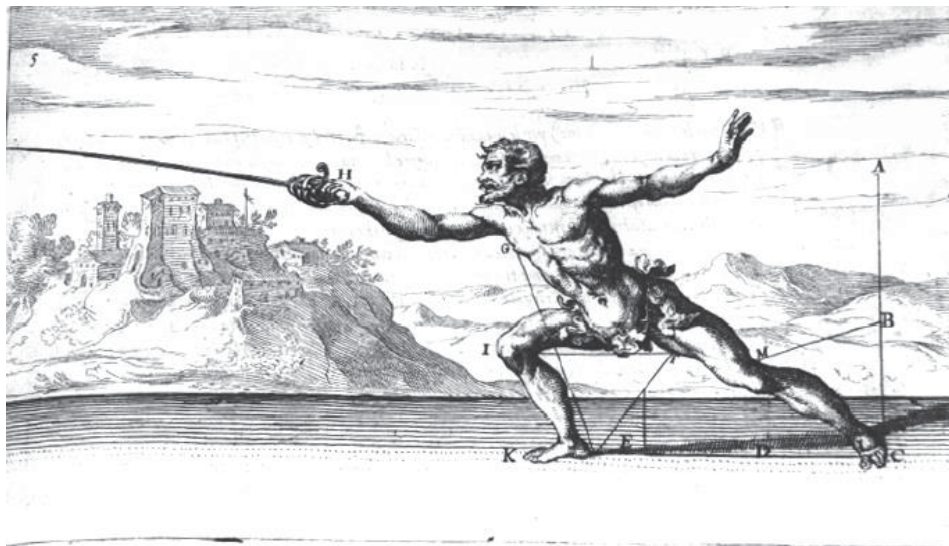
⁵⁰ *This is indeed the commencement of rational fencing: the number of botte will increase, their definition and limitation will become more accurate, and, in presence of the multiplicity of attacks, proper parries will be devised* (CASTLE, 1885, p.106).

⁵¹ (...) *the trunk itself, which should be bent forward as much as possible, so as to diminish its apparent surface, and increase the reach of the lunge* (CASTLE, 1885, p.108).

⁵² *“Dieses Suchen erfordert nicht nur viel Gedult” – sagt Capo Ferro – “es muss auch mit der grössten Vorsicht geschehen, denn der Körper darf während dieser Action aus der Stellung, welche er inne hat, nicht gebracht werden* (HERGSELL, 1896, p.382).

percebida nas figuras 5 e 6. Uma clara geometrização dos movimentos, conforme descreveu Vigarello (2008) começava a influenciar o ensino da esgrima, não perceptível apenas no discurso escrito, mas também nas ilustrações como as reproduzidas abaixo:

FIGURA 4 – MOVIMENTO DE A FUNDO



FONTE: Capo Ferro (1610)

O golpe dado com o corte da espada foi depreciado por Capo Ferro em favor do toque com a ponta da lâmina, e para esse mestre o uso da espada (nesse caso provavelmente a *Rapiera*) pode ser dado somente com ela, sem a necessidade de escudos, mantos e *dagger*. Porém, apesar de entender que a espada pode sozinha ser utilizada para ataque e defesa, ele ainda insere em seu tratado diversas guardas e golpes usando esses implementos de auxílio. Segundo Hergsell (1896), Capo Ferro considerava que ao desferir um corte o esgrimista perdia muito tempo, que era precioso durante o ataque. Além disso, também existia a necessidade de entrar em uma medida mais justa, pois tal golpe ocasionava uma exposição desnecessária ao oponente.

A distância longa e o ferimento causado pela ponta da espada são ilustrados na Figura 5. Ao comparar essa imagem com aquelas retiradas do tratado de Marozzo reproduzidas anteriormente, percebe-se uma diferença significativa na empunhadura. Por estarem segurando uma arma mais leve, o modo de segurar a espada foi mudado, visto que os esgrimistas podiam ter um controle maior sobre a ponta da espada. A diferença visível é que o dedão dos indivíduos no manual de Capo Ferro está estendido e o indicador também não

envolve completamente o punho da arma. Tal forma de segurar não seria possível com uma espada pesada.

Apesar da amenização da violência no decorrer do processo de civilização dos costumes que acontecia nessa época, ilustrações como a da Figura 5 estão ao longo de todo o tratado de Capo Ferro, em que um homem perfura o outro, com sangue caindo do ferimento, exemplificando o período de transição entre o bruto e o delicado. A esgrima ainda “(...) conservava uma parte de brutalidade irredutível à civilização do galanteador enrustido (DRÉVILLON, 2013, p.356)”.

FIGURA 5 – MODO DE FERIR POR FORA



FONTE: Capo Ferro (1610)

Resquícios de tal brutalidade são vistos também na formação das guardas de Capo Ferro. Apesar do mestre italiano optar por posições de guardas que procuravam manter a distância do oponente, elas ainda eram consideradas bastante ofensivas. Hergsell (1896) em seus apontamentos sobre a obra fala que as guardas de Capo Ferro não são mais tão bizarras (descrição do autor) quanto as de Fabris. Aqui se retoma a descrição de guarda de Marozzo para compará-la à de Capo Ferro: “(...) elas são meramente uma coleção de atitudes, onde cada uma é meramente a preliminar de um ou dois ataques⁵³” (CASTLE, 1885, p.37 – tradução livre).

⁵³ (...) *they are merely a collection of attitudes, each of which is merely the preliminary to one or two attacks* (CASTLE, 1885, p.37).

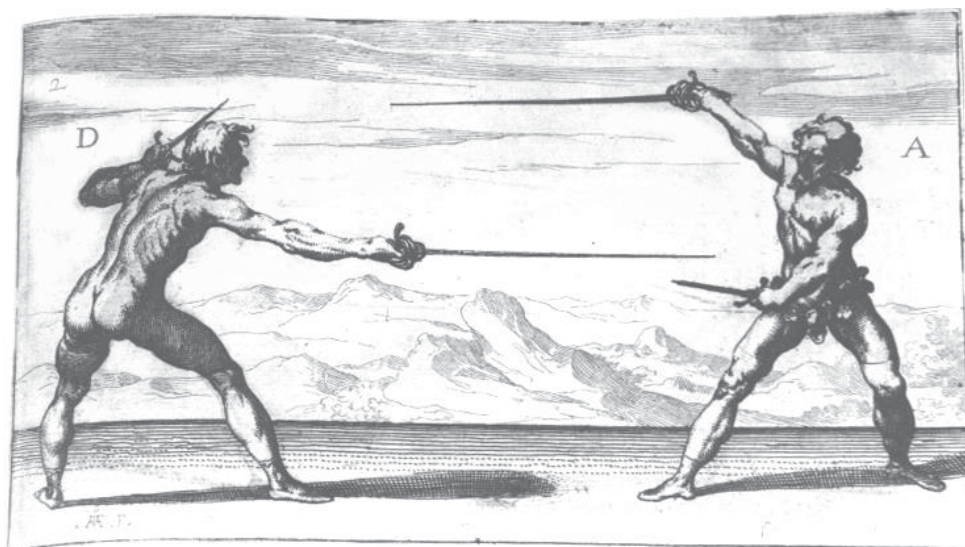
Ao apresentar a definição de Capo Ferro, Hergsell (1896, p.381 – tradução livre), indica que:

Um guarda é uma posição que segura o braço e a espada em linha reta, contra o centro dos pontos que podem ser atacados pelo inimigo, com o corpo bem posicionado para manter seu oponente em seus movimentos, mas para poder bater nele, por outro lado, se ele se aproximar de seu perigo.⁵⁴

Na comparação se vê que apesar da guarda de Capo Ferra ainda visar e priorizar o ataque, ela já tinha a utilidade de manter o adversário a uma distância segura. Sendo assim, torna-se uma técnica um pouco mais elaborada. Enquanto nas guardas de Marozzo os corpos dos indivíduos tendiam a estar mais inclinados à frente, na Figura 6 se vê uma distribuição de peso maior nas duas pernas e busca por uma distância entre os corpos. Na Figura 6, ilustração do manual de Capo Ferro, dois esgrimistas demonstram duas posições de guarda. O indivíduo caracterizado com a letra A pelo ilustrador, demonstra a primeira guarda e, aquele com a letra D a quarta guarda (no total o mestre italiano assume quatro guardas). Os dois estão lateralizados e segurando a *Rapiera* de tal forma que impõem ao adversário uma distância segura. Nota-se que um cuidado maior começava a ser tomado, revelando uma sensibilização com a própria segurança, o que era considerado covardia toma outra forma.

⁵⁴ Eine Garde ist eine Lage, die Arm und Degen in einer geraden Linie hält, gegen die Mitte jener Stellen, die man an dem Gegner angreifen kann, wobei der Körper wohl in Stellung gebracht ist, um bei seinen Bewegungen den Gegner entfernt zu halten, ihn aber anderseits treffen zu können, wenn er sich auf seine Gefahr hin nähert (HERGSELL, 1896, p.381).

FIGURA 6 – GUARDAS DE CAPO FERRO



FONTE: Capo Ferro (1610)

As Figuras 4, 5 e 6, retiradas do tratado de Capo Ferro, passam o sentimento de maior controle corporal se comparadas às de Marozzo. Percebe-se que nos músculos desenhados, na geometrização, enfim, nos detalhes descritos há uma maior atenção às gestualidades e à educação do corpo, conforme apontaram Vigarello (2008) e Dréviillon (2013).

Outra grande metamorfose na educação do corpo do esgrimista foi a invenção do florete na França na segunda metade do século XVII. Essa arma foi criada especificamente para sessões de “treinamento”, possuindo a ponta arredondada e uma lâmina fina. A introdução do florete, de acordo com Czajkowski (2010), trouxe grande evolução na teoria, nas técnicas e táticas no ensino das armas de ponta, porém, segundo o autor, ele servia para o treinamento de combates “reais” que nesse período começaram a ser realizados com a *Small Sword*⁵⁵. No começo os floretes, mesmo tendo a ponta rebatida, também provocavam ferimentos severos e por isso era comum que os praticantes saíssem machucados das aulas e “treinos”. Porém, o perigo desses ferimentos já se tornava menor do que na prática com as armas como a *Rapiera* e a *Small Sword*.

Mesmo com diversas alterações nas técnicas e armas, Dréviillon (2013, p.357) coloca que nessa época, a esgrima, como qualquer outro tipo de combate, “(...) tinha seu lado obscuro”, e que por essa face ser posta em prática constantemente, os homens deveriam ser

⁵⁵ A presente arma e suas principais características serão melhor descritas nos próximos tópicos.

adequadamente preparados. Preparação esta, que Vauban (citado por Drévilhon) acreditava não ser encontrada em uma esgrima acadêmica. Apesar de nesse século os duelos terem sido proibidos, continuaram sendo o principal motivo, de acordo com Castle (1885), para que os nobres procurassem as aulas de esgrima.

3.3 A contenção dos jogos e dos divertimentos: o refinamento na arte do manuseio da espada

Além dos duelos, outro elemento que incentivava a prática da esgrima era a existência de diversos torneios. Competições nas quais os vencedores recebiam prêmios e recompensas. Os jogos e competições eram, segundo Vigarello (2008), a todo tempo regulamentados e/ou até mesmo proibidos, pois se visava restringir a brutalidade, diminuir os gastos insensatos com jogos e limitar a inutilidade dos mesmos. O historiador francês afirma que a história dos jogos (jogos no geral, e não apenas os de espadas) seria a história das formas que se inventou para circunscrever as regras impostas e balizá-las. “Ela é em sentido mais amplo, a história de um insensível controle exercido sobre os corpos: uma vigilância supostamente capaz de conter melhor no fim das contas, violências e paixões (VIGARELLO, 2008, p.352)”. A tentativa de contenção dos jogos foi através das proibições dos duelos e ao restringir o ensino a mestres formados pela *Academie Royal d’Arms*.

O desenvolvimento da escola francesa de esgrima se deu, em grande parte, à criação e manutenção por um longo período de tempo da *Academie Royal d’Arms*. No início do século XVII já existiam irmandades e/ou confrarias de homens d’armas, sendo a mais famosa a Confraria de *Saint-Michel* (que após Revolução Francesa se tornou um clube de esgrima). Porém, a Academia teve um papel primordial no século XVII, pois nessa instituição vários indivíduos da elite francesa recebiam aulas de esgrima e eram formados para compor a guarda real. Durante o reinado de Luis XIV a Academia teve o seu auge e recebeu o monopólio de ensino da esgrima em seu país (CASTLE, 1885). Segundo Castle (1885, p.150 – tradução livre), durante toda a sua existência, ela contou com uma sequência de bons mestres que foram aperfeiçoando o sistema e técnicas de esgrima: “As longas tradições da *Academie*, um

instituição única de seu tipo, ao menos durante os séculos dezessete e dezoito, favoreceram necessariamente o desenvolvimento de um sistema perfeito⁵⁶”.

Ao aperfeiçoar cada vez mais as técnicas de ensino e combate a Academia no final do século XVII mudou sua arma predominante, passando da *Rapiera* para a *Small Sword*. Uma arma de lâmina mais fina e triangulada, utilizada somente com estocada (CZAJKOWSKI, 2010). Os franceses se tornaram especialistas nessa espada e procuraram desenvolver uma esgrima cada vez mais elegante, cheia de restrições e movimentos calculados. Uma prática que crescentemente exigia a educação do corpo marcada pela gestualidade mais civilizada. A ironia de Castle (1885, p.150 – tradução livre) é evidente ao descrever esse processo, se baseando nos livros e tratados franceses desse período:

Essa melhora na arte de despachar elegantemente um vizinho para o outro mundo consistia mais na definição e restrição mais clara de determinados movimentos e na eliminação de ações imperfeitas ou incertas do que na descoberta de novos modos de ataque e defesa⁵⁷.

Os cavalheiros da corte agora não eram mais necessariamente soldados ou cavaleiros como as gerações nobres anteriores à sociedade de corte e, portanto, suas espadas eram adereços, o que auxiliou na disseminação da *Small Sword*. (CASTLE, 1885). Segundo o autor, a partir desse período as espadas utilizadas em meio militar e aquelas utilizadas na corte eram totalmente distintas, porém, as duas derivavam da *Rapiera*.

Durante todo o século XVIII, o uso da *Small Sword* foi cuidadosamente e quase exclusivamente cultivado, e os refinamentos introduzidos foram oportunamente aplicados a outras armas. Aquele foi o nascimento da nossa esgrima moderna, correta, precisa e elegante, e não menos eficiente por ter menos floreios do que o jogo de *Rapiera* (CASTLE, 1885, p. 5, tradução livre)⁵⁸.

Quando Norbert Elias (2011) escreve sobre o processo de civilização dos costumes, evidencia a influência francesa em outros países. A França, conforme lembra Braudel (1989),

⁵⁶ *The long traditions of the “Academie”, an institution unique of its kind, at least during the seventeenth and eighteenth centuries, necessarily favored the development of a very perfect system* (CASTLE, 1885, p.150).

⁵⁷ *This improvement in the art of elegantly dispatching a neighbour to the next world consisted rather in the clearer definition and restriction of particular movements, and the elimination of imperfect or uncertain actions than in the Discovery of fresh modes of attack and defence* (CASTLE, 1885, p.150).

⁵⁸ *Through the whole of the eighteenth century, the use of the small sword was carefully and almost exclusively cultivated, and the refinement introduced were in due course applied to the other weapons. That was the birth-time of our modern swordsmanship, correct, precise and elegant, and none the less effective for being less flowery than the rapier-play* (CASTLE, 1885, p.5).

já estava unificada, com o poder centralizado e forte, a sua corte, de acordo com Elias (2011) e Courtine e Haroche (2016), ditava a moda para toda a sociedade francesa e tinha como centro Paris, onde a nobreza se concentrava. Essas características, segundo Elias (2011), beneficiaram a civilização dos costumes em terras francesas, diferentemente dos países como a Alemanha, em que o poder estava dividido em pequenas e diversas cortes espalhadas pelo seu território. Consequentemente, a força do processo civilizador não só permaneceu na França, como se espalhou para outras nações, que adotaram seus costumes, vestimentas, língua e, conforme aponta Castle (1885), também a esgrima francesa.

Nos diversos países europeus a *Rapiera* foi sendo trocada pela *Small Sword*, e, ao deixarem as tradições da *Rapiera*, a escola francesa de esgrima tomou a liderança na Europa. As escolas espanholas e italianas se enfraqueceram dando lugar para os métodos franceses. Contudo, tal metamorfose teve uma ampla resistência por parte dos mestres tradicionais (CASTLE, 1885). Apesar de com o tempo adotarem os métodos francos, procuraram dar-lhes um estilo próprio, sendo que as diferenças entre tais escolas clássicas ainda é bastante evidente.

Os alemães por outro lado iam estudar a esgrima estrangeira e não tinham o propósito tão firmado de manter um estilo próprio. Segundo Castle (1885), as pequenas cortes alemãs eram fascinadas pelo estilo francês. O próprio Elias (2011, p.29) descreve sobre o encanto que a corte francesa emitia:

Nas cortes, nos casos em que há recursos suficientes, as pessoas imitam insatisfatoriamente a conduta da corte de Luís XIV e falam francês. (...) O francês espalha-se das cortes para a camada superior da burguesia. Todas as *honnêtes gens* (gente de bem), todas as pessoas de “consequência” o falam. Falar francês é o símbolo de *status* de toda a classe superior.

Tal elemento levantado por Norbert Elias também foi percebido por Castle ao tratar da esgrima:

(...) esgrima acadêmica regular como era praticada em Paris era igualmente ensinada em algumas escolas alemãs, geralmente, no entanto, para o uso especial das pequenas cortes, onde tudo o que era francês era curiosamente imitado (CASTLE, 1885, p.184, tradução livre)⁵⁹.

⁵⁹ (...) regular academical fencing as it was practiced in Paris was likewise taught in a few German schools, generally, however, for the special use of the small Courts, where everything French was curiously imitated (CASTLE, 1885, p.184).

Outro fator que diferenciava a sociedade alemã, ponto onde novamente pode-se aproximar Norbert Elias da obra de Castle, refere-se ao fato de que a esgrima, principalmente aquela com as armas de características nacionais, era ensinada nas universidades e exercida pela burguesia. Elias (2011) demonstra como a burguesia se distanciava dos cortesãos por ser mais nacionalista e, para desenvolver a cultura alemã, iam às universidades e não compartilhavam do fascínio de sua corte pela França. Eles ainda mantiveram o uso da *Rapiera* por um longo tempo antes de aderirem a *Small Sword*, porém, não deixaram de praticar com armas de corte nacionais paralelamente a essas duas armas de estoque. Algumas das universidades alemãs na metade do século XVIII abandonaram a arma de estocada, porque a consideraram perigosa demais para ser empregada em combates entre estudantes, já que segundo Castle (1885, p.184 - tradução livre), os duelos entre os estudantes eram tão comuns que “(...) até o aluno mais pacífico nunca tinha certeza de sua vida por um único dia⁶⁰”.

Enquanto na Alemanha os duelos mais comuns se davam entre a burguesia intelectual presentes nas universidades, na França eram entre a nobreza, que, segundo Elias (2001) só iriam frequentar uma universidade se porventura necessitassem seguir uma carreira eclesiástica. As características da prática da esgrima retratam assim, as diferenças das sociedades desses dois países. Em um não se tem um poder centralizado, e a burguesia não vê necessidade em imitar a corte, e em outro a corte dita a moda para todas as classes, e por esse motivo os franceses buscavam desenvolver uma forma de combate com espadas mais civilizado.

Castle (1885) aponta que no século XVIII, os duelos já haviam diminuído consideravelmente, principalmente na França e Inglaterra. No território francês eles já haviam sido proibidos anteriormente, mas durante o reinado de Luis XIV, o rei assinou a sentença de morte para quem duelasse, o que para Serna (2002) parece bastante contraditório, assinar uma sentença como essa, porém autorizar a patente dos mestres d’armas da Academia Real para o ensino da arte das armas, e isso em um período em que a moda masculina implicava no uso de uma espada em sua cintura. O autor cita Labat⁶¹ dizendo que “(...) deve-se finalmente

⁶⁰ (...) that the most peaceable student was never sure of his life for a single day (CASTLE, 1885, p.184).

⁶¹ Labat foi mestre de esgrima que escreveu o livro *L’Art en fait d’armes, ou de l’épée seule avec les attitudes* em 1696.

convencionar, que um homem que professa carregar uma espada, se ele não sabe como usá-la, se arrisca e não é mais ridículo do que carregar livros atualmente sem saber ler⁶²”, reafirmando a contradição levantada por ele (SERNA, 2002, p.350 – tradução livre). Contudo, vários nobres não deixaram de fazer aulas de esgrima, principalmente os militares, e continuaram praticando e, sobretudo, apesar de sua proibição, duelando.

Norbert Elias (2001) explica que após a guerra civil francesa, um controle mais rigoroso se torna vigente debaixo do reinado de Luis XIV e do cardeal Richelieu. Enquanto Henrique IV ainda era um tanto indulgente em relação aos duelos, Luis XIV não aprova nem um pouco essa prática, e mesmo assim vários indivíduos ousavam desobedecê-lo. De acordo com Dré villon (2013) os duelos eram irresistíveis e uma culpável atração para os nobres, mesmo com as prescrições religiosas e políticas. Elias (2001, p.241-242) entende essas atitudes de rebeldia da seguinte forma:

Nessa época, os duelos possuem e conservam durante muito tempo o caráter de um domínio que os nobres, e mais tarde também outras camadas, reservam para si – com frequência desafiando o rei ou outras autoridades do Estado – como símbolo da liberdade individual, como é entendida no âmbito de uma tradição guerreira, ou seja, a liberdade que cada um tem de ferir ou matar o outro quando tem vontade. Trata-se também, após as guerras civis, de um símbolo da revolta das camadas de elite contra o crescente controle do Estado, cada vez mais inclinado a submeter todos os cidadãos às mesmas leis.

Esses duelos só diminuíram quando Luis XIV colocou em prática a lei a qual assinou, sentenciando a morte àqueles que se envolvem nesses combates ilegais. Elias (2001, p.242), indica que foi isso que aconteceu, visto que uma: “(...) poderosa onda de duelos foi interrompida quando Richelieu mandou executar publicamente um dos principais duelistas de uma casa importante. Era preciso se conter. O tempo em que era permitido dar vazão a rancores e hostilidades havia passado”.

A prática da esgrima estava tornando-se um tipo de divertimento e uma forma mais regrada de vivenciar a prática envolvendo armas brancas como as espadas. Porém, diminuir, não quer dizer extinguir, e os duelos ainda eram realizados. Todavia ocorriam com mais cautela. Em forma de divertimento, exercício ou duelo, a luta com espadas assume a elegância e a civilidade pertencente a esse ápice da sociedade de corte durante o reinado de Luis XIV.

⁶² *L'on doit enfin convenir, qu'un homme qui fait profession de porter l'épée, s'il ne sait point s'en servir, risqué plus et n'est pas moins ridicule que de porter actuellement des livres sans savoir lire* (SERNA, 2002, p.350).

Aqui, novamente, é notável como a maneira de usar a espada nesse século reflete algumas de suas principais características. A leve, elegante *Small Sword*, manejada pelo pulso e com uma despesa comparativamente pequena de força, embora, ao mesmo tempo, em diversos casos, ainda mais mortal do que a *Rapiera*, parece, na verdade, a arma adequada para resolver as discussões entre emperucados, engomados e empoleirados cavalheiros, de uma forma cortês a altamente refinada. (...) Esgrima com a *Small Sword*, com suas guardas simplificadas, atitudes corretas, e movimentos regulares, caracteriza obviamente a era que apreciava o estilo polido e preciso de Addison, Pope e Hume, assim como o selvagem, impulsivo e imaginativo jogo de *Rapiera* e punhal, conta, em nossas mentes, com o discursos envolvente e hiperbólico dos cortesãos de Elizabeth e James (CASTLE, 1885, p.6 - tradução livre)⁶³.

Com esse estilo polido e apurado em suas técnicas, a esgrima passa apresentar características um pouco mais complexas e que se tornam valorizadas em detrimento do simples vencer e/ou matar alguém. Castle (1885) cita que alguns movimentos corporais ensinados nesse mesmo século perduraram até a Revolução Francesa. O motivo dessa continuidade era o fato dos cavalheiros em muitos momentos não terem a intenção de ferir e/ou matar nos duelos, e sim apenas desarmar o adversário, demonstrando a superioridade de sua técnica no manejo da espada. Para os praticantes de esgrima, segundo Serna (2002, p.349 – tradução livre),

(...) a arte de lutar com armas é parte de um processo de civilização, pelo desvio da função primária da espada, que era para perfurar seu inimigo, em uma prática principal, pelos esforços combinados de corpo e mente a uma construção do ser de alguém, a uma configuração em si mesmo. A espada, uma extensão do corpo do esgrimista, torna-se uma ferramenta inteligente, ajudando a compreender melhor o espírito, a alma, o humor, a razão, através da pesquisa teórica que ela implica⁶⁴.

Portanto, os duelos se tornam cada vez mais regrados, ou seja, “civilizados” no dizer de Elias (1993; 2011), demonstrando na anatomia do detalhe uma sensibilidade e educação do

⁶³ Here, again, it is noticeable how the manner of using the sword in that century reflects some of its chief features. The light, elegant small sword, managed by de wrist and with a comparatively small expenditure of strength, though, at the same time, if anything, even more deadly than the rapier, seems, in truth, a fit weapon wherewith to settle quarrels between bewigged, beruffed, and bepowdered gentlemen, in a courteous and highly refined manner. (...) Small sword fencing, with its simplified guards, correct attitudes, and regular movements, is obviously characteristic of the age which appreciated the polished and precise style of Addison, Pope, and Hume, just as the wild, impulsive, and imaginative rapier and dagger play, tallies, in our minds, with the involved and hyperbolic speech of Elizabeth and James's courtiers (CASTLE, 1885, p.6).

⁶⁴ (...) l'arte de tirer des armes s'inscrit dans un processus de civilisation par le détournement de la fonction première de l'épée, qui consiste à percer son ennemi, en une pratique conduisant, par les efforts conjugués du corps et de l'esprit à une constuction de son être, à une mise en dorme de soi. L'épée, prolongement du corps de l'escreimeur, devient un outil intelligent, aidant à une meilleure connaissance de l'esprit, de l'âme, des humeurs, de la raison, par la recherche théorique qu'elle implique (SERNA, 2002, p.349).

corpo cada vez maiores dos combatentes. Uma prática que valoriza todo um sentimento de si levantado por Vigarello (2016). Enquanto a espada fazia parte da vestimenta masculina, durante o século XVIII, as lutas faziam parte do dia a dia deles, o que obrigava os mestres, mesmo a contragosto, a ensinarem movimentos diferenciados, que atualmente, por serem considerados golpes antidesportivos e desleais, foram banidos da esgrima esportiva.

O controle das emoções e os comportamentos mais civilizados foram abraçados pela esgrima de tal forma que, segundo Castle (1885), no século XVIII as escolas de esgrima, além de instituições de combates se tornaram espaços destinados a educar os comportamentos e as gestualidades de seus praticantes. O autor indica, até de forma bastante irônica, que os cavalheiros se tornaram “afeminados” e os seus movimentos se transformaram em ações tão contidas que nem mesmo suas perucas e babados se deslocavam após alguns *bouts*⁶⁵. De acordo com Castle (1885, p.159 - tradução livre), tais mudanças nas maneiras começaram no século XVII.

Essa mudança nas maneiras das escolas parecem datar do início do reinado de Luis XIV, quando, como vimos, a saudação sob o nome “*révérence*” é ouvida pela primeira vez. Em cada escolar, de boa reputação, um código de regras que regulam os assaltos foi reforçado pelo costume. Em tais ocasiões era esperado que um esgrimista condecorado exibisse regularidade, evitasse golpes em tempo, respondesse apenas após a recuperação do adversário, de modo a evitar seu rosto, etc. – na verdade, o estilo tinha chegado a ser muito mais considerado do que o vigor. (...) Tal esgrima, na verdade, deve ter sido mais ‘acadêmica’, embora, ao mesmo tempo, muito artificial; (...) O medo de ferir um adversário na escola, que teria desonrado um esgrimista para a vida toda, não poderia agir de outra forma senão em detrimento da velocidade de seus movimentos, no entanto, poderia tender a manter a sua forma. Quão diferente era uma “*salle d’armes*” em Paris ou Londres naquela época das velhas escolas italianas da rainha Bess e de Henri III, no quais os homens nunca deixavam a sala senão cobertos de contusões, talvez com um olho ou alguns dentes a menos⁶⁶!

⁶⁵ Combate de esgrima no qual os jogadores contam os pontos e se tem um vencedor, ao contrário de um assalto no qual o combate é amigável sem que se compare resultados e se tenha um vencedor (FIE, 2017)

⁶⁶ *This change in the manners of the school seems to date from the early days of Louis XIV's reign, when, as we have seen, the salute under the name of “révérence” is heard of for the first time. In every school of any standing a code of rules regulating the assault was enforced by custom. On such occasions an accomplished fencer was expected to display the regularity, avoid time hits, only repost as his adversary recovered, so as to avoid wounding his face, &c. – in fact, style had come to be far more considered than vigour. (...) Such fencing must, in truth, have been most “academical”, though, at the same time, very artificial; (...) The fear of wounding an adversary in the school, which would have disgraced a fencer for life, could not act otherwise than detrimentally on his velocity of movement, however it might tend to keep up his form. How different a “salle d’armes” in Paris or London in those days from the old Italian schools of Queen Bess and Henri III., which men never left but covered with bruises, perchance minus an eye or a few teeth! (CASTLE, 1885, p.159).*

Aqui o autor traz à tona a reverência que os esgrimistas deveriam realizar antes de um combate, saudação inclusive que é obrigatória em todos os jogos atuais. Esse gesto demonstra respeito pelo adversário, evidenciando o aumento da sensibilidade provocada pela civilização dos costumes na arte da luta com espadas. Também se torna evidente todo o cuidado que os alunos deveriam ter na sala de armas, principalmente para não machucar seu colega, contrariamente ao que era considerado normal anteriormente: sair com machucados provocados pelas armas.

A máscara, que veio complementar esse cuidado com o outro, apesar de já existirem algumas tentativas de uso de artigos parecidos com ela anteriormente, foi inventada com arame trançado pelo mestre francês Labossière por volta de 1750, e que é bastante parecida com a máscara atual (VALARINHOS, 1993). Essa fornecia a proteção necessária para evitar acidentes que desconfigurassem o rosto e/ou até mesmo trouxessem ferimentos fatais na cabeça. Assim, os combates realizados nas salas de armas puderam se tornar cada vez mais realistas.

Por essa ocasião, na segunda metade do século XVIII, mais especificamente no ano de 1766, foi publicado o tratado do mestre francês Guillaume Danet, com o objetivo de estabelecer princípios aceitos por todos os mestres, e que seguissem uma lógica coerente, Danet cria a obra “*L’Art des Armes*” (CASTLE, 1885). Tal trabalho provocou ciúmes, pois contradizia diversos ensinamentos dos mestres d’armas da Academia Real de Armas, o que levou à expulsão temporária de Danet da instituição. Pouco tempo depois ele é readmitido, e mais tarde se torna o diretor do estabelecimento (CASTLE, 1885).

Em seu tratado a arma utilizada, seguindo a moda de seu tempo, a *Small Sword*. Apesar de existirem apenas quatro linhas a serem defendidas e atacadas, em relação à mão armada do adversário, com uma arma mais leve como a *Small Sword*, as possibilidades de formas de ataques e paradas eram bem maiores do que com a sua predecessora, a *Rapiera*. Sendo assim, Danet descreve dezoito paradas (das quais nomeia apenas as principais), ensina nove formas de ataques com estocadas e expõe como exercício uma série de desengajamentos que deveriam ser executados em todas as linhas (as quatro) “(...) com o máximo de estilo possível (CASTLE, 1885, p.166 – tradução livre)⁶⁷”. Como mestre, ele admitia apenas uma

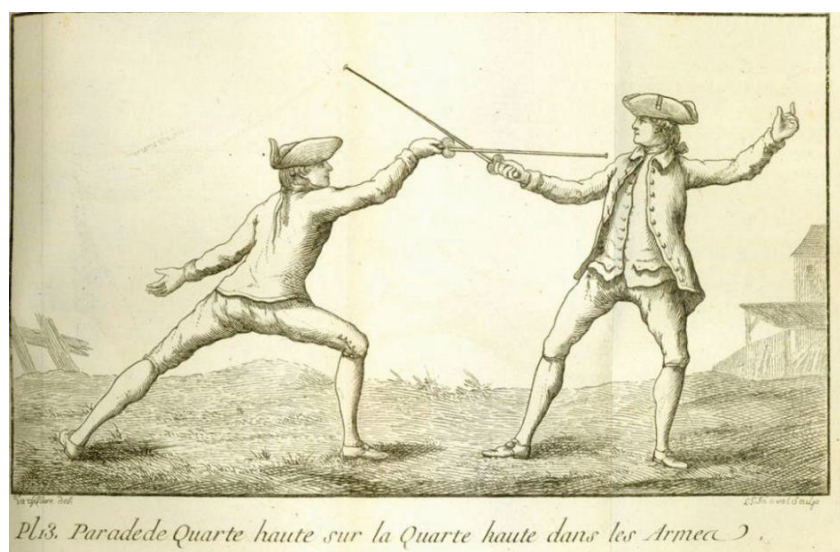
⁶⁷ (...) with as much style as possible (CASTLE, 1885, p.166).

guarda, e essa seguia a lógica que está próxima àquela utilizada atualmente, posição que pode ser utilizada como ponto de início tanto para um ataque quanto para uma parada.

Aqui pode-se realizar uma comparação com as guardas de Marozzo (1536) que tinham como objetivo apenas o ataque, expunham o esgrimista e eram com o corpo voltado para frente. Para possibilitar os diversos ataques com a espada mais pesada, várias guardas diferentes se faziam necessárias, pois a arma, devido ao peso, impossibilitava que golpes, partindo de qualquer posição inicial, fossem feitos nas diversas direções. Cada ataque tinha o seu ponto de partida. Por sua vez Danet simplificou a guarda para apenas uma posição, da qual poderiam ser realizados múltiplos ataques e defesas, fruto do aprimoramento da técnica oriundo da facilidade de manejo de uma espada mais leve.

A delicadeza, o estilo e principalmente o controle de movimentos podem ser visualizados na Figura 7. Para fazer uma parada não era mais necessário um movimento tão amplo. Apesar da ilustração não ser especificamente de uma guarda, para realizá-la não é necessário realizar um movimento com todo o corpo, mas somente com o braço. Diante disso se tem noção de como Danet entendia a guarda de um esgrimista. Com o corpo equilibrado, o peso colocado mais sobre a perna de trás, evitando o toque no rosto, de forma lateralizada e o braço de trás para cima auxiliando no equilíbrio. Enquanto Capo Ferro inseria em seu tratado ilustrações com esgrimistas atravessando suas espadas um no outro, em Danet, de acordo com o aumento da sensibilidade de sua época, são vistas ilustrações com armas de ponta rebatida, parecidas com floretes utilizados para os exercícios.

FIGURA 7 – PARADA DE QUARTA



FONTE: Danet (1766)

Além de ensinar movimentos mais detalhados e elegantes com uma arma mais leve e delicada, Danet valoriza o ensino da moral e graça (SERNA, 2002). “Será notado que um sentimento moral muitas vezes o leva à graça de um inimigo a quem ele terá mostrado uma superioridade decidida (DANET, 1766, p.XXIII – tradução livre⁶⁸)”. Não somente Danet valoriza tal qualidade. Serna (2002, p.356 – tradução livre) em seu estudo sobre os diversos tratados de esgrima do século XVIII, percebe que jogo de espada, nos diferentes textos “(...) aparece finalmente como uma ética, rigor moral, autodefesa, investimento intelectual, aprofundamento teórico, cultura física; assim como é uma estética, os diferentes autores insistindo na graça, na beleza dos movimentos bem executados⁶⁹”.

Apesar de em vários casos não ser totalmente inevitável a conservação da vida dos colegas de sala d’armas, essa passa a ser muito valorizada no decorrer do século XVIII. A sensibilização com a vida se tornou evidente, como por exemplo, no tratado de esgrima de Girard (1736):

É na arte das armas, ilustre nobreza francesa, que você deve se destacar, você que é o apoio do mais poderoso monarca do universo: siga as leis da justiça e apenas tire a espada pelo seu serviço, a manutenção da religião e a defesa da sua vida. (...) É neste propósito que tenho a honra de atualizar um método que me parece seguro na luta, para garantir a vida (GIRARD, 1736, *apud* SERNA, 2002, p.355. – tradução livre)⁷⁰.

Segundo Serna (2002) os autores dos tratados franceses do século XVIII defendem cada um as técnicas desenvolvidas por si. Porém, se apoiam em uma regra que dizia que a arte da esgrima era baseada em movimentos naturais, que pode ser apreendida ou enganada, mas que quanto mais seus princípios se aproximam do natural, mais a execução dos movimentos será segura e fácil. Tais questões reafirmam uma esgrima feita com leveza e segurança.

⁶⁸ *On s'apercevra qu'un sentiment moral le portera souvent à faire grâce à un ennemi auquel il aura fait voir une supériorité décidée* (Danet, 1766, p.XXIII).

⁶⁹ (...) *apparaît finalement comme une éthique lint rigueur morale, légitime défense, investissement intellectuel, approfondissement théorique, culture physique; de même qu'il est une esthétique, les différents auteurs insistant sur la grâce, la beauté des mouvements bien exécutés* (SERNA, 2002, p.356).

⁷⁰ *C'est dans l'art des armes, illustre noblesse française, que vous devez exceller; vous qui êtes le support du plus puissant monarque de l'univers: suivez les lois équitables, et ne tirez l'épée que pour son service, le maintien de la religion, et pour la défense de votre vie... C'est dans ce dessein que j'ai l'honneur de mettre à jour une méthode qui me paraît sûre dans les combats, pour garantir la vie* (GIRARD, 1736 in SERNA, 2002, p.355).

Outro ponto necessário a ser trazido à tona é o contexto artístico, cultural e científico no qual a esgrima está inserida no século XVIII. O Iluminismo também se manifesta nos tratados.

Como resultado pedagógico, o século XVIII testemunhou um florescimento de todos os campos, dos tratados, dos métodos, das precisões, nos quais a didática nunca deixou de ser elaborada. O manual de esgrima se inscreve, por sua vez, como parte dessa demanda do Iluminismo, ao mesmo tempo intelectual, em sua vontade de congelar no texto impresso as regras das artes, ao mesmo tempo em que o Estado, em seu desejo de consertar no papel, pelo menos para as artes marciais, padrões que devem visar uma uniformização das práticas (SERNA, 2002, p.350 – tradução livre)⁷¹.

Os autores novamente trazem a esgrima como uma ciência e entendem que não existem movimentos ou golpes secretos, só o aperfeiçoamento do que já é sistematizado (SERNA, 2002). “Será óbvio para mim que, ensinar os tempos certos, é renovar o velho erro vulgar de ensinar a tocar com um golpe secreto, mas os conhecedores sabem que a ciência das armas é o único e o verdadeiro golpe secreto contra a ignorância (...) (DANET, 1766, p.199 – tradução livre)⁷²”. Portanto, a esgrima pode ser mais calculada, não existindo a necessidade de um “golpe secreto”, somente um tempo de execução certo. Ao citar Labat, Serna (2002, p. 357 – tradução livre) coloca que nesse século “(...) dois homens habilidosos juntos lutam mais com a cabeça do que com a mão⁷³”.

Toda essa “quantificação” e ciência desenvolvida sobre a esgrima impõe em sua prática um autocontrole maior do que aquele que existia anteriormente. Serna (2002) coloca que, esse autocontrole deveria ser buscado para harmonizar corpo e mente, mente e vontade, pois um bom jogo de esgrima implica tal harmonia. A introspecção unida à habilidade é necessária para se vencer um adversário.

A relação constante do corpo e mente, permeia os tratados do século XVIII. O esgrimista deveria cuidar para que não se deixasse levar pelas paixões e sentimentos como o medo, raiva e desprezo, mas sim controlar seus impulsos. Um verdadeiro sentimento de si

⁷¹ *Résulément pédagogique, le 18 siècle voit fleurir dans tous les domaines, des traités, des méthodes, des précis, où la didactique ne cessa d'être élaborée. Le manuel d'escrime s'inscrit à son tour dans cette exigence des Lumières, à la fois intellectuelle, en sa volonté de figer dans le texte imprimé les règles des arts, en même temps qu'étatique, en son désir de fixer sur le papier, au moins pour les arts martiaux, les normes que doivent viser à une uniformisation des pratiques* (SERNA, 2002, p.350).

⁷² *On m'objectera peut-être qu'en enseignant ces temps certain, c'est rajeunir la vieille erreur du vulgaire, touchant la botte secrète, mas les connaisseurs qui savent que la science des armes est la seule et la vraie botte secrète contre l'ignorance, (...) (DANET, 1766, p.199)*

⁷³ *(...) deux hommes adroits faisant ensemble, combattent plus de tête que de la main* (SERNA, 2002, p.357).

advogado por Vigarello (2016). Jogar com inteligência se torna primordial para os mestres, portanto, os praticantes deveriam repetir constantemente os exercícios até que se habituem às situações de jogo e, sobretudo, compreender as regras e dominar suas paixões (SERNA, 2002).

A esgrima torna-se um exercício de vontades, colocando em prática os desejos do combatente, “(...) mas permanece acima de tudo um exercício de inteligência, porque é uma questão de compreensão de uma linguagem, materializada pelo ataque do adversário e de responder a ele por uma resposta apropriada, uma projeção vitoriosa (SERNA, 2002, p.359 – tradução livre)⁷⁴”. Com esses cuidados cada vez maiores entre os praticantes de esgrima e com a diminuição e até mesmo proibição dos duelos, jogos de espadas se desenvolveram e foram aprimorados até levar a esgrima a ser um esporte. Esse exercitar-se, divertir-se e competir com a esgrima são explorados e analisados com mais detalhes no capítulo seguinte.

⁷⁴ (...) mais il demeure avant tout un exercice d'intelligence, car il s'agit de comprendre un langage, matérialisé par l'attaque de l'adversaire et de lui répondre par une riposte appropriée, une saillie victorieuse (SERNA, 2002, p.359).

4 O SÉCULO XIX E A ESPORTIVIZAÇÃO: A CIVILIZAÇÃO DOS COSTUMES NA ESGRIMA

4.1 Um divertimento surge de uma proibição

A espada é agora verdadeiramente uma coisa do passado, e a esgrima elaborada só pode ser encarada como um tipo de passatempo superior, combinando emoção mental e exercício físico - a excitação de um jogo de habilidade não inteiramente independente do acaso, juntamente com o deleite, intrínseco a todas as organizações saudáveis, de conflitos e destruição - e um exercício que requer a maior tensão nervosa e muscular, enquanto proporciona o prazer refinado da ação rítmica (CASTLE, 1885, p.4, tradução livre)⁷⁵.

Em meados do século XVIII, o discurso de que se deveriam fazer mais exercícios físicos para ter um corpo forte e saudável trouxe algumas mudanças para a forma de se praticar alguns jogos. Vigarello (2008, p.391) salienta que houve pretensões de ensinar as práticas corporais destinadas apenas aos filhos de condição nobre para as diferentes classes sociais, pois o “(...) objetivo seria colocar o exercício ao alcance de todo o mundo, reavaliar suas exigências, dar prioridade aos exercícios que desenvolvem o corpo em detrimento do que apenas satisfaz o código social”. Essa afirmação vai ao encontro do que Norbert Elias (1993, 2001) explica como ascensão da burguesia, visto que tal ampliação afetava principalmente os segmentos burgueses.

A classe burguesa no século XVIII já havia se tornado rica, passando a ter uma grande influência na esfera econômica. A corte existia para dar ao rei um meio social mais elevado e comportamentos nobres, portanto, os benefícios eram mútuos entre o rei e a nobreza. Enquanto esses reservavam ao rei o *status* diferenciado, também dependiam dos favores da realeza nas questões materiais, pois lentamente foram perdendo suas riquezas com um estilo de vida dispendioso sem que arrecadassem os valores antes fornecidos pelo arrendamento de terras (ELIAS, 2001).

Ao mesmo tempo em que a burguesia estava mais rica e queria se adequar aos comportamentos da nobreza, essa última não a deixava participar plenamente da vida social,

⁷⁵ *The sword is now truly a thing of the past, and elaborate swordsmanship can only be looked upon as a superior kind of pastime, combining mental excitement and bodily exercise – the excitement of a game of skill not entirely independent of chance, together with the delight, innate in all healthy organizations, of strife and destruction – and an exercise necessitating the utmost nervous and muscular tension while it affords the refined pleasure of rhythmical action* (CASTLE, 1885, p.4).

principalmente por não possuir títulos de família nobre. A revolta com essa situação culminou em revoluções, como por exemplo, a Revolução Francesa (1789-1799). Após as Guerras Napoleônicas e guerras civis em vários países europeus, os regentes buscaram pacificação, e a população, cansada de conflitos, queria paz principalmente em seu convívio social (ELIAS, 2001; HUNT, 2009). Devido a esses acontecimentos os duelos diminuíram consideravelmente, mas como os indivíduos ainda usavam a espada como adereço na vestimenta, os desafios e os combates ilegais não foram extintos totalmente.

Serna (2002) salienta que nos tratados de esgrima, por serem os duelos proibidos publicamente, alguns mestres/autores tomavam o cuidado de não usar a palavra duelo e/ou escrever sobre literalmente como matar outrem. Segundo a análise do autor, eram utilizadas expressões como “em um caso mais sério”, e faziam alusão aos duelos em algumas ilustrações inseridas nos manuais. Serna (2002) conta que no tratado de Domenico Angelo, publicado em 1763, com sucessivas edições renovadas até o início do século seguinte, as primeiras ilustrações presentes na obra são inofensivas e tranquilas, porém, no transcorrer do tratado encontram-se representações de esgrimistas atacando e perfurando seus adversários. Em uma delas, enquanto o atacante perfura o outro, perde o seu *tricorne* (chapéu), mostrando a intensidade com a qual se deveria fazer o movimento. Essa característica de violência velada nos tratados, segundo o autor, ainda persiste até primeira metade do século XIX.

Percebe-se, então, que ao mesmo tempo em que se busca por uma esgrima mais civilizada, ainda existia aquela parcela de desejo de experimentar a excitação que o perigo de um duelo traz:

A esgrima, na sua prática e teoria, atingiu tal nível de sofisticação no final do século 18 que apenas o autocontrole dos praticantes e o início da lenta metamorfose em esporte, mantêm-na num ambiente pacífico da sala ... pelo menos em aparência. (...) Uma vez retirado da sala de leitura filosófica, uma vez fora da sala dos braços, a onnipresença da espada na rua é surpreendente, e seu principal papel e destino final permanecem bem conhecidos de todos (SERNA, 2002, p.367 – tradução livre - grifo próprio)⁷⁶.

⁷⁶ *L'escrime dans sa pratique et dans sa théorie est parvenue, à la fin du 18 siècle, à un tel niveau de sophistication que seule la maîtrise de soi des pratiquants, et son début de lente métamorphose en sport, ça maintiennent dans le cadre pacifique de la salle... du moins en apparence. (...) Une fois éloignée du cabinet de lecture des phlisophes, une fois sortie de la salle d'armes, l'omniprésence de l'épée dans la rue surprend, et son rôle primordial ainsi que sa destination finale demeurent bien connus de tous* (SERNA, 2002, p.367).

Castle (1885, p.6, - tradução livre) relata que os duelos tiveram seu fim primeiramente na Inglaterra, enquanto no continente, mesmo depois das severas proibições, ainda eram praticados, “(...) mas de forma bastante incoerente, e mesmo na França, aquela uma vez terra clássica dos duelos, esgrima é encarada meramente como passatempo⁷⁷”. Contudo, nenhuma configuração política se dá sem disputas e conflitos, afinal, nesse período, segundo Elias (1992; 2001), a Inglaterra teve seu parlamento estruturado de forma mais pacífica se comparada à França, sendo que burgueses e nobres tiveram parcelas parecidas de poder e seus conflitos são resolvidos há mais tempo através de debates, de embates com palavras e um sistema judiciário mais estruturado. Portanto levanta-se a possibilidade de atribuir a essa configuração o cessar dos duelos com espadas anterior ao fim dos duelos no continente, sobretudo, no contexto francês.

Mesmo o uso da espada como adereço é deixado de lado depois de um tempo, Vigarello e Holt (2008) citam que durante o século XIX na França, era proibido o porte de qualquer arma, inclusive a espada. As atividades esgrimísticas diminuem, por perderem a sua utilidade no dia a dia, entretanto, como Castle (1885) afirma na citação anterior, a esgrima se tornava “meramente” um passatempo, um divertimento praticado nos clubes e salas de armas, além de continuar como exercício militar, mesmo com o domínio das armas de fogo nas guerras. Certo desapontamento é perceptível na expressão do autor, que mostra em detalhes como as técnicas de esgrima foram se desenvolvendo, e então, no século XIX, quando enfim chegaram a um maior nível de detalhamento, perderam, para ele, sua utilidade: “Pode-se afirmar com segurança que a teoria da esgrima alcançou a perfeição absoluta nos nossos dias, quando a arte tornou-se praticamente inútil (CASTLE, 1885, p.2, tradução livre)⁷⁸”. Essa mesma sensação Serna (2002, p.367 – tradução livre) descreve em seu artigo, pois para o autor “(...) tendo alcançado um nível real de perfeição, a ciência das armas é brutalmente desafiada, trivializada, quase ridicularizada⁷⁹”.

Outro fator que influenciou no “término” dos duelos foi a substituição cada vez maior dos enfrentamentos com espadas por aqueles que utilizavam pistolas. Conforme salienta Vigarello (2008), como arma bélica a espada já havia sido substituída por armas de fogo, e

⁷⁷ (...) but in a very desultory manner, and even in France, the once classical land of duellist, fencing is now looked upon merely as a national pastime (CASTLE, 1885, p.6).

⁷⁸ It can be safely asserted that the theory of fencing has reached all but absolute perfections in our days, when the art has become practically useless (CASTLE, 1885, p.2).

⁷⁹ Parvenue à un réel niveau de perfection, la science des armes se voit brutalement remise en question, banalisée, presque ridiculisée (SERNA, p.367).

com o desenvolvimento dessas, Serna (2002) indica que pistolas de manuseio mais fácil começaram também a ser utilizadas nos duelos. Serna (2002, p.368 – tradução livre), ao finalizar seu artigo e chegar ao fim do século XVIII escreve que: “(...) logo a pistola burguesa iria substituir o ferro aristocrático⁸⁰”, situação que se relaciona com o momento em que acontece no contexto francês a ascensão da burguesia e a Revolução Francesa.

Castle (1885) relata que diversas irmandades e confrarias de homens d’armas criadas antes da Revolução foram transformadas em clubes de esgrima. O jogo de esgrima com floretes e sabres se tornou mais elaborado, técnicas difíceis de ataques e paradas bem como as convenções, que ditam qual toque é válido e qual não é, passam a ser mais valorizadas e se tornam movimentos que não poderiam ser realizados com as espadas mais pesadas. De fato, segundo Czajkowski (2010), essas regras se tornaram tão artificiais em comparação aos duelos, que no século XIX iniciou-se a prática da esgrima com uma nova arma, a *Epée*⁸¹, cujas regras são mais realistas. Tal regulamentação das convenções tornou o jogo de florete um divertimento difícil e competitivo que incentiva ainda mais os torneios e competições entre esses clubes.

A variedade e a complicação que podem ser exibidas por dois esgrimistas especialistas levam à necessidade de um código, baseado no raciocínio teórico e no cálculo das probabilidades, estabelecendo o valor dos sucessos em caso de toques duplos. Tal coisa como um toque duplo na esgrima prática não deve contar muito bem para ambos os lados, toda a arte, quando reduzida a sua menor dimensão, como diz Molière, “l’art de donner et de ne pas recevoir”⁸² (CASTLE, 1885, p.6 - tradução livre)⁸³.

Apesar de os jogos coletivos, principalmente aqueles jogados com bolas, se tornarem altamente populares e dominarem o espaço das práticas corporais, a esgrima não deixou de ser modificada de acordo com os padrões da sociedade e manter seu lugar nesse meio. Já no final do século XVIII uma tendência de entretenimento apareceu na esgrima e se estabeleceu cada

⁸⁰ “*Bientôt le pistolet bourgeois allait remplacer le fer aristocrate* (SERNA, p.368)”.

⁸¹ Arma que pode ser considerada a mais próxima à espada utilizada hodiernamente na esgrima, suas regras não seguem às convenções de armas como o florete e sabre, e o toque é válido em todo o corpo adversário.

⁸² A arte de dar sem receber, ou seja, de tocar sem ser tocado. Definição ainda bastante utilizada atualmente nos regulamentos de esgrima.

⁸³ *The variety and complication which can be displayed by two expert fencers gives rise to the necessity of a code, based on theoretical reasoning and on the calculation of probabilities, settling the value of hits in case of double hits. Such a thing as a double hit in practical fencing ought not to count as really good on either side, the whole art when reduced to its lowest dimension being, as Molière says, “l’art de donner et de ne pas recevoir”* (CASTLE, 1885, p.6).

vez mais no século seguinte. Czajkowski (2010) salienta que à parte dos combates reais com espadas, a esgrima começa a se estabelecer como esporte, arte e passatempo nesse período. O autor ainda comenta que o mestre Domenico Angelo foi um dos primeiros mestres a cultivar o ensino do florete não apenas como uma preparação para os duelos, mas também como uma forma de entretenimento e prática física.

Vigarello (1999; 2005), indica que no século XIX os exercícios foram valorizados pelos benefícios à saúde que representava e também pela harmonia e equilíbrio provocados no corpo.

A elite social, que se tornou defensora dos esportes modernos, exaltava um corpo novo, um corpo que se qualificaria de atlético segundo normas neoclássicas, feitas de uma relação entre o tamanho, o peso, o desenvolvimento muscular e a mobilidade. O conceito central era agora o do equilíbrio entre os diferentes elementos da anatomia e do eu interior, entre o corpo e o espírito, resumido no adágio *Mens sana in corpore sano* (VIGARELLO; HOLT, 2008, p.419).

Se a elite defendia os esportes modernos por distinguir-se das outras classes sociais, deveria engrandecer a esgrima, porém na leitura dos tratados e também dos livros citados nesse capítulo, percebe-se certa contradição na opinião popular sobre a esgrima, posição que também variava entre as diversas nações. Enquanto uns viam a esgrima como perigo, que poderia incitar a violência e levar a casos de morte, outros a valorizam como esporte de elite que demonstra coragem, vigor e desenvolve diversas capacidades físicas e mentais. Parise (1884, p.9 – tradução livre), ao falar dessa discrepância sobre a opinião popular escreve que “(...) a consciência da sociedade flutua com medo, antes do duelo, entre a covardia e assassinato⁸⁴”. Afinal, se tinha pavor tanto da covardia quanto da violência que poderia levar à morte.

Em meio a essas divergentes falas, os autores dos tratados de esgrima do século XIX buscaram valorizar as virtudes, enfatizando os benefícios da prática e se adequando aos novos padrões corporais desejados pela sociedade, modelo corporal que de acordo com Vigarello (1999; 2005) se transforma no século XIX. Norbert Elias (2001) e Loudcher (2000; 2006), lembram que de forma concomitante o “limiar de tolerância” também diminuía, se tornando bem menos aceitável ferir outro indivíduo deliberadamente e/ou por prazer. Sendo assim, os duelos praticamente acabam e cresce a prática da luta com espadas em lugares

⁸⁴ *La coscienza della società moderna oscilla paurosa innanzi al duello fra la vigliaccheria e l'assassinio* (PARISE, 1884, p.9).

institucionalizados. Portanto, além dos tratados se adequarem às novas demandas, equipamentos cada vez melhores são desenvolvidos. Havia também elementos que aumentavam consideravelmente a proteção dos esgrimistas enquanto jogavam.

Os exercícios físicos se tornaram mais vigorosos e sua importância, a força e as capacidades físicas passam a ser mais valorizadas (VIGARELLO, 1999; 2005; VIGARELLO; HOLT, 2008). Na esgrima, essa mudança também foi percebida. Castle (1885) escreveu que no século XVIII a esgrima valorizava tanto a elegância que os combatentes nem ao menos chegavam a deslocar suas perucas. Já a partir de meados do século XIX, o combate se tornou mais vigoroso no sentido da movimentação exigida, e passou a impor cada vez mais determinadas habilidades físicas.

4.2 Um refinamento das técnicas: cunhando uma maior especialização

Encontram-se diversos livros escritos sobre a esgrima no século XIX, sendo o de Castle (1885) e Hergesell (1896) dois deles, mas outros podem ser citados como “*L’Escrime et le Duel*” de Camille Prévost e G. Jollivet, “*The Amateur of Fencing*” de Joseph Roland e “*The Book of the Sword*” de Richard F. Burton. A existência desse conjunto de obras indica que a prática continuou, e se tornou cada vez mais especializada. As técnicas encontradas nesse período são fruto das experiências em duelos ocorridos durante os séculos passados. Anjos (2004, p.29) coloca que os duelos, nesse longo período em que se deram, foram o “(...) campo mais eficaz para praticamente examinar, reconhecer, fixar e julgar todos os princípios científicos da esgrima”. Portanto, as bases técnicas para o desenvolvimento desse “futuramente esporte” já estavam sendo altamente testadas. A mesma autora afirma que a esgrima estabeleceu-se como esporte conforme as desavenças foram resolvidas nos tribunais mediadas por um juiz, substituindo os duelos, e que as guerras exigiram outros tipos de habilidades que não mais necessitavam do encontro aproximado com o inimigo. Para Serna (2002), baseado em um texto de Fougeré, de 1828, a arte de esgrimir foi reduzida a um sistema metodológico de aprendizagem rápida, que poderia ensinar a qualquer desajeitado a lutar contra um experiente.

A Itália, segundo Hughes (2007), seguiu um padrão diferente do apresentado acima. Antes das invasões napoleônicas os duelos não eram muito praticados na península itálica. Apesar de terem escrito diversos tratados nos séculos XVI e XVII, como já visto no primeiro

capítulo da presente dissertação, no século XVIII os desafios aos combates diminuíram de forma bastante considerável. Porém, após a ocupação francesa, Hughes (2007) coloca que os italianos passaram a buscar uma identidade como nação, procurando criar um patriotismo antes não muito presente e a esgrima e os duelos também fizeram, na opinião do autor, parte dessa construção.

Hughes (2007) argumenta que os italianos se sentiram desafiados pelos franceses, que os consideravam sem coragem e virilidade. Nesse sentido, Parise (1884, p.8 – tradução livre), indica que o duelo foi necessário para a defesa da honra dos italianos, o autor indicou que o sistema judiciário ainda não poderia resolver essas questões: “O duelo, é bom confessar, está nas condições atuais da sociedade, ainda é necessário porque não há outra maneira de se alcançar o propósito que tem⁸⁵”. Portanto, no século XIX, os duelos aumentaram em número na Itália, segundo Hughes (2007), uma praga de duelos invadiu o país. A nação, que no século XVI refinou a *rapiera* e criou uma esgrima científica para acompanhá-la, sistematizou um orgulho patriota e lembrou que foram eles que “(...) ensinaram ao mundo como colocar a honra na ponta de uma espada (HUGHES, 2007, p.19 – tradução livre)⁸⁶”.

Os duelos, porém, normalmente não eram combatidos até a morte e sim até o primeiro sangue, pois era ele que lavava a honra dos duelistas. Os combates só poderiam ser travados entre os cavalheiros considerados nobres. Hughes (2007) escreve que já haviam vários duelos com pistolas, mas eram os duelos com espadas que distinguiam os verdadeiros nobres, e isso levou à escrita de vários manuais de duelos (que eram considerados diferentes dos manuais de esgrima).

Como visto, os duelos e a história da esgrima em si “andam” todo tempo juntos, um aperfeiçoa o outro, e não foi diferente na Itália no período em que a esgrima se torna cada vez mais esportivizada. Segundo Hughes (2007), o aumento dos desafios com espadas em favor da honra beneficiaram a esgrima como esporte. Era nas salas d’armas que a mentalidade cavalheiresca era inculcada, sendo portanto, procuradas por jovens de classe alta e média. Dessa forma a clientela dos clubes, sociedades e academias de esgrima aumentou. Nesses locais, era prezado o exercício, o divertimento e a camaradagem. Mesmo que esses mesmos nobres fossem duelar fora da sala, nela eles deveriam seguir as regras da mesma e praticar

⁸⁶ (...) *had though the world how to put honor on the point of a sword* (HUGHES, 2007, p.19).

uma esgrima não violenta. Esse fato, segundo o autor, promoveu uma esgrima competitiva. Com essa promoção a Itália ao final do século XIX já se tornava uma potência na esgrima e se estabelecia como principal rival da França nessa prática agora mais regrada e institucionalizada. .

Um dos fatores que auxiliou nesse processo de desenvolvimento esgrimístico no país, foi a escolha de apenas um estilo para o seu ensino, o que levou a uma padronização da modalidade, em 1882, sendo selecionado o tratado de Masaniello Parise como aquele referente ao estilo oficial. A versão encontrada do tratado de Masaniello Parise trata-se de uma edição publicada em 1884 e intitulada *Trattato teorico-pratico della scherma di spada e sciabola*. Ao falar sobre a esgrima de seu tempo, o mestre Parise aponta a diferença dos objetivos dela na sociedade. Para o autor o intento da esgrima deixou de ser o duelo e obteve um fim mais nobre:

A esgrima proporciona essa admirável educação física, que tem como objetivo obter o máximo de desenvolvimento de todas as forças corporais, para aprender o uso mais apropriado das técnicas, e infundir tal vigor de caráter, que as qualidades e diretrizes mecânicas não possam mais permanecer em caso algum prejudicadas pela impressão de perigo. A esgrima, em preferência à ginástica propriamente dita, coloca um homem perante outro homem e dá atitudes de ataque e defesa; é o melhor meio de educar as virtudes ofensivas e defensivas de forma harmônica e integrada (PARISE, 1884, p.24 – tradução livre)⁸⁷.

Além desses objetivos, o autor italiano acrescenta aos benefícios da esgrima o aprimoramento da velocidade tanto física como mental. Seguindo o que Vigarello e Holt (2008) escreveram sobre esse período, em que os indivíduos não queriam mais uma saúde - que era simplesmente evitar as doenças - e sim, uma saúde que envolvesse um corpo eficaz fisicamente e mentalmente. Portanto, Parise (1884, p.24 – tradução livre), também estava envolto em discursos que iam ao encontro desses padrões. Para o mestre italiano através da esgrima do século XIX, voltou-se ao conceito grego de ginástica, “(...) de fato, o conceito ético-fisiológico de saúde e felicidade humana é muito melhor alcançado⁸⁸”.

⁸⁷ *La scherma provvede mirabilmente a quella educazione fisica, la quale ha per fine di procurare lo sviluppo massimo di tutte le forze corporali, di apprenderne l'uso più acconcio, ed infondere tale vigoria di carattere che le acquistate qualità meccaniche e direttive non possano restare in caso veruno menomate dalla impressione del pericolo. La scherma, a preferenza della ginnastica propriamente detta, mette l'uomo di fronte all'uomo, e dà attitudini all'attacco e alla difesa; è il miglior mezzo diretto ad educare tutte unite ed armoniche le virtù offensive e difensive* (PARISE, 1884, p.24).

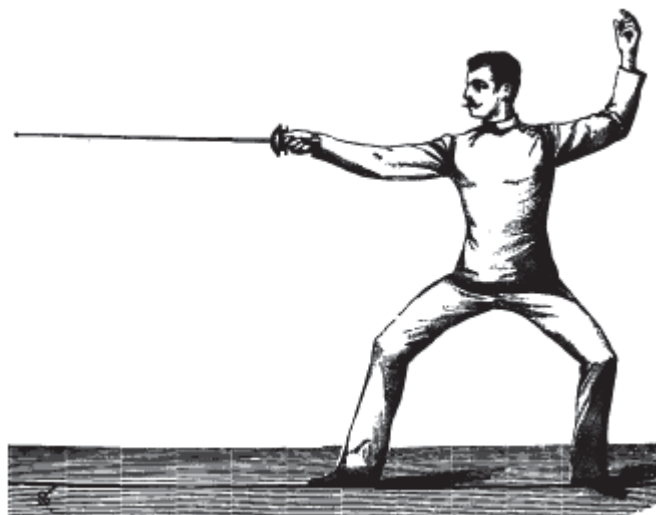
⁸⁸ (...) anzi assai meglio si raggiunge quel concetto etico-fisiologico della sanità e felicità umana (PARISE, 1884, p.24).

Hughes (2007) argumenta que, apesar de na Itália ainda existirem desafios para duelos no meio militar e até mesmo serem oficializados em alguns casos, a prática dos mesmos não foi totalmente legal e grande parte da sociedade italiana não concorda com eles por seu perigo. Por isso, não é de se estranhar que Parise (1884) em seu tratado apontasse primeiramente os benefícios da esgrima, para então começar a discorrer sobre as técnicas de espada, florete e sabre (que no século XIX era a arma preferida dos italianos). Seu tratado foi escolhido para ser ensinado no meio militar, mas ele cita também os torneios, que são jogos de esgrima com público, que se assemelhavam às competições atuais e que, em sua opinião abrilhantavam a arte, visto que são “(...) os grandes torneios, como o de Milão em 1881, onde campeões valiosos, mestres ou amadores descem ao terreno nobre, aumentam o brilho das tradições da pátria (PARISE, 1884, p. 26 – tradução livre)⁸⁹”.

Na sequência desses acontecimentos Pollock *et al.* (1890), ressaltam que no século XIX devia-se praticar a esgrima com máscaras para proteger o rosto. A máscara já havia sido criada, mas ainda era rejeitada por vários esgrimistas por entenderem que o toque no rosto era desonroso e que deveriam confiar no seu oponente de não o fazer. A aceitação da máscara trouxe significativas mudanças nos elementos técnicos da esgrima, como na guarda por exemplo. Antes para evitar o toque no rosto, os esgrimistas entravam na guarda com a cabeça o mais longe do adversário possível e o peso ficava todo sobre a perna de trás, o que fazia dos combates de exercício jogos lentos e irreais (POLLOCK *et al.*, 1890; CZAJKOWSKI, 2010). Com a introdução da máscara a guarda se tornou mais equilibrada com o peso dividido entre as pernas. O equilíbrio corporal e o rosto protegido pelo equipamento, possibilitou um jogo mais real e ágil. Essa guarda pode ser vista no tratado de Masaniello Parise e também no capítulo de Grove sobre a esgrima, sendo similar àquela instituída por Danet na França no século anterior. Nas ilustrações dos dois livros os esgrimistas não estão usando máscaras, porém o uso delas está posto no texto. Na Figura 8 e 9 os esgrimistas se apresentam em uma guarda como a descrita acima, o que facilita o deslocamento do indivíduo. Nessa posição tanto o marchar como o romper podiam ser realizados com facilidade, o que trouxe agilidade ao combate. Os ataques e defesas também poderiam ser executados de forma mais equilibrada, possibilitando sequências maiores de movimentos.

⁸⁹ *Ed i grandi Tornei, come quello di Milano nel 1881, dove scendono sul terreno a nobile gara valorosi campioni, maestri o dilettanti, accrescono lustro alle patrie tradizioni* (PARISE, 1884, p.26).

FIGURA 8 – A GUARDA DE ESPADA



FONTE: Parise (1884)

FIGURA 9 – A GUARDA EM GROVE

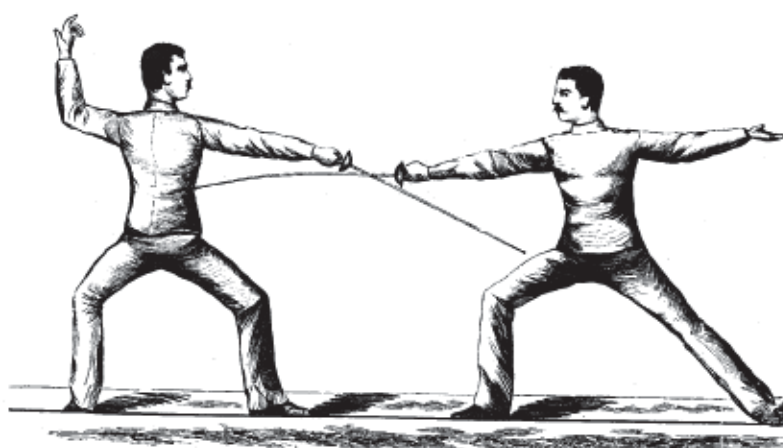
FONTE: Pollock *et al.* (1890)

Também está incluso nas publicações dos dois autores o ritual da cortesia da saudação que deveria ser realizada antes de qualquer assalto. A saudação deveria transmitir ao adversário e ao público a retidão e a elegância do combatente. Apesar de já existir essa

reverência no século XVIII, ela se torna uma regra no século XIX (e ainda é válida, o seu não cumprimento é passível de punição). Entende-se que uma mesura como essa ressalta a continuidade do processo de civilização dos costumes na esgrima. Acredita-se que o uso das máscaras proporcionou liberdade de mais movimentos e força nos exercícios e combates, porém os comportamentos e as técnicas utilizadas também apresentavam como marca um refinamento difundido na Europa oitocentista.

As ilustrações também transmitiam uma maior delicadeza, enquanto a maioria dos tratados apresentados até o momento continham imagens mais violentas, com esgrimistas perfurando uns aos outros. A delicadeza apresentada nos tratados na segunda metade do século XIX é aparente, como na ilustração abaixo, na qual um esgrimista está tomando o ferro adversário e atacando ao flanco sem nenhuma violência aparente, no entanto demonstrando um grande controle corporal:

FIGURA 10 – ATAQUE AO FLANCO EM SEGUNDA



Fianconata di seconda.

FONTE: Parise (1884)

Um detalhe que pode exemplificar essa delicadeza cada vez maior, é o conselho de se usar o dedão e o dedo indicador para guiar a ponta e os outros dedos estariam para o apoio na empunhadura da arma (POLLOCK *et al*, 1890). Porém, a leveza deveria ser treinada, para poder fazer todos os movimentos que agora a esgrima exigia. Tanto Parise (1884) quando Pollock *et al* (1890) apresentam sequências longas de movimentos para ações ofensivas, cheias de fintas, falsos ataques e preparações. Suas instruções e descrições das técnicas são muito parecidas com aquelas encontradas atualmente em livros de esgrima. As técnicas se

tornaram cada vez mais generalizadas, facilitando o ensino, apesar da complexidade ainda encontrada, entretanto, as muitas formas elaboradas por diversos mestres foram deixadas de lado, para dar espaço a técnicas apuradas que poderiam ser “universalizadas”.

Nos assaltos de esgrima, segundo Parise (1884), dado o início do combate, os esgrimistas cada vez que fossem tocados deveriam levantar a mão e sinalizar o toque, às vezes visível através de uma marca na jaqueta, também falando “tocado”. Para que assim, a pessoa que presidissem pudesse julgar e aferir o toque. Além de verificar os toques, o “árbitro” deveria usar a convenção da esgrima para julgar os toques válidos ou não, regra que estava baseada na prioridade que um toque tinha sobre o outro. Por exemplo, aquele que inicia o ataque tem a prioridade, porém a perde quando o seu ataque é devidamente parado, a partir desse momento a resposta do adversário tem a prioridade de toque e assim por diante (convenção que levaria muito tempo para ser explanada aqui). Com base nas descrições do mestre italiano são percebidos indícios de uma quantificação que resultava na vitória, sem certeza da forma exata como ela acontecia, se envolvia avaliação da técnica, número de toques e/ou tempo. Esse fato condiz com o período no qual o manual está inserido.

Vigarello e Holt (2008) descrevem como em diversos exercícios físicos no século XIX foram desenvolvidas formas de escalonar resultados, de comparar números e quantificar a força. Relações entre medidas e força são feitas, e a descrição dos músculos durante os movimentos se torna comum. A geometrização dos movimentos se sobrepõe à destreza, e as técnicas se tornam mais complexas. No tratado de Parise são feitas alusões a essas características, por mais que se tenha buscado uma generalização das técnicas, a complexidade ainda está presente nos diversos movimentos e sequências lógicas de reações para cada ação adversária. Fato também, é que não se lutava mais com as espadas até o momento em que um estivesse desarmado, com ferimentos que impossibilitassem a continuação e/ou até mesmo estivesse morto, cada esgrimista deveria avisar o momento em que fosse tocado e existiam marcas na jaqueta para comprovar o toque, existia alguma quantificação dos toques ou técnicas que definia o vencedor. Parise não descreve se existia um número de toques que garantia a vitória, mas pressupõe-se que esse caminho foi seguido pela contabilização dos toques, que é realizada atualmente nas competições de esgrima.

Com todas essas regras que se deveria seguir percebe-se uma esportivização da esgrima cada vez maior, os torneios já são indicativos disso e as regras que se difundem pelos países praticantes confirmam esse fato. Segundo Vigarello e Holt (2008), porém, a

esportivização nessa época ainda não deve ser considerada como transformação de uma prática corporal em um esporte com o conceito atual. Os autores explicam que o uso da palavra esporte se dava para atividades competitivas, mas, que eram praticadas por amadores. Em alguns casos, conforme aponta Vigarello (2005; 2011), até mesmo era desvalorizado o “treinamento” porque os amadores entendiam que a competição deveria ser entre as capacidades físicas naturais de cada um.

Aquela atividade que uma vez foi vital aos indivíduos, principalmente à nobreza, no século XIX era praticada por amadores que não tinham a pretensão de matarem uns aos outros, mas que através dos assaltos nos clubes, torneios e também no meio militar, encontraram, conforme lembra, Elias e Dunning (1992) uma excitação proveniente do sentimento de perigo e tensão liberados nos combates miméticos.

4.3 Uma atividade bélica se torna um Esporte

Em um contexto social no qual os limiares de tolerância à violência aumentaram muito, em que regras foram criadas para limitar e padronizar hábitos e costumes e o descontrole das emoções passou a ser mais condenado, existia pouco espaço para a vasão de sentimentos e tensões. Norbert Elias (1992a), ao analisar aspectos relativos ao controle das emoções indica que o século XIX foi um período em que diversos países europeus estavam esgotados pelas guerras civis, ou mesmo pelas ameaças delas. Portanto, passavam por um processo de pacificação. A população estava receosa que novos conflitos estourassem, e os governos tinham em suas mãos o monopólio da violência, que o intelectual alemão coloca como a monopolização da força física.

As excitações - antes sentidas através de situações de perigo, como as guerras e lutas internas e externas - ou através da livre expressão de emoções - desde alegria e prazer até tristeza e raiva - agora precisam ser controladas. Mas controladas não quer dizer inexistentes. O indivíduo tem a necessidade de encontrar esse excitamento mesmo que seja de forma regulamentada. Elias e Dunning (1992) discorrem sobre tal necessidade, e a busca pela excitação é que atribui tanto sucesso aos jogos e esportes, na opinião dos autores. Esses podem ser realizados por simples divertimento, ou ainda ser apenas assistidos, mas nas suas diversas manifestações proporcionam aos indivíduos sentimentos e emoções que são ansiadas.

Segundo Elias (1992a), as lutas como forma de jogo ou esporte, são formas miméticas que vem como solução para a “falta” que o ser humano sente da luta real. Segundo o autor os combates miméticos seriam “(...) confrontos realizados por meio do jogo num contexto que pode originar uma excitação agradável, desencadeada pelo combate, com o mínimo de ferimentos nos seres humanos (ELIAS, 1992a, p.95)”.

Norbert Elias não cita diretamente a esgrima em suas análises, entretanto, em diversos momentos surgem exemplificações com lutas que exigem maior contato corporal. Porém, o desenvolvimento da esgrima não deixa de expressar essa mesma trajetória. Uma atividade praticada por militares e pela elite social, apesar de servir ainda como treinamento militar e educação corporal, passa a receber um aspecto ainda maior de divertimento e assume a característica mimética descrita acima.

Bodin (2001) e Loudcher (2006), ao explorar a questão da violência no esporte, indicam que para regularizar esse prazer e deixar que ele seja justo para todos os praticantes, regras e normas foram sancionadas. No caso da esgrima as lutas passam a ser organizadas em formas de torneios competitivos, roupas e adereços foram adaptados e infrações que poderiam levar à violência, minimizadas. A esgrima se torna um esporte competitivo.

Esse processo de esportivização, para Elias (1992c, p.224), “(...) possui o carácter de um impulso civilizador comparável, na sua orientação global, à ‘curialização’ dos guerreiros, onde as minuciosas regras de etiqueta representam um papel significativo (...)”. O autor entende que da forma como os cavaleiros da época medieval precisaram se adaptar às regras de etiquetas para seguir o processo civilizador no qual estavam inseridos, os indivíduos em seus momentos de divertimento, através de diversas práticas corporais necessitavam desenvolver regras para que todos envolvidos pudessem praticá-las e para que essas atividades realmente tivessem momentos de tensão e prazer sem que alguém saísse ferido. Essa adoção de regras é uma das características do que se denominou, segundo sinaliza Gutmann (2004) desporto moderno.

A maioria dos esportes são práticas que, pelas tentativas e erros em proporcionar prazer e liberar tensões de forma equilibrada, acabam sendo envoltas em regras conhecidas aos praticantes, que limitam a força física aplicada e a violência com a qual se pode jogar (BODIN, 2001; LOUDCHER, 2006). Já a esgrima passou por um processo um pouco diferente. Antes mesmo de se tornar um divertimento, não que os esgrimistas não já tenham se divertido com suas espadas nas salas de armas anteriormente, a mesma já era balizada por

diversas regras. Ela exigia disciplina e controle tanto em seus duelos como nas atividades militares. Contudo, esse ordenamento precisava ser modificado para a esportivização da esgrima. Esse processo foi necessário para a continuação dessa prática corporal, para que não se tornasse uma atividade abolida por sua incitação à violência.

Cabe destacar nesse momento da dissertação que não foram encontrados documentos que falassem de forma específica das regras de esgrima do final do século XIX. Porém algumas pistas interessantes são encontradas em um convite para um campeonato de esgrima nos Estados Unidos, publicado no dia 14 de outubro de 1891, pela *Amateur Fencers League of America*, encontrado no arquivo digital do Museu da Esgrima Americana (*AMATEUR FENCERS LEAGUE OF AMERICA*, 1891). Nessa fonte são colocados os regulamentos que iriam ser seguidos e que dão indícios do que vinha sendo seguido naquela época. Nele se encontraram quais seriam os requisitos que iriam pontuar para determinar o vencedor. Os árbitros deveriam julgar os toques dados bem como a técnica e *performance* do atleta. Seriam realizados assaltos de cinco toques.

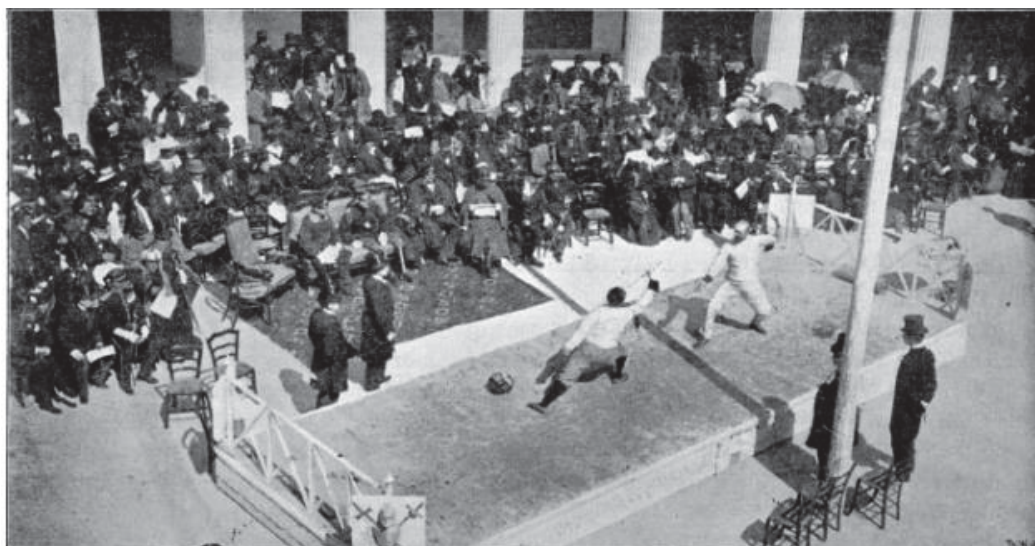
Algumas regras também foram encontradas nos tratados de esgrima, como a saudação que deveria ser feita antes do combate, a convenção de prioridade dos toques, entre outros elementos. Em 1914, Camille Prévost, escreve as regras de florete para a FIE. Contudo, em 1891 em seu manual de esgrima, já tematizava sobre os assaltos com espadas (ou floretes). Nesses assaltos algumas regras utilizadas no fim do século XIX vem à tona. Um assalto não deveria durar mais do que quinze minutos e os oponentes não deveriam gastar tempo com reclamações. Além disso, a área válida para o florete era só no peito do adversário, as costas e braços eram proibidos. Quando os esgrimistas se aproximavam a tal ponto que suas armas ficavam imobilizadas, provocando um corpo-a-corpo, o combate deveria ser parado (como o é atualmente). Por ter como área válida apenas o tronco na parte frontal, vários atiradores esquivavam virando as costas ou se escondendo atrás do braço. Prévost (1891) ao analisar tal questão indica que isso era um abusar do fato do florete ter apenas um botão em sua ponta, pois com uma arma pontiaguda o braço e as costas seriam perfuradas. Tal ação é punida hodiernamente, por ser uma forma do atleta expor a si próprio ao perigo. Essas regras e os torneios, já mencionados anteriormente, são sinais irresolutos do processo de esportivização, consequentemente também frutos do processo de civilização dos costumes levantado por Norbert Elias (1992c; 2001).

Uma das maiores evidências da regulamentação da esgrima e da transformação da mesma em esporte é a presença da modalidade na primeira edição dos Jogos Olímpicos Modernos em 1896. Em Atenas apenas duas armas participaram da modalidade de esgrima: O florete e o sabre. A espada ainda era considerada a arma dos duelos, sendo somente incluída na segunda edição dos jogos em 1900. Cabe destacar que não foram muitos os participantes, mas não foram encontrados dados exatos dos jogos de esgrima. Contudo, os gregos levaram o ouro no florete e no sabre, e um francês conquistou a medalha de prata no florete. Pelo que parece a Itália não participou, portanto, a rivalidade entre França e Itália foi levada às Olimpíadas somente em um período posterior.

Os participantes da esgrima nos primeiros jogos olímpicos modernos eram nobres, e em alguns casos membros de famílias reais europeias (LAMBROS; POLITIS, 1896). Esse padrão mostra que a prática mantinha certa característica elitista. Pela descrição trazida por Lambros; Politis (1896), os combates eram jogados até três toques, quem conseguisse tocar três vezes primeiro vencia o *match*. Todos jogaram contra todos, e aquele com maior número de vitórias venceu a competição.

As imagens reproduzidas abaixo são de combates ocorridos nos jogos de 1896 em Atenas. É visível como era diferente a guarda dos atletas em relação àquelas vistas anteriormente na presente dissertação. O uso de máscaras também caracteriza o cuidado que foi apropriado com o tempo, para que não houvesse ferimentos, principalmente os que desconfigurassem o rosto dos indivíduos envolvidos nos combates. Na primeira imagem, contudo, um dos esgrimistas perdeu a sua máscara, o que não paralisou o combate pela movimentação deles, algo que atualmente seria inconcebível, mas naquela época ainda não deveria ser considerada uma situação perigosa que implicava na interrupção do combate. Trata-se de resquícios da esgrima praticada anteriormente, sem “covardia”. Pode-se notar ainda nas imagens a presença de quatro árbitros, que julgavam os toques de acordo com regras desenvolvidas até então.

FIGURA 11 – ESGRIMA NOS JOGOS OLÍMPICOS DE 1896



FONTE: Lambros; Politis (1896)

FIGURA 12 – COMBATE DE ESGRIMA NOS JOGOS OLÍMPICOS DE 1896



FONTE: International Olympic Comittee (2016)

As normas naquele período ainda não eram muito claras, portanto, existia, segundo salienta Anjos (2004, p.44) uma “(...) necessidade urgente de moralizar a esgrima (...)”, e também de criar um regulamento fixo para a modalidade. Para tal empreitada surge

posteriormente a Federação Internacional de Esgrima (FIE). A FIE foi fundada em 1913 em Paris, e já em sua primeira década de existência divulgou o regulamento que unificou, padronizou e iniciou o processo de universalização da modalidade esgrima (FIE, 2017).

A fundação da FIE e a difusão dos regulamentos que passaram a vincular a prática da esgrima de competição onde quer que ela se realizasse, constitui um ponto de viragem. A partir de então multiplicaram-se os torneios internacionais e a esgrima expande-se para todos os continentes. (ANJOS, 2004, p.44)

Nesse contexto, conforme aponta Guttman (2004), as regras das mais diversas modalidades esportivas passaram a ser mais rigorosas, explícitas e diferenciadas. Sob a forma de esporte moderno, os confrontos de esgrima atingiram um nível de ordem e autodisciplina nunca alcançado antes.

4.4 A consolidação da esgrima como um esporte moderno: um reflexo da civilização dos costumes

A transição dos passatempos a desportos, a “desportivização”, se é que posso utilizar esta expressão como abreviatura de transformação dos passatempos em desportos, ocorrida na sociedade inglesa, e a exportação de alguns em escala quase global, é outro exemplo de um avanço de civilização (ELIAS, 1992a, p.42).

O que significa ser um esporte? Como se sabe que a esgrima se tornou um esporte moderno? Ao buscar a resposta para essas perguntas e entender porque se tornar um esporte faz parte do processo civilizatório, deparou-se com o livro de Allen Guttman (2004). O pesquisador norte americano - apesar de se entender que sua teoria não seja totalmente infalível (LOUDCHER, 2008) e não deveria ser tomada como verdade total e única - traz uma caracterização do esporte moderno objetiva e consistente. Segundo Loudcher (2008, p.3) ele é um dos primeiros pesquisadores a considerar uma definição de esporte que, embora bastante restritiva, é robusta e perdura ao longo do tempo. Suas direções não são uma sequência temporal de como uma modalidade se torna um esporte moderno, porém mostram alguns detalhes do que deveria ser considerado para que uma atividade pudesse ser chamada de esporte. Por isso, se tomou a sua teoria como base para a esportivização da esgrima, entendendo que várias colocações de Guttman se concretizaram na esgrima no final do século XIX e início do século XX.

Para Guttman (2004) são sete os pontos que caracterizam os esportes modernos e todos eles em conjunto diferenciam-nos das práticas corporais antigas, praticadas pelos gregos, romanos, povos primitivos e durante a Idade Média. São eles: 1) secularização; 2) igualdade de oportunidade para competir e nas condições de competição; 3) especialização dos papéis; 4) racionalização; 5) organização burocrática; 6) quantificação; 7) busca por recordes (GUTTMANN, 2004). Portanto, a presente dissertação analisou nesse momento como essa construção teórica levantada pelo intelectual norte-americano se materializou na história da esgrima, tendo em mente que o autor não exclui a possibilidade de algumas dessas características já se apresentarem antes do surgimento dos esportes modernos em algumas modalidades. Contudo, o mesmo entende que é o conjunto das sete que devem ser levadas em consideração e não uma ou outra isoladamente (LOUDCHER, 2008).

Apesar de Castle (1885) indicar que se acreditava que os duelos antigamente tinham o resultado que Deus determinava, não foi encontrado qualquer vestígio de que os combates com espadas a partir do século XVI (limite temporal do presente trabalho) tivessem um caráter religioso ou fosse visto como culto. Logo, desde que a esgrima assume seu caráter moderno, se mostrou secularizada, portanto essa característica já está presente desde o marco temporal estabelecido pela dissertação.

Em relação ao segundo elemento levantado por Guttman (2004), a igualdade de oportunidade para competir, não se pode dizer o mesmo. A esgrima em seus primeiros momentos só podia ser praticada por nobres, e essa distinção ainda continuou por um bom tempo. Como apontado anteriormente por Lambros; Politis (1896) na primeira edição dos Jogos Olímpicos Modernos, em Atenas 1896, a maioria dos participantes da competição de esgrima eram de origem nobre. Existem registros de que mulheres já combatiam antes dos Jogos, porém só puderam competir, e no florete apenas, a partir de 1924. A igualdade para as competições para mulheres só se torna plena em 2004, quando é adicionado o evento de sabre feminino nos Jogos Olímpicos de verão. A busca pela igualdade tanto para as diferentes classes sociais como para os dois sexos não foi algo instantâneo e sim um amplo processo, porém, pode-se dizer que tem sido efetivado.

As regras e padronizações de materiais de esgrima tem oferecido igualdade nas condições de competição para todos os competidores. Por exemplo, a regra oficial divulgada pela FIE em 2017 (*Technical rules*, um documento que é constantemente revisado e divulgado no site da FIE), ordena que os competidores utilizem roupas apropriadas para a

esgrima, sendo estritamente proibido o uso de vestimentas comuns ou de roupas de esgrima que contenham algum tipo de defeito. Outro exemplo seria a exigência de que a luz seja distribuída de tal forma que nenhum dos competidores saia em desvantagem. Essas e outras regras procuram regulamentar condições parecidas para todos, assim proporcionando combates justos.

A terceira característica de um esporte moderno é a especialização dos papéis. Guttmann (2004) traz o exemplo do futebol americano, no qual cada vez mais existem funções específicas para cada atleta em jogos, cada um se especializa em um papel para compor a equipe. Na esgrima a especialização se materializa nas armas. Já no século XVIII e XIX é observado que algumas nações tinham preferências por determinadas armas, como a Itália com o sabre e a França com o florete e *Small Sword*, porém, o objetivo dessa especialização não era o rendimento, e sim, apenas uma preferência na forma de combater. Entretanto, a especialização das armas à qual que se refere é aquela que busca eficiência maior em uma determinada arma. Enquanto anteriormente, principalmente em países iniciantes na esgrima, os atletas lutavam com as três armas, com o tempo o alto rendimento obrigou cada um a se especializar em apenas uma, visto que as pequenas diferenças técnicas passaram a interferir de forma contundente na *performance* de uma arma para a outra. O alto rendimento também tem revelado quais as características fisiológicas que beneficiam o rendimento com cada arma, o que também leva cada vez mais a uma maior especialização.

Segundo Guttmann (2004) a racionalização é relacionada à regulamentação do esporte através de regras estabelecidas e também com o treinamento, que precisa ser cada vez mais planejado e disciplinado para que os atletas possam atingir altos níveis de rendimento. As regras de esgrima estavam presentes nas salas de armas, nos combates de exercícios, nos duelos e nos treinamentos militares. Elas foram sendo aprimoradas de acordo com as transformações sociais e, como visto no transcorrer dos outros dois capítulos da presente dissertação, do processo de civilização dos costumes. Como bem argumenta Guttmann (2004), não basta existirem regras, as mesmas também precisam ser aceitas e divulgadas para toda a comunidade de esgrima, e esse é o desafio para um esporte universalizar suas regras.

Como descrito anteriormente, no final do século XIX, já existiam algumas regras estabelecidas, seguidas pelos atletas em competições como os Jogos Olímpicos e também nos outros torneios já existentes na época. Segundo informações da própria FIE, em 1900, uma comissão se encontrou em um congresso internacional de esgrima, ocorrido durante a segunda

edição dos Jogos em Paris, para debater sobre as regras de esgrima e iniciar um processo de oficialização das regras (FIE, 2013). Nenhuma regra foi adotada naquele instante, porém, a abertura para a criação de um documento regularizador e internacional foi iniciada. Um conjunto de normas foi divulgado oficialmente logo após a criação da FIE em 1913. Atualmente essa mesma federação é responsável pela divulgação e modificações das regras, sendo elas já bem estabelecidas, acessíveis e conhecidas mundialmente.

Como já dito, as regras que colocam em parâmetros o jogo, os materiais, o espaço de combate e a arbitragem da esgrima são responsabilidade da FIE. O que leva à próxima característica levantada por Guttmann (2004) em relação a um esporte moderno: a organização burocrática. A Federação Internacional de Esgrima foi fundada na segunda década do século XX. A criação de uma federação internacional, instituição responsável por uma padronização e hierarquização de organização da modalidade levou também à criação de confederações nacionais. A FIE, além de ter a função colocada acima, também é responsável pela organização de competições internacionais e que ranqueiam os atletas de acordo com seus resultados.

Para obter algum resultado é necessário que haja uma forma de mensurar e comparar as *performances* dos atletas, ou seja, uma forma de quantificação, como é proposto por Guttmann (2004). O desarmamento, o primeiro sangue, o ferimento que desabilita o adversário a continuar lutando e/ou até mesmo a morte não podem ser mais o elemento a determinar o vencedor de um combate em uma sociedade que é considerada cada vez mais civilizada e menos tolerante à violência. Para isso foram colocados números de toques dados e tempos determinados para quantificar a luta de esgrima. Por um certo período de tempo quis se quantificar a técnica e elegância dos jogadores (CASTLE, 1885; *AMATEUR FENCERS LEAGUE OF AMERICA*, 1891), mas esse quesito caiu por terra para ter como únicos fatores determinantes os toques válidos aferidos pelo árbitro e o tempo que pode durar um assalto. Dessa forma, dentro das diferentes fórmulas que foram utilizadas para estruturar uma prova de esgrima ao longo de seu processo histórico, como a *poule*⁹⁰ única, duas rodadas de *poules* classificatórias e então quadro eliminatório ou então a mais utilizada atualmente, uma rodada

⁹⁰ *Poule* é uma fórmula de competição na qual todos os atletas de um grupo jogam contra todos. Por exemplo, na *poule* única, todos os competidores de uma competição devem jogar contra todos e o vencedor é decidido de acordo com o número de vitórias. Já na fórmula mais comumente utilizada atualmente, os atletas são divididos em grupo menores, e então uma rodada de *poules* é jogada, o que quer dizer que todos daquele grupo jogam contra todos do mesmo grupo, e então, é gerada uma classificação entre os competidores do evento, e então passada para um quadro eliminatório.

de *poule* classificatória e quadro eliminatório, se conseguiu estabelecer um modelo para determinar os vencedores das *pugnas*.

Atualmente existem várias provas que um atleta a nível internacional precisa competir durante a temporada, entre elas Copas do Mundo, Mundiais, Grand Prix e a cada quatro anos os Jogos Olímpicos. Para essas provas existe uma pontuação para cada colocação e a soma das pontuações de cada atleta o colocam em um *ranking* internacional. O mesmo acontece em nível nacional e regional. O que aponta à última característica de Guttmann (2004) para um esporte moderno, que seria a busca por recordes. Os recordes na esgrima são determinados pelo número de medalhas, quantidade de vezes que participou em olimpíadas, entre diversos outros aspectos.

Essas características nas quais a esgrima se enquadra não foram enfatizadas na presente dissertação para provar que a mesma se refere a um esporte moderno e sim para demonstrar que a esportivização de uma modalidade não é uma transformação instantânea e sim um processo histórico pelo qual determinado esporte passa. Elias (1992c, p.224) enfatiza que a esportivização “(...) possui o carácter de um impulso civilizador comparável, na sua orientação global, à ‘curialização’ dos guerreiros (...)”, comparando a restrição imposta aos atletas em uma competição esportiva à etiqueta infligida aos cavaleiros da Idade Média. Portanto, algumas características na esgrima já começaram a ser desenvolvidas desde o início da esgrima moderna, desde o momento em que se iniciou o combate com as pontas e outras quando não se tolerou mais a morte através dos duelos. Outras precisaram ser desenvolvidas mais tarde para serem adequadas aos padrões sociais.

A transformação da esgrima, uma atividade bélica, em um esporte moderno está repleta de reflexos do processo de civilização dos costumes. A delicadeza e sensibilidade influenciaram profundamente nas mudanças nos comportamentos dos esgrimistas, nos materiais e armas utilizadas e nas regras que buscaram combates cada vez mais “justos” e dinâmicos. Sob a forma de esportes, segundo Elias (1992c p.224), “(...) os confrontos de jogos envolvendo esforços musculares atingiram um nível de ordem e autodisciplina nunca alcançados até aí (...)”, e o mesmo também é perceptível no jogo das espadas.

A comparação entre o nível de violência verificado nos combates de jogos da Grécia antiga, ou nos torneios e jogos populares da Idade Média, e o que se revela nas provas de desportos actuais mostra claramente o elemento específico do processo de civilização, mas o estudo deste elemento integrante do aspecto civilizador das provas de jogos permanece inadequado e incompleto se não o relacionarmos com

outros aspectos das sociedades de que estes confrontos são manifestações (ELIAS, 1992b, p.211).

Ao ler a diferenciação que Castle (1885, p.2 - tradução livre) faz entre a luta com as espadas do século XV e a esgrima na época em que o autor escreveu o seu livro “(...) do “pancratium” do século XV, em que a luta (na qual predominava a força) e os pulos eram mais úteis do que qualquer outra coisa, ao assalto cortês e acadêmico dos dias modernos, onde elegância e a precisão dos movimentos são altamente considerados – ou deveriam ser – do que a superioridade do número de golpes (...)”⁹¹, e então buscar características dos combates de esgrima atuais, percebe-se que após a esportivização a esgrima novamente prioriza o número de golpes. Porém, agora não mais para exaurir o adversário e se utilizar da força, mas sim o número de golpes bem sucedidos são contados para determinar o vencedor.

Como visto na análise realizada na presente dissertação sobre a trajetória histórica da esgrimam, a sua prática e o seu ensino passaram por diversas instituições. Pelos estabelecimentos militares e salas d’armas, por colégios e liceus, em alguns países como a Alemanha, pelas universidades e, por fim, principalmente a partir do século XIX, nos clubes de esgrima, mas também em associações esportivas. Passou por aprimoramentos em diversos países europeus e os mestres adicionaram elementos que consideravam adequados à sociedade na qual estavam inseridos. A esgrima teve momentos de “glória” e também períodos em que se viu reduzida a um “mero passatempo”. Portanto, uma pesquisa sobre a história desse esporte não poderia ser realizada observando apenas datas, tratados e armas, ele seria, nas palavras de Elias (1992a), desprovidas de contexto. A transformação de uma atividade bélica em um esporte se encontra repleta de atributos que fazem parte de um processo mais amplo de civilização dos costumes.

⁹¹ (...) *from the “pancratium” of the fifteenth century, in which wrestling and leaping were avail than aught else, to the courteous and academic “assaut” of modern days, where elegance and precision of movements are more highly considered – or ought to be – than superiority in the number of hits* (CASTLE, 1885, p.2).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quanto mais profundamente penetramos na riqueza de fatos particulares a fim de descobrir a estrutura e regularidades do passado, mais solidamente emerge um contexto firme de processos dentro dos quais são reunidos os fatos dispersos (ELIAS, 1993, p.263).

O processo de civilização dos costumes não é a causa para as transformações sociais e sim a “consequência” visível dessas. Disputas por territórios até que um grupo dominasse amplas extensões territoriais, a exponencial expansão das cidades e do cenário urbano, uma divisão maior de funções e trabalhos, a curialização dos cavaleiros entre diversas outras transformações, despertaram a necessidade de elaboração de novos modos de comportamentos e costumes. Todas essas questões visando um maior convívio social causaram o aparecimento da palavra civilidade.

Dentre as diversas práticas afetadas pelo processo de civilização de costumes estava a luta com as espadas. As mudanças encontradas na esgrima não se deram numa relação de causa e efeito como o processo de civilização dos costumes. Contudo, esse pode ser nitidamente visto na história da luta de espadas. No transcorrer da presente dissertação são evidenciados inúmeros elementos relativos à transformação ocorrida na prática da esgrima que sinalizaram para sua aproximação com a denominada civilização dos costumes apontadas por Norbert Elias.

As diversas inovações tecnológicas, sobretudo aquelas relacionadas ao desenvolvimento das armas de fogo, acabaram por eliminar o uso das armaduras pesadas e resistentes, retirando de certa forma a centralidade da espada como arma bélica. Contudo, foi o aumento da sensibilidade em relação à violência, o monopólio da força por parte do governo e a civilização dos costumes que contribuíram significativamente na transformação de uma luta bruta em um esporte regado e elegante.

Para apresentar os pontos levantados acima a presente dissertação envolveu uma delimitação temporal que vai do século XVI ao século XIX. Demonstrou em suas linhas a crescente sensibilização presente na história da esgrima através de tratados do manejo das armas, com o auxílio de autores como Castle e Hergsell, tornando assim perceptível ao leitor a civilização dos costumes presentes nessa história.

Durante a Idade Média eram utilizadas armaduras pesadas que serviam como defesa. Afinal, nesse período a espada de lâmina larga e bruta era utilizada para o ataque até

que o adversário chegasse à exaustão com a quantidade de golpes recebidos. A esgrima tinha o caráter bélico e ainda não era considerada como moderna por alguns autores (CASTLE, 1885; HERGSELL, 1896; ANJOS, 2004).

Somente após o desenvolvimento de armas de fogo as armaduras foram deixadas de lado. As lutas com espadas passaram a ser mais dependentes de valências como agilidade, velocidade e habilidade e maneoio. A força e a resistência que tinham grande centralidade se tornam menos evidentes que no modelo anterior. Foi nesse período que começaram a ser trabalhados técnicas e métodos de ensino de uma esgrima então considerada moderna (CASTLE, 1885; VIGARELLO, 2008). Cabe destacar que nesse mesmo momento, conforme apontou Norbert Elias (2001), começava a se formar um poder centralizado, reinados extensos e a curialização dos cavaleiros se tornava necessária para a manutenção do monopólio da força dessa nova ordenação social.

Desde então a esgrima moderna passou a tomar forma. Segundo Castle (1885) e Hergsell (1896) armas mais leves e finas haviam se tornado necessárias para que os cavaleiros pudessem manejá-las com mais facilidade e destreza, visto que a agilidade passou a ser essencial em um combate sem armaduras.

Outro ponto importante de salientar é que não foram somente as armas de fogo que transformaram a esgrima. A intolerância à violência e o aumento da sensibilidade, como se pode perceber ao longo desse trabalho, proporcionaram profundas metamorfoses, como o uso cada vez maior da ponta, as regras para duelos e exercícios militares, equipamentos de proteção e um posicionamento de corpo que possibilitava a defesa e o ataque. Destaca-se a guarda, que no século XVI tinha uma característica bastante ofensiva, e no final do século XIX se mostrava como uma posição que facilitava tanto a defesa quanto o ataque e, com o uso da máscara de proteção, se tornou equilibrada e possibilitou inúmeros avanços técnicos na esgrima.

A delicadeza adquirida ao longo da história da esgrima se materializa nas técnicas, tratados, nos fins para os quais era utilizada e nas regras desenvolvidas, e é bastante visível na transformação das armas utilizadas predominantemente. De uma espada pesada com lâmina larga, para a *Rapiera* que era mais leve e fina, porém ainda não ao ponto de possibilitar movimentos pequenos e complexos. Para atender a essa lógica a *Rapiera* foi substituída pela *Small Sword*, principalmente na França, em um tempo em que a escola francesa se tornava a referência europeia. A *Small Sword* era uma arma leve, utilizada somente com a ponta e seu

manejo podia ser feito com movimentos ágeis, de maior complexidade e em sequências maiores de ataques, fintas, tomadas de ferro, paradas e respostas. Sem esquecer que nessa mesma temporalidade se iniciou a utilização do Florete como arma de exercício nas salas de armas, que com suas pontas rebatidas ofereciam menos perigo de acidentes.

Por fim, chegou-se às armas utilizadas quando a esgrima se tornou um esporte. O Florete, o Sabre e a *Epée* (que em português é chamada de espada). São armas com lâmina flexível, punhos modificados de tal forma que facilitaram a empunhadura e condução da ponta com os dedos e com as quais foi possível lutar com vigor, agilidade, destreza, grande número de movimentações, complexidade, sem perder a elegância e a delicadeza.

As espadas eram armas bélicas que se tornaram símbolos da luta pela honra pessoal, uma forma de resolver querelas e desavenças por amor. Porém, com a crescente intolerância desenvolvida a esse tipo de confronto e a posterior proibição dos duelos, a esgrima passou então a ser praticada como divertimento, ao mesmo tempo em que ainda era utilizada em meio militar como habilidade adicional a uso das armas de fogo, sendo por fim esportivizada e praticada, como coloca Elias (1992a), de forma mimética, para a satisfação da excitação que um dia foi proporcionada pelo perigo do combate pela vida. No resumo desse percurso todo, mas a partir do qual, enriquecidos com os apontamentos de Norbert Elias e Georges Vigarello colocados na presente dissertação, tem-se a relação entre a sociedade, processo de civilização dos costumes e a atividade esportiva milenar que é a esgrima. Um desenvolvimento que perpassou vários séculos e foi influenciado pelo aumento da sensibilidade e, sobretudo, pela diminuição da tolerância à violência.

Portanto, concorda-se com Elias (1992a) quando o intelectual afirma que estudar um esporte sem considerar o tempo e a sociedade na qual ele está inserido, seria fazer uma análise desprovida de contexto. A história da esgrima, sem o entendimento das transformações sociais ocorridas ao longo do processo de civilização dos costumes, traria análises completamente diferentes. Seria um estudo até mesmo ingênuo de trocas de armas, de aquisição de novas técnicas e posturas diferenciadas, mudanças apenas por elas mesmas, sem o porquê delas e as necessidades sociais que causaram tais transformações.

Essa dissertação de mestrado procura evidenciar a relação do contexto sócio histórico com a história do esporte das espadas. Compreende que transformações nessa atividade não ocorrem ao acaso, mas acompanharam de forma bastante evidente os tempos e espaços sociais que estavam inseridos. O que traz à tona a reflexão sobre as diversas transformações que

acontecem no esporte atual, pois não é possível desenvolver novas estratégias esportivas e entender as propostas de mudanças que acontecem, sem analisar em quais contextos estão inseridas. Estudar os esportes e suas diversas manifestações se enriquece com a compreensão histórica, e se esta dissertação instigou essa reflexão, um de seus objetivos foi alcançado.

Entende-se que várias lacunas ainda poderiam ser preenchidas com pesquisas futuras. Como esta dissertação já apresentou uma delimitação temporal muito extensa é colocada como intenção para futura pesquisa um detalhamento maior sobre a institucionalização da esgrima no século XX, e como o avanço no desenvolvimento tecnológico influenciou a prática e a competição na modalidade. Outras questões poderiam ser levantadas também, como, por exemplo, como se deu a participação feminina nas três armas disputadas ao longo do século XX, e se existe uma continuidade na sensibilização do combate e na constante reformulação das regras.

A esgrima é uma atividade presente na sociedade ocidental há vários séculos, não é a única com essa característica, porém teve um desenvolvimento singular, descrito nesse trabalho, pelas facetas que foram exploradas dela como: sua utilidade belicosa, os duelos, exercícios militares, prática para distinção da nobreza, saúde, divertimento e mais recentemente, o esporte. O manuseio de espadas, nas suas diversas utilidades e manifestações, tem sido transformado pelos processos sociais os quais permeia e continuará sendo por não ser uma atividade isolada, mas sim, inserida em um tempo e espaço.

REFERÊNCIAS

Tratados de Esgrima

CAPO FERRO, R. **Gran simulacro dell'arte e dell'uso dela scherma**. Siena, 1610.

DANET, G. **L'art des armes**. Paris, 1766.

MAROZZO, A. **Opera Nova**. Bologna, 1536

PARISE, M. **Trattato teorico–pratico della scherma di spada e sciabola**. Roma: Tipografia Nazionale, 1884.

Bibliografia

ALMEIDA, A. J. História da Educação Física no exército brasileiro: história do corpo e formação do estado. São Paulo: **Revista de História do Esporte**, vol. 3, n.2, 2010.

AMATEUR FENCERS LEAGUE OF AMERICA. Fencing Rules, 14 de outubro de 1891. Disponível em: <<http://museumofamericanfencing.com/wp/october-14-1891-first-fencing-rules/>> . Acesso em: 15 de janeiro de 2018.

ANJOS, A. M. F. **A inserção da esgrima no currículo da Escola Nacional de Educação Física e Desportos (1938-1974) – uma perspectiva histórica**. 2004. 180f. Dissertação (Mestrado em Ciência da motricidade Humana) – Universidade Castelo Branco, Rio de Janeiro, 2004.

BACELLAR, Carlos. Uso e mau uso dos arquivos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2008.

BALAGNY, P. **Tratado de Esgrima**. São Paulo: 1911.

BARSOTTINI, D.; GÓIS JR, E.; SILVA, S. A. P. S. A influência francesa na estruturação da escola de educação física da força pública de São Paulo (1906-1914). **Materiales para la Historia del Deporte**, n.11, 2013.

BLOCH, M. **Apologia da história, ou, O ofício do historiador**. Tradução, André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BODIN, Dominique. **Sports et violences**. Paris: Chiron, 2001.

BRAUDEL, F. **A Identidade da França: o Espaço e a História**. São Paulo: Globo, 1989.

CARMONA, E.K. **Um panorama histórico da esgrima em Porto Alegre: dos primórdios da prática até a organização de sua entidade própria**. 2012. 51 f. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2012.

CARMONA, E. K.; MARTINI, S. R. B.; MAZO, J. Z. O ensino da esgrima no Rio Grande do Sul: o caso das cidades de Porto Alegre e Pelotas. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.13, n.2, p. 162-180, 2014.

CANTARINO FILHO, M. R. A esgrima brasileira: 200 anos. In: DACOSTA, L. (org.) **Atlas do Esporte no Brasil**, 2005.

CASTLE, E. **Schools and masters of fence**: from the Middle Ages to the eighteenth century. London: George Bell and Sons, 1885.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ESGRIMA, www.brasilesgrima.com.br, 2017. Acesso em junho de 2017.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ESGRIMA, www.cbesgrima.com.br, 2018. Acesso em março 2018.

COURTINE, J. J.; HAROCHE, C. **História do rosto**: exprimir e calar as suas emoções (do século XVI ao início do século XIX). Petrópolis: Vozes, 2016.

CRAMER RIBEIRO, A. T. **Esgrima**. Revista Brasileira de Educação Física, ano 5, n.13, p. 56-69, 1973.

CRAMER, J. C.; CAMPOS, F. K. D. História da Esgrima, da criação à atualidade. **Revista de Educação Física**, n.137, p.65-69, 2007.

CZAJKOWSKI, Z. Domenico Angelo – A great fencing máster of the 18th century and Champion of the sport fencing. **Studies in Physical Culture and Tourism**, Katowice, Poland, v.17, n.4, 2010.

DRÉVILLON, H. Do guerreiro ao militar. In: CORBIN, A; COURTINE, J.-J.; VIGARELLO, G. **História da Virilidade**: A invenção da virilidade da Antiguidade às Luzes. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

ELIAS, N. **O processo civilizador, volume I**: uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

ELIAS, N. **O processo civilizador, volume 2**: formação do estado e civilização. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

ELIAS, N. **A sociedade de corte**: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

ELIAS, N. Introdução. In: ELIAS, N.; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: DIFEL, 1992a.

ELIAS, N. A génese do desporto: um problema sociológico. In: ELIAS, N.; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: DIFEL, 1992b.

ELIAS, N. Ensaio sobre o desporto e a violência. In: ELIAS, N.; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: DIFEL, 1992c.

ELIAS, N.; DUNNING, E. A busca da excitação no lazer. In: **A busca da excitação**. Lisboa: DIFEL, 1992.

ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO EXÉRCITO. **Esgrima**: vol.3. Rio de Janeiro: Gráfica da ESEFEx, s/d.

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE ESGRIMA, www.fie.org, 2017. Acesso em junho de 2017.

GUTTMANN, A. **From ritual to record**: The Nature of modern sports. New York: Columbia University Press, 2004.

HERGSELL, G. **Die Fechtkunst im XV. und XVI. Jahrhunderte**. Prag: Selbstverlag druck von Carl Bellmann, 1896.

HUGHES, S. C. **Politics of the Sword: Dueling, Honor, and Masculinity in Modern Italy**. Ohio: The Ohio State University Press, 2007.

HUNT, Lynn. Revolução Francesa e vida privada. In: PERROT, Michelle. **História da Vida Privada 4**: da Revolução Francesa à Primeira Guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 18-46.

LAMBROS, SP. P.; POLITIS, N. G. **Die Olympischen Spiele**. Tradução de Mich. Deffner. Leipzig: Carl Beck, 1896.

LE GOFF, J. A História Nova. In: LE GOFF, J.; CHARTIER, R.; REVEL, J. **A História Nova**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

LE GOFF, J. **Para uma outra Idade Média**: tempo, trabalho e cultura no Ocidente. Petrópolis: Vozes, 2014.

LE GOFF, J.; TROUG, N.. **Uma história do corpo na Idade Média**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

LIMA, S. F.; CARVALHO, V. C. Usos sociais e historiográficos. In: PINSKY, C. B.; LUCA, T. R. (orgs.). **O Historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2013.

LOUDCHER, Jean-François. **Histoire de la savate, du chausson et de la boxe française**: d'une pratique de rue à un sport de compétition (1797-1978). Paris: L'Harmattan, 2000.

LOUDCHER, Jean-François. Penser la violence en sciences sociales du sport. **Esporte e Sociedade**, Niterói, v. 1, n.2, p. 1-12. 2006.

LOUDCHER, Jean-François. À propos de la traduction française du livre de Allen Guttman, *From Ritual to Record: the Nature of Modern Sports*. **Staps**, v. 80, n. 2, 2008, p. 39-51.

LUCA, T. R. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, C. B. (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2008.

MATVEEV, L. P. **Fundamentos do treino desportivo**. Lisboa: Livros Horizonte, 1986.

NÓBREGA, T. P. Qual o lugar do corpo na educação? Notas sobre conhecimento, processos cognitivos e currículo. **Educação & Sociedade**, v.26, n.91, pp.599-615, 2005.

INTERNATIONAL OLYMPIC COMITEE. Olympic games. Disponível em: < <https://www.olympic.org>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2018.

PILLA, M. C. B. A. Manuais de Civilidade, Modelos de civilização. **História em Revista (UFPel)**, v. 9, n. 2, pp. 105-134, 2003.

PIRENNE, H. **História econômica e social da idade média**. São Paulo: Mestre Jou, 1968.

POLLOCK, W. H.; GROVE, F. C.; PRÉVOST, C. Fencing. In: **Fencing, Boxing, Wrestling**. POLLOCK, W. H.; GROVE, F. C.; PRÉVOST, C.; MICHELL, E.B.; ARMSTRONG, W. Londres: Longmans, Green and Co., 1890.

PRÉVOST, C. L'escrime. In: PRÉVOST, C.; JOLLIVET, G. **L'escrime et le duel**. Paris: Librairie Hachette et C, 1891.

REVEL, J. Os usos da civilidade. IN: CHARTIER, R. **História da vida privada, 3: Da renascença ao século das luzes**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

SERNA, P. Le manuel d'escrime. Science du savoir-vivre élégant ou "art de tuer son homme proprement"? In: **Dix-huitième Siècle**, nº34, 2002. Christionisme et Lumières, p. 349-370.

SHOEMAKER, R. B. The taming of the duel: masculinity, honour and ritual violence in London, 1660-1800. **The historical journal**, 45 (3), p. 525-545, 2002.

VALARINHO, J. **Espadas e Floretes**. Lisboa: 1993.

VIGARELLO, G. **História das Práticas de Saúde: a saúde e a doença desde a Idade Média**. Lisboa: Editorial Notícias, 1999.

VIGARELLO, G. **Corrigir el cuerpo: historia de um poder pedagógico**. Buenos Aires: Nueva Visión, 2005.

VIGARELLO, G. Exercitar-se, Jogar. IN: CORBIN, A; COURTINE, J.-J.; VIGARELLO, G. **História do corpo: Da renascença as luzes**. Petrópolis: Vozes, 2008.

VIGARELLO, G.; HOLT, R. O corpo trabalhado: Ginastas e esportistas no século XIX. IN: CORBIN, A.; COURTINE, J.-J.; VIGARELLO, G. **História do corpo: Da revolução à grande guerra**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

VIGARELLO, G. Treinar. In: CORBIN, A; COURTINE, J.-J.; VIGARELLO, G. **História do Corpo: As Mutações dos Olhar. O Século XX**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

VIGARELLO, G. **O sentimento de si**: história da percepção do corpo. Petrópolis: Vozes, 2016.

WEINECK, J. **Manual de treinamento esportivo**. São Paulo: Manole, 1991.

ZAKHAROV, A. **Ciência do treinamento desportivo**. Adaptação científica: Antonio Carlos Gomes. Rio de Janeiro: Grupo Palestra Sport, 1992.